



Universidade de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



**Desporto e Turismo: Análise da Procura e da
Oferta dos Estágios de Atletismo no Algarve.
Estudo de caso aplicado ao Complexo Desportivo de Vila Real
de Santo António.**

Dissertação elaborada com vista à obtenção do grau de
Mestre em Gestão do Desporto

Orientadora:
Professora Doutora Maria Margarida Ventura Mendes Mascarenhas

Júri:

Presidente

Professor Doutor Gustavo Manuel Vaz da Silva Pires

Vogais

Professora Doutora Elsa Cristina Sacramento Pereira

Professor Doutor Paulo Alexandre Correia Nunes

Professora Doutora Maria Margarida Ventura Mendes Mascarenhas

Filipe Manuel Rodrigues dos Santos
2015

Dedico este trabalho aos meus pais.
Verdadeiros atletas no campo e na
vida!

Agradecimentos

Depois de terminada esta “maratona”, torna-se imperativo agradecer a todos aqueles que me apoiaram na realização deste trabalho e no meu percurso de ligação aos estágios de atletismo.

Um especial agradecimento à Professora Margarida Mascarenhas, sempre disponível, presente e encorajadora nesta temática do Desporto e Turismo.

À Professora Elsa Pereira cujo conhecimento da realidade algarvia no que concerne ao mercado do turismo desportivo, permitiu a integração de sugestões que em muito melhoram a qualidade da investigação.

À Sr.^a Vereadora do Desporto da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, Dr.^a. Conceição Cabrita, pela disponibilidade e apoio no processo de recolha de dados e no envolvimento dos vários responsáveis do município.

Ao Prof. António Francisco, pelas informações que me transmitiu e que tornaram possível entender o desenvolvimento histórico do Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António e as relações estabelecidas a nível nacional e internacional que permitiram a promoção deste equipamento desportivo.

Um agradecimento ao Prof. Lara Ramos, pelos dados que me facultou relativamente à história e organização do *Cross* das Amendoeiras, evento que considero ter contribuído decisivamente para a internacionalização da região do Algarve no seio de várias organizações desportivas de toda a Europa, particularmente, enquanto destino para a realização de estágios e eventos de atletismo.

Ao Mário Botelho e ao Sérgio Cordeiro, empresários nesta área do Turismo Desportivo, que com muito entusiasmo e dedicação têm promovido os nossos centros desportivos e a região além-fronteiras.

Aos dirigentes e treinadores dos clubes e federações que colaboram na elaboração dos questionários e aos atletas que têm preferido o Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António para a sua preparação e melhoria das suas capacidades técnicas e físicas.

Devo ainda agradecer aos gestores e responsáveis pelos complexos desportivos existentes no Algarve, e que também proporcionam condições para acolher estágios de atletismo, pela disponibilidade para a minha visita e pelos dados que facultaram para esta investigação.

Um agradecimento a todos os colegas do Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António, os quais têm, ao longo de muitos anos, desenvolvido um trabalho exemplar no apoio e acolhimento aos atletas e equipas que realizam estágios desportivos nas instalações do complexo.

Finalmente, agradecer aos meus pais por todo o apoio e presença nos bons e nos maus momentos e, fundamentalmente, por sempre terem apoiado as minhas decisões.

Resumo

O crescimento individual do turismo e do desporto, bem como dos respetivos paralelos, originou, nos finais do século XX, a afirmação do turismo desportivo enquanto área de conhecimento científico. Embora muitos autores já tenham desenvolvido estudos que analisaram esta interligação, escasseiam investigações na vertente específica dos estágios desportivos em contexto turístico aplicados em Portugal. O presente estudo teve como objetivo geral aprofundar o conhecimento sobre a procura e a oferta deste nicho de mercado na região do Algarve, no contexto específico do Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António, enquanto destino para a realização dos estágios de atletismo. Face ao objeto da investigação em causa, o estudo de caso foi eleito como método da presente investigação. O processo combinado de recolha de dados englobou pesquisa documental, inquéritos por questionário, entrevistas qualitativas semiestruturadas, e conversas informais. Os dados de natureza qualitativa foram analisados à luz da análise de conteúdo; os dados de natureza quantitativa foram tratados com recurso ao *software Microsoft Office Excel 2007* segundo a abordagem das estatísticas descritivas. No cômputo dos resultados desta investigação realçamos três aspetos fundamentais: (1) identificação dos fatores diferenciadores do CDVRSa, atribuindo a esta infraestrutura desportiva um conjunto de vantagens competitivas enquanto destino de excelência para a realização de estágios de atletismo; (2) caracterização da procura, da concorrência regional e internacional, e dos *stakeholders* que operam neste nicho de mercado; (3) evidência do segmento de turismo desportivo, nomeadamente o dos estágios desportivos de atletismo, como uma poderosa ferramenta na estratégia de combate aos efeitos negativos da sazonalidade na região do Algarve.

Palavras-chave: Estágios de atletismo; gestão do desporto; oferta do desporto; procura do desporto; turismo desportivo.

Abstract

The individual growth of tourism and sport, as well as their parallels, originated in the late twentieth century, the affirmation of sports tourism as a scientific field of knowledge. Although many authors have already developed studies that examined this interconnection, the investigations in this specific aspect of sports training in tourism context applied in Portugal are scarce. This study had the overall objective to deepen knowledge on the demand and the supply of this niche market in the Algarve region in the specific context of Vila Real de Santo Antonio Sports Complex, as a destination for the achievement of athletics training. Given the subject of this investigation, the case study was chosen as the method of the present investigation. The combined process of data collection comprised documental research, questionnaire survey, qualitative semi-structured interviews and informal conversations. Qualitative data were analyzed based on content analysis; quantitative data were processed using the Microsoft Office Excel 2007 software according to the approach of descriptive statistics. As part of the research results we highlight three fundamental aspects: (1) identification of the differentiating factors of CDVRS, attributing this sports infrastructure a number of competitive advantages as a destination of excellence for conducting athletics training; (2) characterization of demand, regional and international competition, and stakeholders operating in this market niche; (3) evidence of sports tourism segment, and in particular of sports training athletics, as a powerful tool in combat strategy to the negative effects of seasonality in the Algarve region.

Keywords: Athletics training camps; sports demand; sports management; sports offer; sports tourism.

Índice

| | |
|---|-----|
| Introdução | 14 |
| 1.Turismo, Desporto e Turismo Desportivo: Conceptualização | 17 |
| 1.1. Turismo | 17 |
| 1.1.1. Sobre o desenvolvimento internacional da definição de Turismo | 17 |
| 1.1.2. Conceitos básicos e definições | 20 |
| 1.1.3. Estatísticas do turismo internacional em 2012 | 23 |
| 1.1.4. Tipos de turismo | 24 |
| 1.2. Desporto | 25 |
| 1.3.Turismo Desportivo | 27 |
| 1.3.1. Conceptualização | 27 |
| 1.3.2. Evolução do fenómeno do turismo desportivo | 30 |
| 1.3.3. Tipologias e categorias do turismo desportivo | 32 |
| 1.3.4. Os mercados do turismo desportivo | 37 |
| 1.3.5. Qualidade dos produtos de turismo desportivo | 44 |
| 2.Procedimentos metodológicos | 46 |
| 2.1.Método de investigação | 46 |
| 2.2.Recolha de dados | 46 |
| 2.3.Tratamento de dados | 48 |
| 3.Caracterização do contexto geral e específico do CDVRSa | 49 |
| 3.1.Caracterização do contexto geral do CDVRSa | 49 |
| 3.1.1. Geografia | 49 |
| 3.1.2. Demografia | 52 |
| 3.1.3. Economia | 53 |
| 3.1.4. Turismo | 53 |
| 3.1.5. Desporto | 56 |
| 3.1.6. Turismo Desportivo | 59 |
| 3.2. Caracterização do contexto específico do CDVRSa | 64 |
| 4. Apresentação e discussão dos resultados | 89 |
| 4.1.CDVRSa: Turismo desportivo na vertente dos estágios de atletismo | 89 |
| 4.1.1. Análise evolutiva do fenómeno dos estágios de atletismo no Algarve | 89 |
| 4.1.2. CDVRSa: caracterização da procura atual dos estágios de atletismo | 93 |
| 4.1.3. Análise da concorrência do CDVRSa na região do Algarve | 106 |
| 4.1.4. Análise da concorrência do CDVRSa a nível internacional | 111 |
| 4.2. Análise da procura do CDVRSa | 112 |
| 4.2.1. Realização de estágios no estrangeiro e destinos preferenciais | 113 |
| 4.2.2. Critérios de escolha dos destinos para a realização de estágios de atletismo | 115 |
| 4.2.3. Sazonalidade dos estágios de atletismo | 116 |
| 4.2.4. Duração dos estágios de estágios de atletismo no estrangeiro | 119 |

| | |
|--|-----|
| 4.2.5. Estimativa de participantes em estágios no estrangeiro na época 2012/13 | 120 |
| 4.2.6. Previsão do preço da diária para estágios de atletismo no estrangeiro | 121 |
| 4.2.7. Orçamento anual para estágios de atletismo no estrangeiro | 123 |
| 4.2.8. Atributos do CDVRSA na ótica da procura | 125 |
| 4.2.9. Serviços médicos: carácter decisivo do atributo | 126 |
| 4.2.10. Serviços científicos: carácter decisivo do atributo | 128 |
| 4.2.11. Influência da certificação IAAF na escolha do CDVRSA | 129 |
| 5. Conclusões e implicações para a gestão | 131 |
| Referências bibliográficas | 138 |

Índice de figuras

| | |
|---|-----|
| Figura 1. Dimensões do turismo desportivo | 29 |
| Figura 2. Capa da revista <i>Springtime</i> | 30 |
| Figura 3. Tipologia do turismo desportivo | 33 |
| Figura 4. Categoria de <i>Sports Training</i> | 34 |
| Figura 5. Modelo explicativo do fenómeno Desporto & Turismo | 36 |
| Figura 6. Grupo de jovens atletas da Irlanda durante uma sessão de treino no CDVRSa | 39 |
| Figura 7. Atletas a treinar nos percursos do pinhal (mata nacional) | 40 |
| Figura 8. Localização de VRSA e tempo de voo entre Faro e algumas cidades europeias | 50 |
| Figura 9 Fotografia aérea da vila turística de Monte Gordo | 56 |
| Figura 10. Prova de atletismo X Milhas do Guadiana, edição de 2013 | 59 |
| Figura 11. Estágio de futebol da equipa feminina do clube VfL Wolfsburg | 62 |
| Figura 12. Prática de caminhada no pinhal (<i>nordic hiking</i>) por um grupo proveniente da Suécia | 63 |
| Figura 13. Classe de <i>fitness</i> na praia de Monte Gordo | 64 |
| Figura 14. Organigrama da Câmara Municipal de VRSA | 68 |
| Figura 15. Planta do Complexo Desportivo de VRSA | 69 |
| Figura 16. Fotografia das instalações desportivas do CDVRSa | 72 |
| Figura 17. Cartaz do Mundialito de Atletismo 1999 | 87 |
| Figura 18. Cartaz promocional do 1º Cross Internacional das Amendoeiras | 90 |
| Figura 19. Cross Internacional das Amendoeiras | 91 |
| Figura 20. Atleta paralímpico durante o treino de lançamento do disco | |
| Figura 21. Brochura da agência <i>Tourea Sports</i> | 103 |
| Figura 22. Brochura da agência Viagens Laranja | 104 |
| Figura 23. Desdobrável do CDVRSa divulgado no ano 2014 | 105 |
| Figura 24. Estágio da seleção britânica antes dos Jogos Olímpicos de Londres 2012 | 106 |
| Figura 25. Sazonalidade dos estágios de atletismo no CDVRSa | 116 |
| Figura 26. Parque de estacionamento de bicicletas do CDVRSa no pico alto da sazonalidade | 119 |
| Figura 27. Duração dos estágios de atletismo no estrangeiro | 119 |
| Figura 28. Nº de atletas que os clubes estimam integrar nos estágios de no estrangeiro na época 2012/13 | 120 |
| Figura 29. Nº de atletas que as federações estimam integrar nos estágios de no estrangeiro na época 2012/13 | 121 |
| Figura 30. Clubes: valor estimado da diária/atleta relativa a estágios no estrangeiro | 122 |
| Figura 31. Federações: valor estimado da diária/atleta relativa a estágios no estrangeiro | 122 |
| Figura 32. Orçamento anual (2013) das federações para a realização de estágios no estrangeiro | 124 |
| Figura 33. Classificação dos atributos do CDVRSa por parte dos utentes | 126 |

Figura 34. Brochura do Centro Médico Internacional instalado no CDVRSa

127

Índice de tabelas

| | |
|--|-----|
| Tabela 1. Categorias da procura do turismo desportivo | 34 |
| Tabela 2. Temperaturas médias do ar do concelho de VRSA | 51 |
| Tabela 3. Precipitação média no concelho de VRSA | 51 |
| Tabela 4. Caracterização da população de VRSA | 52 |
| Tabela 5. Procura e oferta turística de VRSA em 2012 | 56 |
| Tabela 6. Clubes e modalidades desportivas no concelho de VRSA | 57 |
| Tabela 7. Eventos desportivos realizados no concelho de VRSA | 61 |
| Tabela 8. Instalações desportivas do CDVRSa | 71 |
| Tabela 9. Tipologia das instalações desportivas do CDVRSa | 73 |
| Tabela 10. Centros de Desenvolvimento Regional da IAAF | 74 |
| Tabela 11. Centros de Treino de Alto Rendimento da IAAF | 75 |
| Tabela 12. Centros de Treino Acreditados pela IAAF (ATC) | 77 |
| Tabela 13. Caracterização técnica do ATC do CDVRSa | 78 |
| Tabela 14. Lista de funcionários do CDVRSa | 80 |
| Tabela 15. Rendimentos e Gastos do CDVRSa no ano 2012 | 81 |
| Tabela 16. Rendimentos do CDVRSa | 81 |
| Tabela 17. Número de utências do CDVRSa | 82 |
| Tabela 18. Estágios desportivos no CDVRSa: nº de utentes e utências por modalidade | 83 |
| Tabela 19. Eventos desportivos realizados no CDVRSa em 2013 | 85 |
| Tabela 20. Estágios de atletismo no CDVRSa: utentes, utências e receitas | 97 |
| Tabela 21. Estágios de atletismo no CDVRSa: países de origem dos utentes | 99 |
| Tabela 22. Estágios de atletismo no CDVRSa: hotelaria, utentes e dormidas | 100 |
| Tabela 23. Sazonalidade dos estágios de atletismo em 2011, 2012 e 2013 | 101 |
| Tabela 24. Agências promotoras do CDVRSa. | 102 |
| Tabela 25. Indicadores da concorrência ao CDVRSa na região do Algarve | 108 |
| Tabela 26. Preços e serviços incluídos pela concorrência | 109 |
| Tabela 27. Pontos fortes e fracos da concorrência | 110 |
| Tabela 28. Concorrência internacional do CDVRSa | 112 |
| Tabela 29. Destinos preferenciais dos utentes - atuais e potenciais - do CDVRSa | 114 |
| Tabela 30. Critério de escolha dos locais para estágios de atletismo | 116 |
| Tabela 31. Calendarização dos estágios por parte dos clubes | 117 |
| Tabela 32. Calendarização dos estágios por parte das federações | 118 |
| Tabela 33. Orçamento anual para estágios no estrangeiro em 2013 | 124 |
| Tabela 34. Classificação dos atributos do CDVRSa por parte dos utentes | 125 |
| Tabela 35. Carácter decisivo dos serviços médicos na escolha do local de estágio | 127 |
| Tabela 36. Carácter decisivo dos serviços médicos na escolha do local | |

| | |
|---|-----|
| de estágios pelos clubes e federações | 128 |
| Tabela 37. Carácter decisivo dos serviços científicos na escolha do local de estágio | 128 |
| Tabela 38. Carácter decisivo dos serviços científicos na escolha do local de estágio pelos clubes e federações | 129 |
| Tabela 39. Influência da certificação pela IAAF na escolha do CDVRSA para a realização de estágios de atletismo | 130 |

Listagem de Anexos

- Anexo 1. Solicitação de autorização para investigação
- Anexo 2. Proposta de investigação apresentada à autarquia
- Anexo 3. Questionário em inglês
- Anexo 4. Questionário em português
- Anexo 5. Guião das entrevistas realizadas à concorrência
- Anexo 6. Guião das entrevistas realizadas às agências de viagem
- Anexo 7. Estágios de atletismo ocorridos no CDVRSa
- Anexo 8. Brochura do CDVRSa (1993)
- Anexo 9. Folheto CDVRSa (2004)
- Anexo 10. Folheto dos percursos da mata nacional (2001)
- Anexo 11. Capa da brochura do CDVRSa (2008)
- Anexo 12. Folheto do CDVRSa (2008)
- Anexo 13. Folheto do CDVRSa (2014)
- Anexo 14. *Website* do CDVRSa (2014)
- Anexo 15. Folheto do Hotel Apolo

Introdução

O turismo representa um dos sectores com maior desenvolvimento e importância económica no nosso país, tendo-se assistido nos últimos anos a uma diversificação de produtos turísticos e a um aumento significativo da oferta e da procura. Segundo Pires (2007), o desenvolvimento humano deve ser entendido como um esforço sustentado, com um horizonte temporal de longo prazo, no sentido de, através de processos de liderança partilhada, promover mudanças culturais e tecnológicas necessárias à organização do futuro para o qual o desporto deve contribuir. Neste sentido, importa considerar e analisar o impacto e o desenvolvimento da relação entre desporto e turismo, particularmente num período em que o nosso país pretende apostar na internacionalização dos seus Centros de Alto Rendimento, enquanto potenciais destinos para o treino de atletas e equipas estrangeiras. Vários autores (Hinch & Higham, 2004; Ritchie & Adair, 2004; Standeven & De Knop, 1999; Weed, 2008) têm vindo a estudar o turismo desportivo, apresentando alguns estudos de caso em que são identificadas as dimensões espaciais e temporais deste fenómeno. Podemos verificar como algumas cidades e regiões têm definido um posicionamento estratégico neste tipo de turismo e daí ganhar vantagem competitiva internacional, enquanto destinos para a prática desportiva.

O objeto de estudo desta investigação é precisamente um fenómeno nacional e de internacionalização do Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António (CDV RSA), situado na região turística portuguesa do Algarve, relacionado com uma tipologia específica de turismo desportivo ativo, mais precisamente, com a vertente dos estágios desportivos de atletismo. Face à identificação deste fenómeno de turismo desportivo no concelho de Vila Real de Santo António, o objetivo geral desta investigação consiste em caracterizar e compreender a procura e a oferta dos estágios de atletismo no CDV RSA, enquanto destino de excelência para a realização de estágios de atletismo. Em conformidade, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- (1) Caracterizar a procura dos estágios de atletismo no CDV RSA e na região do Algarve;

- (2) Identificar os atributos que potenciam a atratividade do CDVRSa para a realização de estágios de Atletismo, na ótica da procura;
- (3) Analisar a concorrência existente na região e identificar outros destinos internacionais escolhidos para a realização de estágios de atletismo;
- (4) Identificar outros agentes de negócio neste segmento específico do mercado de turismo desportivo;
- (5) Conhecer a satisfação dos utentes pelos serviços do CDVRSa;
- (6) Estimar os impactos directos gerados com a atividade dos estágios de atletismo, quer ao nível da economia local quer do emprego.

Dada a parca existência de estudos sobre o turismo desportivo dos estágios desportivos, em particular, em Portugal, os resultados do presente estudo serão de uma grande utilidade, não só para a gestão do CDVRSa, uma vez que conferem a informação necessária sobre o respetivo posicionamento estratégico neste nicho de mercado específico, como enquanto contributo para o aprofundamento desta área de conhecimento académico.

O presente trabalho de investigação está estruturado em cinco capítulos, a saber:

- 1) O **Capítulo I** é reservado à revisão bibliográfica relativamente aos conceitos de turismo, desporto e turismo desportivo. Procurou-se abordar com alguma profundidade a conceptualização de Turismo Desportivo defendida por alguns autores, em termos de categorias, segmentos de mercado, impacto económico e qualidade dos produtos de turismo desportivo.
- 2) A metodologia utilizada é explanada no **Capítulo II**, nomeadamente quanto ao método de investigação escolhido e aos procedimentos concernentes à recolha e ao tratamento de dados.
- 3) No **Capítulo III** é feita a caracterização geral e específica do CDVRSa, nomeadamente quanto ao espaço geográfico, assim como o contexto social, económico e desportivo em que este fenómeno de turismo desportivo se desenvolve - concelho de Vila Real de Santo António no Algarve – e ainda quanto a todos aspetos relacionados com a atividade desenvolvida pelo CDVRSa.

- 4) No **Capítulo IV** são expostos e discutidos os resultados alcançados.
- 5) Por último, no **Capítulo V**, com vista à concretização dos objetivos específicos delineados para o presente trabalho de investigação, são apresentadas as conclusões do estudo do CDV RSA. No sentido de reforçar e potenciar - estratégica e operacionalmente - os serviços do CDV RSA enquanto agentes de desenvolvimento do turismo desportivo, são ainda delineadas algumas sugestões a incorporar pela respetiva equipa de gestão.

O facto de o autor do presente estudo exercer funções na coordenação desta atividade desde 2006, enquanto Técnico Superior da Câmara Municipal de V RSA, constitui-se como a principal motivação para o aprofundamento do conhecimento empírico do fenómeno, razão aliás que está na base da escolha do tema desta dissertação.

Capítulo I

Turismo, Desporto e Turismo Desportivo: Conceptualização

1.1. Turismo

1.1.1. Sobre o desenvolvimento internacional da definição de Turismo

Em conformidade com a Organização Mundial do Turismo (OMT, 1995a), em 1937 deu-se o primeiro passo para o desenvolvimento das definições internacionais relacionadas com o turismo pelo Conselho da Liga das Nações, o qual recomendou a definição de “turista internacional” para fins estatísticos.

Segundo Holloway (1989), citado por Marques (2005) era considerado como “turista internacional” todo o indivíduo que “viaja por um período de 24 horas ou mais de um país para outro” (p.27); de acordo com autor, esta definição visava as pessoas que viajavam por prazer, por descoberta, por motivos pessoais ou de saúde, e ainda por motivo de negócios. Nesta definição ignorava-se o turismo doméstico ou interno. Contudo, esta definição foi superficialmente alterada pela *International Union of Official Travel Organizations* (IUOTO) durante a reunião que decorreu em 1950, em Dublin. Posteriormente, em 1953 a Comissão de Estatística das Nações Unidas estabeleceu o conceito de “visitante internacional”. Em 1963, a Conferência das Nações Unidas sobre o Turismo Internacional que decorreu em Roma, recomendou a definição dos termos “visitante”, “turista” e “excursionista” de acordo com o proposto pela IUOTO. Estas definições são subsequentemente examinadas pelo grupo de especialistas das Nações Unidas em estatística do turismo internacional em 1967 e aprovadas pela Comissão de Estatísticas das Nações Unidas em 1968 (OMT, 1995a).

De acordo com Marques (2005), em 1970, o Centro de Investigação Turística Internacional em conjunto com a Organização de Cooperação do Desenvolvimento Económico (OCDE), definiu o que são “férias” como:

“qualquer estadia de pelo menos quatro noites sucessivas, fora do domínio habitual por motivos alheios aos profissionais, patológicos ou de falecimento de membros da família” (p.28).

A importância do turismo e dos seus efeitos abrangentes foram reconhecidos na Declaração de Manila Sobre o Turismo Mundial, durante a Conferência Mundial sobre o Turismo que decorreu em 1980, em Manila (OMT, 1995b). Esta declaração estabelece que o Turismo é considerado uma atividade essencial para a vida das nações devido aos seus efeitos diretos nos sectores social, cultural, educacional e económico das sociedades nacionais e nas suas relações internacionais.

Em 1989, na Declaração de Haia sobre o Turismo, a OMT proclamou o turismo como um meio de cooperação internacional e de partilha entre os povos e como fator de desenvolvimento individual e coletivo (Marques, 2005). Posteriormente em 1991, a OMT e o Governo do Canadá organizaram em Ottawa a Conferência Internacional sobre Estatísticas de Viagens e Turismo, a qual juntou representantes das Administrações Nacionais de Turismo, a indústria do turismo, Gabinetes de Estatísticas Nacionais e organizações nacionais e internacionais, de modo a considerar o desenvolvimento de estatísticas do turismo de confiança (OMT, 1995b). A conferência produziu um conjunto de resoluções que definiram as necessidades estatísticas para a análise da indústria, pesquisa de mercado, desempenho da indústria e previsões de turismo. Isto compreendeu um conjunto de recomendações relacionadas com conceitos, definições e classificações abrangendo a unidade básica do turismo, a procura turística, a oferta turística e a despesa turística.

Devido ao aumento e abrangência do impacto do turismo nas sociedades e a consequente necessidade de pesquisa e conhecimento, tornou-se necessário definir o que se entende por “Turismo”. Isto é particularmente importante do ponto de vista estatístico, na medida em que, para as avaliações estatísticas serem precisas, é necessário que seja claro o que efetivamente é avaliado.

Segundo a OMT (1995a), o Turismo tem sido tradicionalmente definido em termos das atividades dos turistas/visitantes ou em termos das atividades comerciais oferecidas aos turistas/visitantes, ou seja, tanto no âmbito da procura como no âmbito da oferta.

Neste sentido, em 1991, durante a Conferência Internacional sobre Estatísticas de Viagens e Turismo que se realizou em Ottawa, foi aceite a conceção em termos do lado da procura como a abordagem adequada para definir “Turismo”. Em conformidade, “Turismo” foi definido como “*as actividades desenvolvidas pelas pessoas que viajam e permanecem em locais situados fora do seu ambiente habitual, por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros*” (OMT,1994, p.5). Esta definição reconhece o turismo como abrangendo uma ampla variedade de atividades e vai para além da perceção comum de turismo como sendo limitado apenas à atividade de férias.

Em 1993, na sequência desta conferência, a OMT, constatando a falta de aderência e de aplicabilidade das definições existentes, propõe à Comissão de Estatística das Nações Unidas um conjunto de “Recomendações Sobre Estatísticas do Turismo”, sendo apresentado de forma clara o conceito de turismo, de turista e de excursionista (Marques, 2005).

Marques (2005), apresenta-nos assim os conceitos adotados pela OMT em 1993, a qual define o turismo como “um fenómeno socioeconómico e cultural que se baseia na deslocação de pessoas (turistas) para locais diferentes da sua residência habitual, onde permanecem por períodos superiores a 24 horas e inferiores a 12 meses, com objetivos de lazer, utilizando as facilidades de alojamento, alimentação e outras oferecidas no destino” (p. 29). Ainda segundo as recomendações da OMT, aqueles que viajam por períodos inferiores a 24 horas são chamados “excursionistas”.

1.1.2. Conceitos básicos e definições

Em 2008 a OMT atualizou as recomendações sobre as estatísticas do Turismo estabelecidas em 1993, assim como atualizou a Conta Satélite do Turismo, de modo a manter a comparabilidade internacional das estatísticas. Neste sentido, a OMT (2008) desenvolveu conceitos básicos e definições acerca do turismo, considerando uma abordagem conceptual na perspetiva da procura nas definições que se enunciam:

a) **Visitante**: é um viajante que se desloca para um determinado destino fora do seu ambiente habitual, por menos de um ano, por um fim específico (negócios, lazer ou outros motivos pessoais) exceto sendo empregado por uma entidade residente no país ou local visitado. Estas viagens realizadas pelos visitantes são qualificadas como viagens de turismo. Turismo refere-se à atividade dos visitantes.

b) Um viajante interno, de entrada ou em saída, durante uma viagem de turismo é designado **visitante** interno, de entrada ou em saída, respetivamente.

c) Além disso, a viagem de um visitante interno, de entrada ou em saída é designada de **turismo** interno, de entrada ou em saída, respetivamente.

d) Turismo é portanto um subconjunto de **viagens** e os **visitantes** são um subconjunto de **vijantes**. Estas distinções são cruciais na compilação de dados acerca do fluxo de viajantes e visitantes, bem como para a credibilidade das estatísticas do turismo.

e) Um visitante (interno, de entrada ou em saída) é classificado como **turista** (ou **visitante que pernoita**) se a viagem incluir a pernoita ou um **visitante do dia** (ou **excursionista**) caso não inclua pernoitar.

Segundo a OMT (2008), e de acordo com as diferentes formas de turismo, os visitantes classificam-se em duas categorias: visitantes internacionais e visitantes domésticos (internos).

Segundo Cunha (2003), a definição a adotada pela OMT, tendo como quadro concetual o lado da procura turística, tem a desvantagem de não revelar a

oferta no âmbito do sistema turístico. Tal verifica-se por apenas incluir no turismo as atividades desenvolvidas pelos visitantes, não fazendo referência a todo o complexo de atividades produtoras de bens e serviços que servem direta e indiretamente os visitantes e cuja existência permanece mesmo não existindo deslocações nem estadas. Segundo Midleton (1996), citado por Cunha (2003), a definição da OMT integra três elementos fundamentais e caracterizadores do turismo: a) Em primeiro lugar, a atividade dos visitantes respeita aos aspetos da vida fora do ambiente habitual, com exclusão da rotina normal de trabalho e das práticas sociais; b) Em segundo lugar, estas atividades implicam a viagem e, normalmente, algum meio de transporte para o destino; c) em terceiro e último lugar, o destino é o espaço de concentração das facilidades que suportam aquelas atividades. Ora, conjugando estes três elementos caracterizadores podemos retirar uma conclusão fundamental para a inclusão ou não de certas atividades no conceito de turismo: todas as atividades económicas, culturais e recreativas que sejam predominantemente destinadas à utilização dos residentes ou das pessoas que se desloquem para o local onde se situam para aí desenvolverem uma atividade remunerada, não podem ser classificadas como turísticas (Cunha, 2003).

Segundo a OMT (2008), uma das mais importantes questões no âmbito da análise estatística do turismo é a descrição e avaliação do papel do turismo na oferta de bens e serviços, ou seja, classificar o lado da oferta. Neste sentido, a OMT (2008) estabelece um conjunto de definições e conceitos para uma reconciliação abrangente dos dados do turismo relacionados com a oferta e a procura, classificando os produtos e atividades produtivas para o turismo e as indústrias do turismo. A lista de categorias de produtos e atividades características do consumo turístico e classificados pela OMT, integra os serviços (produto) e atividades relacionados com o desporto e recreação.

De acordo com Ritchie e Adair (2004), as definições de turismo variam conforme o termo é aplicado desde a perspectiva da oferta (indústria) ou a ótica da procura (consumidor). Smith (1988), citado por Ritchie e Adair (2004) identificou a existência de muitas definições legítimas de turismo que servem muitas e diferentes legítimas necessidades. Além do mais, muitas definições de

turismo variam de acordo com as organizações ou indivíduos, tentando definir os seus próprios motivos para as atividades turísticas e oportunidades. De acordo com o autor, existe uma razão comum abrangida por muitas das definições. Uma recente definição de turismo afirma que é requerido no mínimo uma estadia de 24 horas num determinado local para que um indivíduo seja considerado turista.

Segundo Hollander (1982), citado por Ritchie e Adair (2004), a indústria do turismo tem sido definida como um sector que “abrange todas as actividades que oferecem, directa ou indirectamente, produtos e serviços comprados pelos turistas” (p.7). Hall (1995), citado por Ritchie e Adair (2004), acredita que três fatores tendem a realçar-se quando se examinam várias definições acerca da indústria do turismo: a) a indústria do turismo é vista essencialmente como uma indústria de serviços; b) a inclusão de atividades de negócio, prazer e de lazer dá ênfase à “natureza dos produtos requeridos pelo viajante para tornar a viagem mais sucedida, fácil e agradável” (p.7); c) a noção de “ambiente local” refere-se à arbitrária delimitação da distância limite ou a duração da estadia incluindo dormida.

McIntosh, Goeldner e Ritchie (1995) citados por Ritchie e Adair (2004) apresentam uma abordagem baseada em mais sistemas, quando define turismo como “ a soma de fenómenos e relações surgidas da interação de turistas, promotores de negócios, governos e comunidades de acolhimento no processo de atração e hospitalidade desses turistas e outros visitantes” (p.7). Esta definição inclui os potenciais impactos que os turistas poderão originar na comunidade hoteleira, que até recentemente era uma componente ignorada no processo de conceptualização (Ritchie & Adair, 2004). Contudo, segundo Ritchie e Adair (2004), alguns autores defendem o turismo como um sistema integrado de componentes que geralmente contêm vários fatores interrelacionados: a) o lado da procura, que consiste no mercado do turismo e as suas características (motivações, percepções, sóciodemografias); b) o lado da oferta, que consiste na indústria do turismo (transportes, atracções, serviços informativos); c) a perspectiva do impacto do turismo, à luz da qual são

analisadas as consequências – diretas ou indiretas e ainda, positivas ou negativas - do turismo sobre um determinado destino e nos próprios turistas; d) uma abordagem origem-destino que demonstra a interdependência entre os locais de origem e os destinos recetores e os destinos em trânsito (via estrada) e a sua procura, oferta e impactos.

1.1.3. Estatísticas do turismo internacional em 2012

Segundo a OMT (2013), em 2012, as chegadas de turistas internacionais (visitantes que pernoitam) cresceram 4%, superando globalmente a barreira dos 1000 milhões pela primeira vez na história. Assim, apesar da constante incerteza económica mundial, a procura do turismo internacional registou uma subida durante o ano de 2012. Com um incremento de 40 milhões de turistas, as chegadas de turistas internacionais alcançaram os 1.035 milhões, partindo dos 995 milhões registados em 2011. A Europa, que representa mais de metade do total mundial, teve um aumento de 3%, ou seja, 18 milhões de chegadas. As viagens de férias, recreio e outros tipos de lazer foram responsáveis por mais de metade de todas as chegadas de turistas internacionais, 52%, ou seja, 536 milhões de chegadas. Cerca de 14% dos turistas internacionais indicaram que viajavam por negócios ou motivos profissionais e 27% viajaram por outros motivos, tais como visitas a amigos e familiares, motivos religiosos ou de peregrinação, tratamentos de saúde, etc. Não especificaram os motivos das visitas os restantes 7% das chegadas.

As receitas do turismo internacional, por seu turno, também cresceram 4% em termos reais durante o ano de 2012, alcançando um novo máximo histórico de 837.000 milhões de euros, em termos mundiais. Sendo este resultado similar ao crescimento das chegadas de turistas internacionais, verificamos que o aumento percentual das viagens não foi obtido à custa de uma diminuição de receitas, em termos globais.

1.1.4. Tipos de turismo

Através do conhecimento dos diversos motivos que levam as pessoas a viajar é possível identificar uma grande variedade de tipos de turismo (Cunha, 2003). De referir que as pessoas deslocam-se para determinados locais onde se localizam os fatores que constituem o objeto da sua procura. Atendendo a este facto, o autor conclui que existe uma relação direta entre os motivos que levam as pessoas a viajar e as características dos diversos destinos, podendo estes satisfazer motivações muito diversificadas. Um determinado destino, pelas suas características e pela diversidade de atrativos que oferece, pode dar resposta às motivações culturais, profissionais, desportivas e outras dos visitantes.

Segundo a OMT (2008), um “produto de turismo” representa a combinação de diferentes aspetos (as características dos locais visitados, os modos de transporte, os tipos de alojamento, atividades específicas, etc.) em torno de um específico centro de interesse, tais como, percursos na natureza, vida rural, visitas a locais históricos e culturais, visita a uma cidade em particular, a prática de uma modalidade desportiva específica, a praia e outros. Esta noção de “produto de turismo” não está relacionada com o conceito de “produto” usado nas estatísticas económicas, mas em vez disso é usado pelos profissionais dos negócios de turismo para vender pacotes específicos e destinos. Neste sentido, é possível falar de específicos tipos de “produtos de turismo” tais como, turismo gastronómico, ecoturismo, turismo urbano, turismo de sol e praia, agroturismo, turismo de saúde, turismo de inverno, etc. Esta classificação tem sido cada vez mais solicitada e usada pelos agentes de turismo como uma ferramenta de marketing (OMT, 2008). Atendendo a que estes “produtos” ainda não são suficientemente caracterizados de uma maneira uniforme, a OMT não estabelece nenhuma recomendação internacional para o uso deste tipo de classificação.

De acordo com Marques (2005), a oferta turística de uma região pode ser composta por uma gama de produtos temáticos como sejam o Turismo de Sol e Mar; o Turismo de Golfe; o Turismo de Saúde; o Turismo Desportivo; o

Turismo no Espaço Rural; o Turismo de Congressos e Incentivos; o Turismo Religioso; o Turismo Cultural; Turismo de Formação; Turismo Industrial; Ecoturismo; Turismo Cinegético; Turismo Urbano e de Compras; Turismo de Jogo. A nível nacional, e em conformidade com o Plano Estratégico Nacional para o Turismo (2011), são definidos 10 produtos estratégicos e as prioridades de desenvolvimento desses produtos em termos regionais. Estes produtos são: a) Turismo de Sol e Mar; b) Golfe; c) Turismo de Negócios; d) City Break; e) Turismo Cultural e Religioso; f) Turismo Residencial e *Resorts*; g) Turismo de Natureza; h) Turismo de Saúde e Bem-estar; i) Turismo Náutico e de Cruzeiros; e j) Turismo Gastronómico e Vinhos.

1.2. Desporto

Segundo a Carta Europeia do Desporto (1992), entende-se por desporto todas as formas de atividades físicas que, através de uma participação organizada ou não, têm por objetivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis. Esta definição, ampla e inclusiva do desporto alarga a sua relevância a toda a população, dando ênfase ao seu valor, enquanto fator significativo num âmbito social mais abrangente. Contudo, segundo Pires (2007), o desporto é uma atividade humana composta por cinco elementos de conteúdo psicológico, sociológico, político e organizacional. São eles: jogo, movimento, agonística, instituição e projeto. Na atualidade é indiscutível a importância do desporto a nível social, económico e político, sendo necessário ter presente as cinco componentes do desporto referidas, sem as quais o desporto não terá expressão numa sociedade cada vez mais virtual, onde outras formas de ocupação do tempo e dos espaços estão surgir.

Para Coakley (2001), citado por Ritchie e Adair (2004), uma definição de desporto deve fazer referência a quatro fatores fundamentais: (a) Condição física - o uso de aptidão física ou esforço físico; (b) Aptidões físicas complexas - coordenação, equilíbrio, rapidez, precisão, velocidade, força e resistência, com exceção das atividades não-físicas tais como o xadrez e cartas, e

incluindo a utilização humana de equipamentos e máquinas, isto é, desportos motorizados; (c) Institucionalização e competição - cumprimento de regras normalizadas sob a supervisão de organismos oficiais, pelo que os aspetos organizativos e técnicos são importantes e existe formalidade no ensino das técnicas de jogo; e (d) Participação individual motivada pela combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos - recompensas intrínsecas através do envolvimento (dinâmicas da atividade, jogo, divertimento, etc.) e recompensas extrínsecas (salário, prémios monetários, medalhas, fama). Coakley (2001) citado por Ritchie e Adair (2004) propõe justamente uma definição específica utilizada no âmbito do desporto organizado: “*O Desporto é uma actividade competitiva institucionalizada que envolve um esforço físico vigoroso ou a aplicação de aptidões relativamente complexas por indivíduos cuja participação é motivada por uma combinação de factores intrínsecos e extrínsecos*” (p.4).

Guttman (1974), citado por Ritchie e Adair (2004), identifica sete características que, no seu ponto de vista, são condições previamente necessárias para que um desporto possa ser aceite e fazer parte das sociedades modernas: (a) Secular - ausência do elemento religioso do desporto, isto é, não competir para agradar aos Deuses; (b) Igualdade - participação aberta para todos, em que todos os competidores enfrentam o mesmo conjunto de condições competitivas; (c) Especialização - desenvolver aptidões físicas para posições e tarefas específicas; (d) Racionalização – a direção do desporto é assegurada por regras específicas, condições de competição, tipo de equipamentos, etc.; (e) Burocratização - as competições desportivas são reguladas por organizações, garantindo hierarquias de poder e responsabilidade; (f) Quantificação - predileção por medição precisa dos desempenhos atléticos; e (g) Records - providenciar arquivos dos resultados alcançados pelos atletas ao longo do tempo, de acordo com certas condições, etc.).

Além destas definições, é preciso ter em consideração que as atividades desportivas podem ser tanto formais como informais, devendo assim ser importante considerar um conceito de desporto que integre tanto a vertente de competição como a vertente de recreação. Ritchie e Adair (2004) concluem

acerca deste assunto, que tanto o desporto de competição como o desporto de recreação são formas legítimas de conceptualização das atividades físicas, que admitem ser consideradas no âmbito da definição de desporto.

1.3. Turismo Desportivo

1.3.1. Conceptualização

De acordo com Cunha (2003), as motivações desportivas que implicam viajar dizem respeito um amplo espectro da população, em termos de idades e de estratos sociais, quer para assistir a manifestações desportivas (Jogos Olímpicos, Campeonatos de Futebol, Grandes Prémios de Fórmula 1, etc.) como para praticar as mais variadas atividades desportivas (ténis, golfe, esqui, etc.). No entender do autor, no primeiro caso o desporto surge como um espetáculo em relação ao qual os viajantes assumem uma atitude passiva e, no segundo, a atividade desportiva resulta de uma participação ativa do viajante. Segundo Hall (1992), citado por Standeven e De Knop (1999), o turismo desportivo evidencia-se em duas categorias, viajar para participar em atividades desportivas e viajar para observar atividades desportivas. Neste sentido, o turismo desportivo pode ser definido como o ato de viajar por razões não comerciais, para participar ou observar atividades desportivas fora do local de residência. As experiências também podem ocorrer como fazendo parte das férias ou como um complemento de apoio à viagem de negócios. Para Standeven e De Knop (1999) a definição de turismo desportivo é a que compreende “todas as formas de envolvimento activo ou passivo em actividades desportivas, com uma participação de modo casual ou organizada por razões não comerciais ou de negócios/comercial, que implica viajar para fora da localidade de residência e trabalho” (p. 12). Segundo os autores, nem o desporto nem o turismo são adequadamente descritos como indústrias, são atividades que atraem as pessoas. Enquanto o desporto se refere a uma experiência de atividade física, o turismo relaciona-se com a experiência de viajar e de descobrir outros locais. O termo desporto é tido como significado de toda a variedade de atividades de competição e de não competição,

pressupondo que estas implicam capacidades, estratégia e/ou oportunidade de envolvimento por parte das pessoas, ao seu próprio nível, simplesmente para desfrutar e treinar ou para publicamente elevar a sua performance para níveis que aclamam a excelência. Standeven e De Knop (1999) apresentam uma definição de turismo similarmente ampla, definindo turismo como um movimento temporário de pessoas para fora do seu local habitual de residência e trabalho, envolvendo experiências diferentes das atividades da vida quotidiana.

Segundo Hinch e Higham (2001), o turismo desportivo é definido como uma viagem baseada no desporto, para fora do ambiente de residência por um tempo limitado, em que o desporto é caracterizado por um conjunto único de regras, relacionado com a competição em termos de aptidão física e jogo. O desporto é reconhecido como atividade preponderante durante as viagens, tanto sendo a razão principal ou secundária da viagem. Estes autores conceptualizam o turismo desportivo no contexto da atividade desportiva e das suas dimensões, espacial e temporal (Figura 1). De acordo com Hinch e Higham (2001) as várias definições de turismo desportivo tendem a alinhar as dimensões espaço, tempo e atividades, identificadas nas principais definições de turismo.

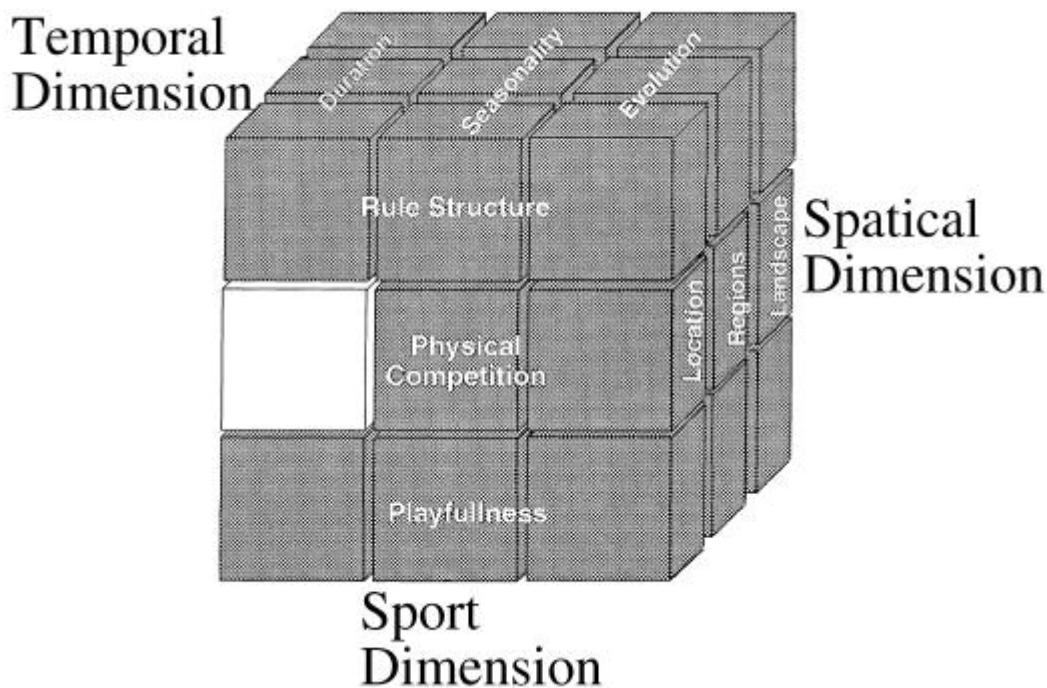


Figura 1. Dimensões do turismo desportivo (Hinch e Higham, 2001, p. 53)

Gammon e Robinson (1997) citado por Ritchie e Adair (2004) apresentam uma abordagem similar para definir turistas desportivos, embora eles prefiram classificá-los enquanto participantes *hard* ou *soft*. Assim, um turista desportivo *hard* é a pessoa que viaja devido a um envolvimento passivo ou ativo em atividades desportivas competitivas, em que a principal motivação da viagem é o desporto. Um turista desportivo *soft* é alguém que está primeiramente envolvido na recreação ou no lazer mais do que em atividades competitivas.

Gibson (2001), citado por Weed (2008), sugere uma definição de turismo desportivo que subdivide a área em três conjuntos comportamentais distintos, isto é: uma viagem com base no lazer que temporariamente retira os indivíduos da sua comunidade local para participarem em atividades físicas, para assistirem a atividades físicas ou para venerar atrações associadas com atividades físicas. Esta conceptualização do turismo desportivo apresenta três fatores de comportamento distintos, a saber: (a) Viajar para participar; (b) Viajar para assistir; e (c) Viajar para venerar, adorar ou celebrar o Desporto.

Pereira e Carvalho (2004) não adotam a terminologia de turismo desportivo, preferindo usar a nomenclatura de “desporto e turismo”, o qual sugerem que pode ser definido como as dinâmicas que se estabelecem entre as práticas desportivas e o sistema turístico, tanto na vertente do lazer como da competição, onde invariavelmente se deve equacionar as práticas (*Practice*), as pessoas (*People*) e os locais (*Place*).

1.3.2. Evolução do fenómeno do turismo desportivo

O desporto associado ao turismo remonta ao tempo dos jogos da antiguidade grega. Segundo Marques (2005), encontram-se as primeiras manifestações turísticas nos Jogos Olímpicos com origem na Grécia no ano de 776 a. C. Estes jogos tinham um cariz sacro-religioso e caracterizavam-se por estarem associados à “Trégua Sagrada”, uma vez que todos os povos participantes e envolvidos nos jogos interrompiam as hostilidades. Para a autora, iniciam-se neste acontecimento os primeiros circuitos de turismo desportivo/religioso.



Figura 2. Capa do primeiro número da revista *Springtime*.

Em Fevereiro de 2001, a OMT e o Comité Olímpico Internacional (COI) organizaram a maior conferência internacional acerca do desporto e do turismo, que teve lugar em Barcelona. Esta conferência foi um momento decisivo no reconhecimento da relação entre o Desporto e o Turismo pelas organizações internacionais responsáveis pelo desporto e pelo turismo. Esta conferência revelou a realidade da procura turística para experiências desportivas, a expansão da indústria para dar resposta a essa procura e o aumento da investigação académica e a publicação de artigos relacionados com o turismo desportivo (Hinch e Higham, 2004). Na Figura 2 encontra-se ilustrada uma imagem correspondente à capa do primeiro número da revista *SpringTime*, em 1982, sendo que o seu editor veio a ser, em 1990, o fundador da empresa *SpringTime Travel*.

No entender de Keller (2001), citado por Hinch e Higham (2004), os eventos de larga escala desde os Jogos Olímpicos da antiguidade tiveram uma importante influência no ato de viajar. Delpy (1998), citado por Hinch e Higham (2004), menciona que o grande número de viajantes que atualmente procuram um envolvimento ativo ou passivo em atividades desportivas é um fenómeno com um desenvolvimento mais recente.

Existe uma significativa convergência de interesses entre o turismo e o desporto. O desporto é uma importante atividade no seio do turismo, e o turismo e o ato de viajar estão fundamentalmente associados a muitos tipos de desporto. A confluência específica dos dois conceitos assume variações de acordo com as perspetivas dos interessados – *stakeholders* - e dos seus particulares interesses no turismo desportivo (Hinch e Higham, 2004).

Em 2004, a relação entre turismo e desporto mereceu uma especial atenção por parte Comité Económico e Social Europeu (CESE, 2005) ao decidir elaborar um parecer intitulado “Turismo e Desporto; reptos futuros para a Europa”. As principais conclusões referidas neste parecer são: (1) *O turismo e o desporto podem ser concebidos como laboratórios para o desenvolvimento, intercâmbio e partilha de valores positivos, baseados no respeito pelo outro e*

orientados para o conhecimento mútuo, a tolerância e o acolhimento recíproco. São, com efeito, sectores naturalmente vocacionados para tal missão e o seu papel assume particular importância no contexto de uma sociedade cada vez mais dinâmica, marcada por profundas transformações socioculturais, geopolíticas e tecnológicas; (2) O turismo e o desporto podem ainda dar um importante contributo para a realização dos objectivos fixados na Estratégia de Lisboa. Com efeito, o seu crescente impacte económico poderia vir a ser um verdadeiro motor da economia da União Europeia, sobretudo se se explorassem plenamente todas as oportunidades de desenvolvimento e de difusão das competências ligadas a estes dois sectores (p. 21).

1.3.3. Tipologias e categorias do turismo desportivo

Standeven & De Knop (1999) apresentam uma tipologia de turismo desportivo de acordo com o tipo de participação do turista desportivo, ou seja, atendendo ao lado da procura. No entender dos autores, os turistas desportivos podem ser considerados ativos ou passivos. O turista desportivo ativo pode envolver-se em *sport activity holidays*, em que a prática desportiva é o principal motivo da viagem, ou em *holiday sport activities* em que a prática desportiva é acidental durante as férias. Os turistas desportivos passivos podem ser também distinguidos de acordo com a importância que o desporto tem no propósito da viagem. Neste sentido, os autores identificam os *connoisseur observers* como sendo aqueles que têm um envolvimento passivo extenso, como sejam os espectadores ou os dirigentes e técnicos (*officiators*). Os turistas desportivos passivos – também denominados *casual observers* - são aqueles que simplesmente apreciam observar um evento mas tal acontecimento não faz parte do planeamento da viagem. A Figura 3 apresenta graficamente os tipos de turismo desportivo considerados pelos autores.

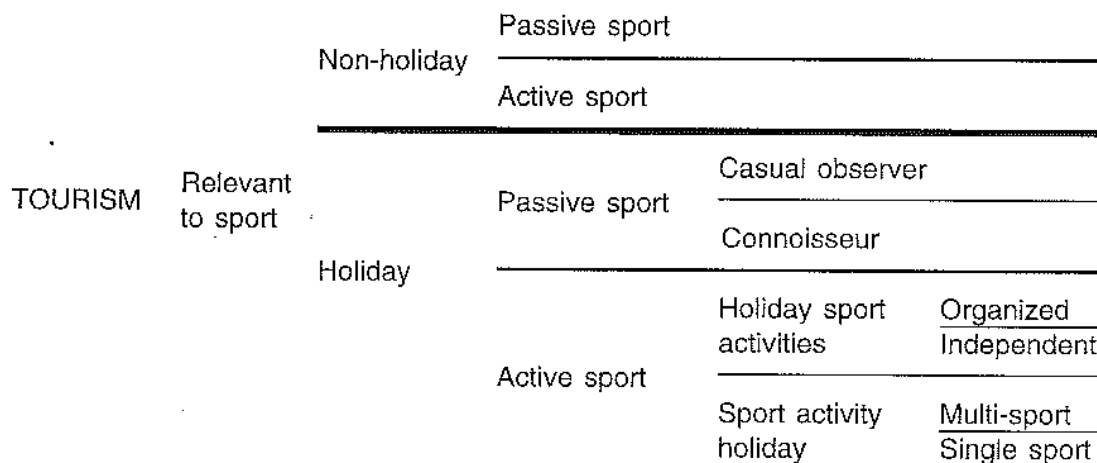


Figura 3. Tipologia do turismo desportivo de Standeven e De Knop (Weed & Bull, 2004, p. 75).

No âmbito da relação entre desporto e turismo, Reeves (1999) refere que De Knop (1990) apresenta uma análise da tipologia baseada no trabalho de Glytis (1981), que desenvolveu cinco categorias gerais do turismo desportivo, do ponto de vista da procura. Estas categorias são: Treino desportivo; Especializada ou geral; Férias desportivas de luxo; Férias normais com teor desportivo; Espectador de eventos. A Tabela 1 apresenta as características destas categorias, segundo o modelo de Glytis (Glytis, 1981).

Tabela 1. Categorias da procura do turismo desportivo (Glytis, 1981).

| Category of Demand | Description |
|--|--|
| 1) Sports training | For advantage of climate and/or facilities and usually undertaken at the elite level of sports performance. |
| 2) Specialist or general | Provided in the main by the commercial sector and activity holidays aimed at higher socio-economic groups. |
| 3) Upmarket sports holidays | Which include shooting, hunting, game fishing and golf with luxury accommodation and ancillary services and facilities. |
| 4) General holidays with sports content | These are usually organised on a club or resort basis. The sports opportunities available often involve family wide participation. |
| 5) Spectator events | These involve individual and group travel on national and international levels with events ranging from football matches to the Olympic Games. |

A categoria *Sports Training* (Figura 4), em que a vantagem proporcionada por destinos com climas favoráveis é uma das principais características, é a categoria que em que se inclui este estudo de caso. De Knop (1990) destaca esta categoria como uma das categorias com maior desenvolvimento, sendo já um segmento de mercado altamente significativo, cada vez mais explorado pelos operadores turísticos (Reeves, 1999).



Figura 4. Categoria de *Sports Training*

Atendendo aos elementos do turismo desportivo do lado da oferta, Kurtzman (2000), citado por Richie e Adair (2004), sugere que existem cinco principais categorias do Turismo Desportivo. Entre essas categorias encontramos atividades tão diversas como: (a) Atrações de Turismo desportivo; (b) *Resorts* de Turismo desportivo; (c) Cruzeiros de Turismo desportivo; (d) Viagens de Turismo desportivo; (e) Turismo de eventos desportivos; e (f) Turismo de Desporto Aventura.

Pitts (1999), citado por Richie e Adair (2004), acredita que numa perspetiva de gestão e marketing desportivo, o turismo desportivo consiste em duas categorias de produtos: (1) Viagem de participação desportiva - viajar com o propósito de participar em atividades desportivas, de recreação, lazer ou *fitness*; (2) Viagem enquanto espectador desportivo - viajar com o propósito de assistir a atividades de recreação, lazer ou de *fitness* e eventos desportivos.

No âmbito da procura e considerando a análise geral dos mercados do turismo desportivo, Gibson (2002), citado por Richie e Adair (2004), sugere três categorias de investigação em termos práticos, incluindo: (1) Turismo Desportivo Ativo; (2) Turismo Desportivo de Eventos; e (3) Turismo Desportivo de Nostalgia. Por seu turno, Weed e Bull (2004) identificam cinco tipos de turismo desportivo: (1) Turismo com conteúdo desportivo; (2) Turismo de participação desportiva; (3) Treino desportivo; (4) Eventos desportivos; (5) Turismo desportivo de luxo (exclusividade). De acordo com Pereira e Carvalho (2004), os autores apresentam um modelo dinâmico que pretende desenvolver uma compreensão dos comportamentos dos desportistas-turistas no que se refere ao nível de participação desportiva. Em conformidade, Weed e Bull (2004) identificam várias categorias de turistas desportivos de acordo com o grau de envolvimento na participação desportiva. Assim sendo, e considerando uma evolução crescente do grau de participação, temos as seguintes categorias: (1) Acidental; (2) Esporádico; (3) Ocasional; (4) Regular; (5) Compromisso; e (6) Percurso desportivo.

Pereira e Carvalho (2004) consideram que de acordo com o fator que desencadeia a necessidade de viajar, o desporto e turismo pode assumir duas

vertentes distintas que podem dar origem a diferentes segmentos de mercado. As vertentes referidas pelos autores são:

- (1) *Vertente eminentemente turística*, onde o sistema turístico é o motor deste binómio. A procura de práticas desportivas, por parte dos turistas, centra-se essencialmente na ótica do lazer. Esta vertente pode integrar dois segmentos diferenciados: (a) Turismo ativo/desporto integrador; e (b) Turismo passivo/desporto complementar.
- (2) *Vertente eminentemente desportiva*, pois é o sistema desportivo o motor deste binómio. De acordo com as necessidades do sistema desportivo, onde as pessoas se deslocam para determinado destino tendo como principal objetivo o desporto e não o turismo, que serve fundamentalmente de suporte às atividades desportivas. Esta vertente refere-se às seguintes categorias: (a) Desporto turístico; (b) Estágios Desportivos; e (c) Eventos Desportivos.

Através do esquema da Figura 5, Pereira e Carvalho (2004) apresentam o seu modelo explicativo acerca do desporto e turismo.

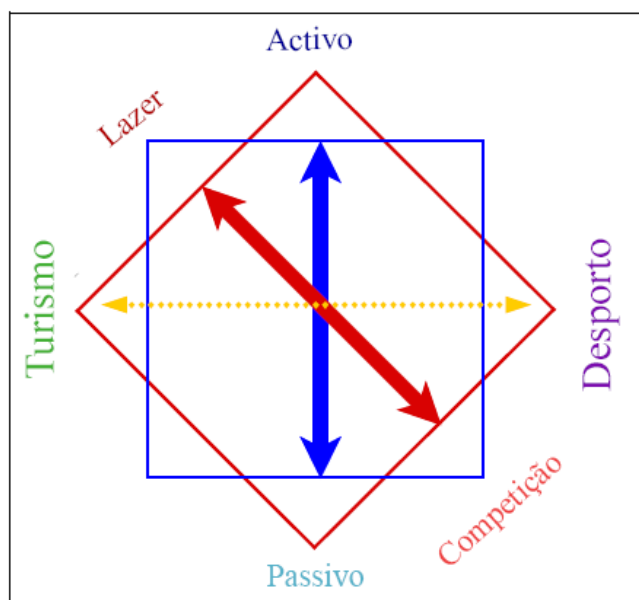


Figura 5. Modelo de Desporto & Turismo (Pereira e Carvalho, 2004, p. 245).

Por último, de acordo com Richie e Adair (2004), em termos de Turismo Desportivo, o desporto de recreação está normalmente associado ao comportamento de turistas ativos (participantes em atividades desportivas)

enquanto o desporto competição está habitualmente associado a turistas com um comportamento passivo (assistem a atividades desportivas), embora no último caso os turistas desportivos possam ser também os próprios atletas.

1.3.4. Os mercados do turismo desportivo

Segundo Collins e Jackson (2001) citados por Hinch e Higham (2004), o turismo desportivo é um mercado que pode ser abordado genericamente, tal como demonstrado pela imensa promoção turística dos grandes eventos desportivos. A realidade, contudo, é que o turismo desportivo é constituído por um conjunto diversificado de nichos de mercado. De acordo com Bull e Weed (1999), citados por Hinch e Higham (2004), o turismo desportivo é realmente uma coleção de nichos separados, mas enquanto o turismo associado a mega eventos desportivos é claramente evidente nas grandes áreas urbanas, o potencial do desporto enquanto nicho turístico em outro local é talvez menos bem apreciado.

Compreender os mercados do turismo desportivo é um aspeto importante na base de organização do desenvolvimento do turismo desportivo. Neste sentido, é fundamental ter em consideração questões importantes, tais como: (a) Quem são os turistas desportivos? (b) Que fatores motivam os turistas desportivos? (c) Qual a extensão das diferentes motivações entre distintos grupos de turistas desportivos? e (d) Que experiências turísticas realizam os turistas desportivos em associação com a atividade desportiva que eles pretendem num determinado destino? A resposta a estas questões proporcionará dados concludentes acerca do nicho de segmentos de mercado e a base para efetuar a segmentação do mercado. A análise de mercado é fundamental para um desenvolvimento efetivo do turismo desportivo no contexto regional, nacional e internacional dos destinos turísticos (Hinch e Higham, 2004).

A conceptualização do turismo desportivo é um bom ponto de partida para o estudo dos diversos mercados deste fenómeno turístico. A distinção entre ser espectador e ser participante (praticante desportivo), por exemplo, é uma diferença fundamental que merece consideração. No entender de Hinch e

Higham (2004), os turistas que se envolvem em atividades desportivas num determinado destino, fazem-no com variados níveis de compromisso, de competição e de forma ativa ou passiva. O mercado do turismo desportivo pode ser segmentado através desses níveis, em nichos de mercado ou grupos de procura diferenciada, os quais variam em muitos aspetos, de acordo com a experiência do visitante.

Maier e Weber (1993), citados por Hinch e Higham (2004), identificaram quatro grupos no âmbito da procura pelo turismo desportivo, baseados na intensidade das atividades desportivas praticadas no local de destino. Deste modo temos: (a) Atletas de alta competição; (b) Desporto de participação (massas); (c) Desporto ocasional (recreação); e (d) Turistas desportivos passivos (espetadores, treinadores, dirigentes, jornalistas, familiares).

Gammon e Robinson (1997) citados por Hinch e Higham (2004) identificaram três dimensões que destacam a variação existente do lado da procura no Turismo Desportivo, a saber: (a) O estatuto da atividade desportiva no perfil de motivação do turista (principal, secundária ou acidental); (b) O nível de envolvimento na atividade desportiva (ativo ou passivo); (c) A natureza competitiva ou não competitiva da atividade desportiva. Desta forma, os autores procuram contribuir para um melhor entendimento dos mercados de consumidores de turismo desportivo, o que proporciona referências para os distintos serviços relacionados com o desporto e o turismo e as experiências requeridas por cada grupo de consumidores.

Uma análise geral dos mercados do turismo desportivo e a respetiva segmentação é apresentada por Hinch e Higham (2004), com base na classificação de turismo desportivo adotada por Gibson (1998), que inclui o Turismo Desportivo no âmbito de uma participação ativa, de eventos e de nostalgia. Os autores organizaram esta análise segundo uma abordagem de segmentação de mercado identificada por Swarbroke e Homer (1999) em termos geográficos, socioeconómicos, demográficos e psicográficos.

A **segmentação geográfica do mercado do turismo desportivo ativo** baseia-se na origem dos visitantes ou na localização do mercado (ex: mercado sueco), é uma abordagem efetiva no estudo do turismo desportivo (Hinch e Higham, 2004). Bale (1989), citado por Hinch e Higham (2004) considera que a geografia do desporto estabelece a ligação entre local de residência e a oportunidade de prática de certos desportos em localizações específicas. De acordo com Hinch e Higham (2004), a proximidade de condições desportivas, sejam condições naturais (ex: surf), artificiais (ex: estádios, centros desportivos) ou a combinação das duas (ex: *resort* de esqui), confirmam a tendência para consumir certos desportos, seja como competidor (atleta), participante e/ou espectador. Na Figura 6 encontra-se exposta uma imagem captada durante uma sessão de treino no CDVRSa de um grupo de jovens atletas oriundos da Irlanda.



Figura 6. Grupo de jovens atletas da Irlanda durante uma sessão de treino no CDVRSa

Segundo Yiannakis, (1975), citado por Hinch e Higham (2004), a **segmentação socioeconómica do mercado do turismo desportivo ativo** baseia-se nas seguintes variáveis: ocupação e receitas. Booth e Loy (1999) citados por Hinch e Higham (2004) argumentam que desportos como o Golfe, Ténis, Vela, Saltos na Neve e Esqui, refletem as dimensões únicas, estéticas, éticas, a orientação

temporal e espacial da classe alta e os sinais simbólicos e materiais desse mesmo estatuto.

Segundo Hinch e Higham (2004), as **variáveis sociodemográficas** servem frequentemente como uma segunda forma de **segmentação do mercado do turismo desportivo**. Os autores referem a importância das variáveis idade, género e nacionalidade na identificação de alguns segmentos de mercado. Segundo os autores, o mercado do turismo desportivo ativo é também influenciado por mudanças na sociedade convencional, relacionada com uma maior participação da população feminina e da população sénior nas atividades desportivas.

Lewis e Chambers (1989), citados por Marques (2005), identificam a **segmentação psicográfica** como cada vez mais utilizada nos mercados turísticos, onde se consideram os segmentos com base nos interesses, atitudes, opiniões, estilo de vida, comportamentos, etc., dos consumidores. Hinch e Higham (2004) dão como exemplo o facto de o perfil psicográfico dos participantes em atividades do “Desporto para Todos” diferir daqueles que pretendem desafios técnicos ou competições através de um envolvimento ativo na prática desportiva. Na Figura 7 encontra-se exposta uma imagem de um treino de atletas captada nos percursos da mata nacional, envolvente do CDVRSa.



Figura 7. Atletas a treinar nos percursos do pinhal (mata nacional)

Segundo Tocquer e Zins (1999), um estudo realizado em 1994 pela Comissão Canadiana do Turismo propõe uma segmentação baseada nos estilos de vida e que define sete elementos: (a) Os loucos da natureza (15%); (b) Os entusiastas da cultura (15%); (c) Os viajantes prudentes (17%); (d) Os amantes da descoberta e da variedade (9%); (e) Os amantes da vida urbana (15%); (f) Os viajantes organizados (17%); e (g) Os desportistas ativos (17%).

Green e Chalip (1998), citados por Hinch e Higham (2004), referem que a participação ativa em certos desportos pode também estar associada com distintas subculturas que são expressão de identidade; estas subculturas expressam-se de várias formas, incluindo escolhas de vida como a carreira profissional, horários de trabalho, local de residência e preferências nos destinos turísticos.

Segundo o Comité Económico e Social Europeu (CESE, 2005), o turismo e o desporto são dois sectores que desempenharão um papel cada vez mais importante para o bem-estar económico e social europeu e o seu papel fundamental é unanimemente reconhecido a nível mundial. De acordo como o parecer do CESE, alguns dos locais onde se realizaram acontecimentos desportivos passaram a ser destinos turísticos e vice-versa. Tem-se verificado uma integração crescente destes dois aspetos, que se enriquecem mutuamente graças a novas possibilidades de oferta e de crescimento.

Planear o turismo desportivo consiste no planeamento de instalações desportivas (permanentes e temporárias), de eventos e das infraestruturas que sejam estabelecidas para atrair visitantes e praticantes desportivos oriundos de outras regiões ou países, assim como para atrair os utentes locais. Tendo em consideração o planeamento do turismo desportivo, deve ser prestada atenção não só às infraestruturas físicas mas também aos objetivos sociais, ambientais e económicos e os impactos a longo prazo do desenvolvimento do turismo desportivo (Hall, 2005).

O impacto económico do turismo desportivo é referido por vários autores (Chalip, 2004; Collins e Jackson, 1999; Higham, 2005), essencialmente, no

âmbito dos grandes eventos desportivos, face ao mediatismo desses eventos, aos recursos que mobiliza, aos investimentos efetuados pelos governos e cidades, e pelo enorme fluxo de pessoas que envolve, sejam praticantes desportivos, dirigentes, jornalistas ou espectadores. De acordo com Higham (2005), como consequência do considerável interesse no desporto, os principais eventos nacionais e internacionais atraem milhares de espectadores e visitantes. A frequente e extensa cobertura mediática pode dar ao desporto um impulso adicional na sua popularidade e pode proporcionar várias oportunidades de marketing e imagem das regiões e destinos onde decorrem os eventos desportivos. Hall e Weiler (1992) citados por Higham (2005), referem que a perceção do potencial do turismo desportivo e dos eventos desportivos na contribuição para o crescimento económico e para a atração de investimento e turismo, tem sido quase universalmente procurado por governos e indústria.

Collins e Jackson (1998), citados por Richie e Adair (2004), destacam os impactos positivos e negativos do turismo desportivo. Os potenciais impactos positivos do turismo desportivo incluem: (a) O turismo desportivo pode providenciar um novo uso do excedente do território de uma outra maneira (económico e social); (b) O turismo desportivo pode fortalecer o património nacional, a identidade e o espírito de comunidade, sempre que a população local se envolva na promoção da sua cultura; (c) O turismo desportivo pode ser um estímulo para desenvolver e melhorar a construção de infraestruturas e os espaços naturais. Weed (1999), citado por Richie e Adair (2004), identificou os aspetos positivos relacionados com o turismo desportivo, existindo benefícios individuais para os praticantes desportivos, para os turistas e benefícios mútuos para ambos, tais como: (a) desenvolvimento económico e da comunidade; (b) acolhimento de eventos; e (c) desenvolvimento de instalações desportivas. Os benefícios fundamentais, tanto individualmente como comuns, incluem o desenvolvimento de novas infraestruturas desportivas, as quais podem ser usadas pela comunidade local e pelos turistas desportivos, assim como podem ser compartilhadas oportunidades de acesso a novas fontes de financiamento.

Richie e Adair (2004) consideram que os potenciais impactos negativos do turismo desportivo são: (a) A atração de oportunidades de emprego melhor remuneradas pode corroer as comunidades tradicionais e prejudicar o equilíbrio da economia local; (b) O turismo desportivo pode contribuir para a perda de identidade cultural e de património; (c) O turismo desportivo pode implicar modificações nas experiências culturais ao nível do turismo estabelecido em determinado destino; (d) O turismo desportivo pode levar á desordem provocada pelas multidões, durante a realização de eventos; (e) A violência excessiva pode estar relacionada com o turismo desportivo (ex: hooliganismo); e (f) O turismo desportivo pode contribuir para tensões entre residentes e visitantes.

Para Weed e Bull (1997), o uso do desporto na promoção do turismo tem já sido identificado com uma crescente área de interesse. Para o autor, muitas regiões usam o turismo na promoção do potencial do produto desporto, justificando deste modo a exigência de fundos e recursos para o desporto. O efeito do desporto no turismo é citado como uma das quatro áreas, nas quais o *Sports Council* em 1994, actualmente designado *Sport England*, identifica a contribuição do desporto na economia, sendo estas: emprego; gastos dos consumidores; turismo e regeneração económica (Weed e Bull, 1997). Standeven e De Knop (1999) verificam que o desporto e o turismo são fatores económicos importantes, mostrando um crescimento constante. Para os autores, o turismo desportivo compreende entre 10% e 20% do tipo de férias marcadas, com a exata percentagem dependente da importância do desporto na viagem turística. Para além da importância económica verificada pela procura de férias ativas integrando a prática de atividades desportivas, os autores destacam também o impacto económico dos eventos desportivos, desde os grandes eventos a eventos de menor escala. No âmbito dos grandes eventos, é referida a importância destes eventos na definição de estratégias de regeneração de cidades e regiões, as quais aproveitam os eventos para atrair investimentos que promovam a regeneração urbana, alavancando deste modo o desenvolvimento do turismo, do desporto e da economia.

No início dos anos noventa, Standeven e De Knop (1999) estimaram o valor do mercado do turismo desportivo na ordem dos 3 biliões de libras (UK£), representando o consumo em férias ativas no valor de 2.6 biliões de libras (UK£) mais 407 milhões de libras (UK£) com gastos relacionados no âmbito das atividades desportivas. Segundo os autores, o valor deste sector é ainda consideravelmente melhorado, uma vez que não foram incluídos nesta estimativa o valor relacionado com a participação acidental em atividades desportivas por parte de turistas, em que o desporto não é o principal motivo da viagem. Da mesma forma, não foram consideradas as viagens dos atletas de alta competição, que passam mais de um terço do ano em deslocações para competições e estágios desportivos, e para quem as viagens são um meio para um determinado fim e não viagens de lazer.

1.3.5. Qualidade dos produtos de turismo desportivo

As entidades promotoras de serviços turísticos e desportivos procuram cada vez mais procurar satisfazer as necessidades e melhorar as expectativas dos seus clientes, relativamente à qualidade dos serviços e produtos que oferecem. A importância económica do turismo associado às atividades desportivas tem influenciado as políticas e estratégias de algumas cidades e regiões, as quais pretendem atrair visitantes através do desporto. Segundo Fuertes (2006), a qualidade dos produtos de turismo desportivo deve ter em consideração os elementos tangíveis e intangíveis associados aos produtos que são oferecidos. A satisfação dos clientes deve ser uma prioridade, no entanto, a qualidade dos produtos de turismo desportivo não é linear e está relacionada com a complexidade da diversidade dos produtos. O autor indica dez componentes da qualidade, as quais estão largamente identificadas e que dão resposta a um ideal de referência simples e simultaneamente suficiente. Estas componentes são: (1) Competência e profissionalismo; (2) Fiabilidade; (3) Capacidade de resposta; (4) Facilidade de contacto e um trato agradável; (5) Compreensão e adaptação às necessidades dos clientes; (6) Comunicação; (7) Credibilidade; (8) Segurança; (9) Cortesia; e (10) Tangibilidade.

Relativamente aos serviços desportivos a prestar ao cliente, Fuertes (2006) considera que deverão ser estabelecidos indicadores de qualidade mínimos, os quais deverão incidir nos seguintes atributos: (a) Comunicação - deve responder com a maior fidelidade às características do produto anunciado e às expectativas dos clientes; (b) Estado das instalações desportivas - tem que corresponder a imagem que lhe é atribuída e às normas certificadas; (c) Atendimento e a atenção aos participantes; (d) Qualificação linguística do pessoal de atendimento e dos serviços desportivos; (e) Estado do material e acessórios desportivos; (f) Qualificação técnica do pessoal técnico e administrativo; (g) Conteúdos técnicos das atividades devem basear-se em conteúdos científicos, aplicados através uma boa metodologia; e por último, (h) A boa gestão é a base da qualidade do produto desportivo.

Capítulo II

Procedimentos metodológicos

2.1. Método de investigação

De modo a investigar o fenómeno de turismo desportivo relacionado com o segmento dos estágios de atletismo no Algarve e em particular no contexto do Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António, optou-se pelo estudo de caso como método de investigação. Segundo Yin (2003), no geral, este método representa a estratégia adequada quando o investigador procura respostas a questões do tipo “como” e o “porquê”, quando o investigador tem pouco controlo sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenómenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. As várias definições de “estudo de caso” incidem em distintos tópicos, como sejam, decisões, indivíduos, organizações, processos, programas, bairros, instituições e mesmo eventos. Uma definição de “estudo de caso” deverá basear-se nas características do fenómeno em estudo e num conjunto de características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos (Yin, 2003). Em conformidade, e face ao objeto de estudo em causa, o estudo de caso foi considerado como o método de investigação mais adequado, tendo em conta que se procura compreender, explorar e descrever acontecimentos e/ou contextos, e perspetivando ainda a pesquisa qualitativa e quantitativa de dados referentes a este fenómeno de turismo desportivo, que envolve um conjunto diversificado de variáveis no âmbito da oferta e da procura do mercado de turismo desportivo na sua especificidade de estágios desportivos de atletismo no CDVRS.

2.2. Recolha de dados

O trabalho de campo foi conduzido durante um período de 15 meses, designadamente entre janeiro de 2013 e março de 2014. No âmbito desta investigação, desenvolveu-se um processo combinado de recolha de dados

através das seguintes técnicas: (a) Pesquisa documental dos relatórios do CDVRSa e da Sociedade de Gestão Urbana de Vila Real de Santo António (SGU-VRSA); (b) Inquérito por questionário aos potenciais utentes do CDVRSa (anexo 3; anexo 4); (c) Entrevistas qualitativas semiestruturadas aos gestores de outros centros desportivos da região (anexo 5); (d) Entrevistas qualitativas semiestruturadas aos diretores de agências de viagens da região do Algarve (anexo 6); e ainda, (e) Conversas informais.

Esta quantidade diversificada de dados recolhidos permitiu reunir informação suficiente para caracterizar a oferta e a procura de estágios de atletismo, assim como, descrever a atividade do CDVRSa no âmbito deste segmento de turismo desportivo, identificando-se, quantitativa e qualitativamente, diversos fatores e variáveis inerentes a este nicho de mercado.

Em termos da oferta, foram recolhidos dados junto de diversos atores (tais como, diretores de agências de viagens e gestores de outros centros desportivos), em conformidade com um painel de fatores que podem influenciar a escolha pelo CDVRSa em detrimento de outras organizações concorrentes, designadamente: (a) Países e locais de destino para a realização de estágios de atletismo; (b) Atributos do CDVRSa; (c) Concorrência na região do Algarve; e (d) Pontos fortes e fracos do CDVRSa, na ótica dos potenciais/atuais clientes.

Em relação à procura, procedeu-se à recolha dos seguintes dados: (a) Número de clientes e os seus países de origem; (b) Critérios na escolha pelos locais de estágio; (c) Sazonalidade dos estágios; (d) Duração dos estágios; (e) Número de atletas e treinadores que os clubes e federações estimam envolver na realização de estágios no estrangeiro; (f) Preço que os clientes estão dispostos a pagar por diária (incluindo o alojamento e a utilização das instalações desportivas e respetivos serviços); e (g) Orçamento anual dos clubes e federações para a realização de estágios no estrangeiro.

Relativamente aos inquéritos aplicados aos potenciais clientes do CDVRSa, ou seja, no âmbito da recolha de dados com vista à caracterização da procura

deste nicho de mercado, foram obtidas respostas de 14 federações nacionais, 1 federação regional (Moscou) e 26 clubes de atletismo de vários países europeus. Deste modo, foram reunidas 41 unidades amostrais, constituindo-se assim este total como a nossa amostra não probabilística por conveniência (Zikmund & Babin, 2012) no âmbito do estudo da procura de estágios desportivos do CDVRS.

2.3. Tratamento de dados

A informação recolhida através de pesquisa documental e de entrevistas foi analisada segundo uma abordagem de análise qualitativa de conteúdo (Bardin, 2009; Mayring, 2000), permitindo-nos desse modo elaborar deduções específicas sobre as variáveis, fatores e indicadores que caracterizam o fenómeno dos estágios desportivos, em particular, dos estágios de atletismo. Para Bardin (2009), o domínio da análise de conteúdo engloba todas as iniciativas que consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens, com a finalidade de se efetuarem deduções lógicas e justificadas de acordo com a origem das mensagens (quem as emitiu, em que contexto e quais os efeitos dessas mensagens). Deste modo, Bardin (2009) define deste modo a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p.42).

No que respeita aos dados de natureza quantitativa recolhidos através de inquérito por questionário, onde se procurou a obtenção de dados estatísticos que permitiram descrever e interpretar as variáveis em estudo, estabelecendo assim um padrão mais exato de relações, o tratamento de dados foi efetuado com recurso ao *software* Microsoft Office Excel 2007. Foram elaboradas estatísticas descritivas, por meio de parâmetros de tendência central e de dispersão, bem como tabelas de frequência, absolutas e relativas, consoante a natureza das variáveis em análise.

Capítulo III

Caracterização do contexto geral e específico do CDVRS

3.1. Caracterização do contexto geral do CDVRS

3.1.1. Geografia

A cidade de Vila Real de Santo António situa-se no extremo sudeste da Região do Algarve, na margem direita do Rio Guadiana, que define a fronteira de Portugal com Espanha. O concelho de Vila Real de Santo António é constituído pelas freguesias de Vila Real Santo António, Monte Gordo e Vila Nova de Cacela, sendo a sua superfície territorial de 61,2 Km² e tendo uma população residente de 19156 habitantes, segundo os censos de 2011 do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2012). O concelho de Vila Real de Santo António é um dos poucos concelhos de Portugal territorialmente descontínuos, dividindo-se numa porção ocidental, a freguesia de Vila Nova de Cacela, e uma porção oriental onde se situam as freguesias de Vila Real de Santo António e de Monte Gordo. A parte oriental é limitada a norte e oeste pelo município de Castro Marim, a leste pelo Rio Guadiana e a sul tem litoral no oceano Atlântico; a parte ocidental é limitada a norte e leste por Castro Marim, a oeste por Tavira e a sul tem litoral no oceano Atlântico. Tal como acontece em toda a região algarvia, o concelho de Vila Real de Santo António está hoje mais vocacionado para o Turismo. A praia de Monte Gordo, que foi uma das pioneiras na atração turística da região na década de 60, continua a ser um dos destinos preferidos do turismo nacional, muito apreciada pela sua vasta extensão de areal e pelas águas cálidas, de temperaturas verdadeiramente mediterrânicas.



Figura 8. Localização de VRSA e tempo de voo entre Faro e algumas cidades europeias.

Acessibilidades

O concelho de Vila Real de Santo António dispõe de boas condições de acesso pelos mais variados meios (aéreo, rodoviário, marítimo e fluvial). Na Figura 10 é apresentado o contexto de localização de Vila Real de Santo António relativamente a Portugal e à Europa, realçando-se a distância horária dos voos entre Faro e algumas cidades europeias. Em termos rodoviários é possível o acesso a Vila Real de Santo António através da Estrada Nacional 122, da Estrada Nacional 125, da Autoestrada A22 e ainda através da Via do V Centenário que estabelece a ligação com o país vizinho, Espanha.

Em termos de ligações aéreas, o concelho é servido pelo Aeroporto Internacional de Faro que se situa a uma distância de 55 km e ainda pelo Aeroporto Internacional de Sevilha, que apesar de mais longínquo (161 km) tem um acesso facilitado através da Via do V centenário. A sua localização costeira e ainda adjacente ao Rio Guadiana permite o seu acesso via marítima através de uma ligação *ferryboat* com Espanha, dispondo ainda do porto de recreio de Vila Real de Santo António para deslocações via fluvial.

Clima

A proximidade do Mar Mediterrâneo influencia predominantemente o clima algarvio. Os Verões são quentes e secos e os Invernos amenos com baixa pluviosidade (50 dias com chuva e 500mm em média por ano), intercalados com Primaveras e Outonos convidativos. Em média a temperatura da água do ar mantém-se pelos 14°C em Janeiro e atinge os 22°C em Agosto. Uma brisa marítima costuma refrescar a temperatura média anual do Algarve que é de 17,7°C (12°C em Janeiro e até cerca dos 30°C em Agosto). A região também conta com mais de 3.000 horas de sol durante o ano, o que a torna um destino favorito para quem aprecia um clima agradável. Apresenta um clima temperado mediterrânico, com verões quentes e secos e invernos suaves (Tabela 2), a precipitação distribui-se de forma irregular ao longo do ano (Tabela 3), concentrando-se nos meses de outono e primavera.

Tabela 2. Temperaturas médias do ar do concelho de VRSA (CDVRSA, 2004).

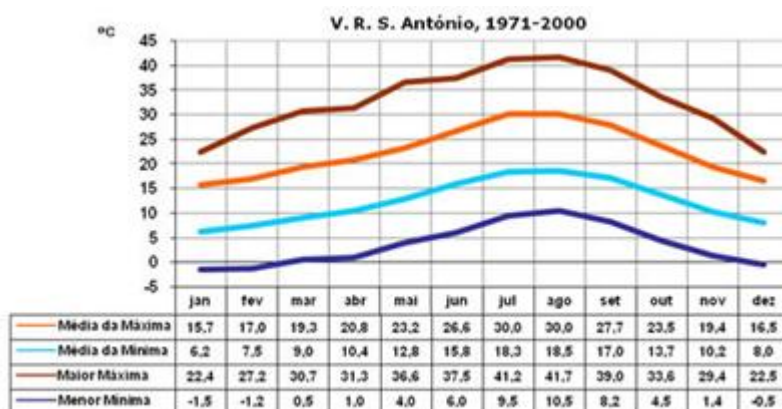
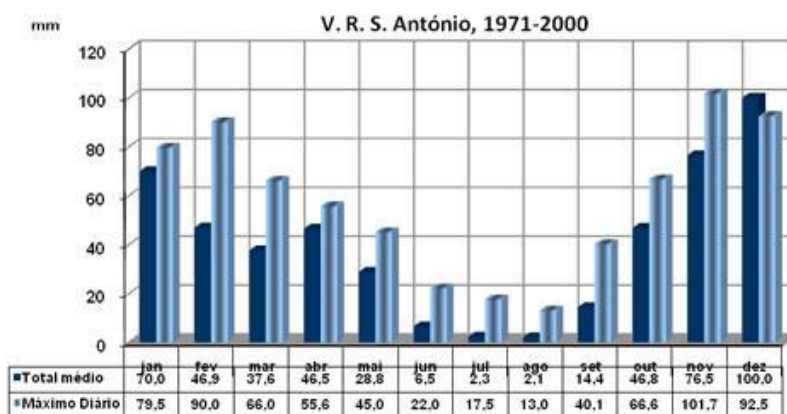


Tabela 3. Precipitação média no concelho de VRSA (CDVRSA, 2004)



3.1.2. Demografia

De acordo com os censos elaborados pelo INE (2001; 2011), a população residente no município de VRSA aumentou 6,7%, de 17956 para 19156 residentes. Ao nível das freguesias, enquanto a sede de concelho e Vila Nova de Cacela registaram um aumento populacional (de cerca de 13% em ambos os casos), em Monte Gordo há a assinalar um decréscimo no número de habitantes, na ordem dos 16%. Desta evolução resulta que Vila Nova de Cacela é atualmente, a segunda freguesia mais populosa do município (CMVRSA, 2013). Segundo o recenseamento de 2011, a população com 65 ou mais anos residente em VRSA representa 20% dos 19156 munícipes recenseados, ao passo que as crianças e jovens até aos 14 anos representam 16% do total. Em relação ao nível de instrução, os dados não são também muito satisfatórios, já que 58% da população apenas completou o ensino básico, cingindo-se a escassos 10% os residentes com ensino superior. O fraco nível de instrução da população reflete-se, por seu turno, em níveis de desemprego demasiado altos, tendo-se recenseado, em 2011, 1776 desempregados, o que equivale a 19,9% da população ativa de VRSA. Na Tabela 4 encontram-se expostos os dados relativos à população de VRSA.

Tabela 4. Caracterização da população de VRSA (CMVRSA, 2013).

| | Município | Freguesias | | |
|------------------------------|-----------|------------|-------------|---------------------|
| | | VRSA | Monte Gordo | Vila Nova de Cacela |
| População residente | 19 156 | 11 946 | 3 308 | 3 902 |
| Grupos etários | | | | |
| 0-14 | 2 974 | 1 990 | 466 | 518 |
| 15-24 | 2 031 | 1 272 | 407 | 352 |
| 25-64 | 10 380 | 6 441 | 1 822 | 2 117 |
| 65 ou mais | 3 771 | 2 243 | 613 | 915 |
| Nível de escolaridade | | | | |
| Nenhum | 1 801 | 1 077 | 361 | 363 |
| Ensino pré-escolar | 465 | 303 | 56 | 106 |
| Ensino básico | 11 098 | 6 704 | 2 181 | 2 213 |
| Ensino secundário | 3 719 | 2 454 | 507 | 758 |
| Ensino pós-secundário | 166 | 96 | 19 | 51 |
| Ensino superior | 1 907 | 1 312 | 184 | 411 |
| População activa | 8 944 | 5 661 | 1 524 | 1 759 |
| Empregada | 7 168 | 4 603 | 1 126 | 1 439 |
| Sector primário | 223 | 68 | 60 | 95 |
| Sector secundário | 1 118 | 682 | 171 | 265 |
| Sector terciário | 5 827 | 3 853 | 895 | 1 079 |
| Desempregada | 1 776 | 1 058 | 398 | 320 |

3.1.3. Economia

A economia do concelho de Vila Real de Santo António tem como sector de atividade predominante o terciário, embora o sector primário mantenha também alguma importância. O sector terciário está relacionado com o turismo, que tem vindo a desempenhar um papel bastante importante na economia do concelho, sendo a principal fonte de receita. Neste sector destacam-se as atividades ligadas com as praias e hotelaria, sendo novamente de salientar que a praia de Monte Gordo foi uma das pioneiras na atração turística na região na década de 60, continuando hoje a ser um importante destino de férias.

A área agrícola ocupa cerca de 47,6% da área do concelho, predominando o cultivo de cereais para grão, frutos secos, prados, pastagens permanentes, pousio, citrinos e olival. No que diz respeito à pecuária, aves, ovinos e caprinos destacam-se como as principais espécies criadas. O concelho tem uma baixa densidade florestal, da ordem dos 7,5% da área do concelho, que correspondem a cerca de 165ha de floresta.

No sector secundário são de destacar as indústrias de conserva de peixe e renda, embora em decadência atingiu o seu auge no século XIX, a construção e reparação naval, a indústria de mármore e artes gráficas, que se desenvolveram a partir da década de 60.

3.1.4. Turismo

O Turismo representa um dos principais sectores económicos da região do Algarve, sendo esta região o destino preferencial para férias de verão em Portugal. Segundo um estudo do Núcleo Empresarial da Região do Algarve (NERA, 2008), em 2005 a região algarvia assumia uma posição dominante relativamente aos principais indicadores de oferta e procura turística.

O Turismo desenvolveu-se no concelho de Vila Real de Santo António desde a década de 1960, registando-se uma significativa procura pelas praias, fundamentalmente pela praia de Monte Gordo. Como resultado desta procura, desenvolveram-se estruturas de apoio tais como hotéis, restaurantes e o

casino. Pelo conhecimento que temos do contexto, pensamos que os turistas que visitam o concelho são, essencialmente, turistas dos segmentos do turismo de Sol e Praia, do Golfe, do Turismo Sénior e do Turismo Desportivo.

Segundo Cunha (2003), as medidas estatísticas da procura turística são obtidas fundamentalmente através dos elementos relativos às entradas pelas fronteiras, ao registo de hóspedes nos meios de alojamento, ou seja, registo do número de dormidas e aos gastos efetuados pelos visitantes. Relativamente aos indicadores da oferta, o autor refere que estes resultam principalmente dos dados disponíveis sobre a capacidade de alojamento, do número, categoria e lugares oferecidos pelos estabelecimentos de restauração, dos meios de transporte existentes e de outros meios de produção turística, sendo que o indicador relativo à capacidade de alojamento é o mais relevante e o mais considerado.

Procura turística

Em termos estatísticos, e segundo a análise ao Anuário Estatístico da Região do Algarve relativo ao ano de 2012 elaborado pelo INE (2013), a região do Algarve acolheu no referido ano 3.043.920 hóspedes, o que corresponde a 22% do total de hóspedes que visitaram o nosso país. O concelho de Vila Real de Santo António registou o acolhimento de 148.504 hóspedes o que equivale a 4,9% do total de hóspedes que a região recebeu. Relativamente às dormidas, registaram-se na região o total de 14.326.774 dormidas, o que corresponde a 36% das dormidas que se verificaram em Portugal em 2012. No concelho de Vila Real de Santo António registaram-se 914.862 dormidas, o que representa 6,3% das dormidas registadas na região do Algarve.

Considerando a origem dos turistas, podemos verificar que 26% dos turistas que pernoveram na região eram portugueses e os restantes 74% tinham nacionalidade estrangeira. Ao nível de Vila Real de Santo António, 33% dos hóspedes tinham nacionalidade portuguesa e 67% eram estrangeiros. Relativamente aos hóspedes estrangeiros registados em 2012, estes tinham maioritariamente nacionalidade holandesa (31%), seguidos por alemães (15%), britânicos (8%) e espanhóis (6%).

Em termos de receitas relacionadas com o alojamento, registou-se no concelho de Vila Real de Santo António um total de proveitos de 24612 (milhares de euros).

Oferta turística

No que diz respeito à oferta turística, e de acordo com os dados do Anuário Estatístico da Região do Algarve (INE, 2013), existem no concelho de Vila Real Santo António 18 estabelecimentos hoteleiros (8 hotéis, 3 pensões e 7 outros estabelecimentos), o que representa 4,2 % da oferta existente no Algarve. Em termos de capacidade de alojamento, o concelho regista uma capacidade para acolher 5827 hóspedes (3501 em hotéis, 70 em pensões e 2256 em outro tipo de alojamento), o que equivale a 5,5% da capacidade de alojamento do Algarve.

Relativamente às atrações turísticas do concelho, e de acordo com o Guia Turístico disponível no sítio da internet da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, identificamos os principais motivos de atração turística promovidos, que são os seguintes: (a) O património cultural (edifícios e monumentos históricos); (b) O património natural (espaços naturais, fauna e flora); (c) As praias (estâncias balneares); (d) A náutica (estruturas de apoio e atividades ligadas ao mar e ao rio); (e) O desporto (infraestruturas artificiais e naturais e atividades); (f) O golfe; (g) A gastronomia; e (h) A animação e entretenimento.

A Tabela 5 apresenta os dados relativos à procura e oferta turística no concelho de VRSA, no ano de 2012, comparativamente com a região e o país. Na Figura 9 está exposta uma vista aérea da zona turística de Monte Gordo.

Tabela 5. Procura e oferta turística de VRSA em 2012

| Região/Concelho | Estabelecimentos Hoteleiros | Capacidade de Alojamento | Dormidas | Hóspedes |
|----------------------------|------------------------------------|---------------------------------|-----------------|-----------------|
| Portugal | 2 028 | 296 321 | 39 681 040 | 13 845 419 |
| Algarve | 428 | 106 625 | 14 326 774 | 3 043 920 |
| Vila Real de Santo António | 18 | 5 827 | 914 862 | 148 504 |



Figura 9. Fotografia aérea da vila turística de Monte Gordo.

3.1.5. Desporto

No início do século XX surgiram os primeiros clubes desportivos no concelho de Vila Real de Santo António, essencialmente ligados à prática do futebol, dado que ao tempo se verificava a introdução dessa modalidade no nosso país devido às relações e influências britânicas. Em 1916 é fundado o Lusitano Futebol Clube e em 1919 o Glória Futebol Clube sendo ambos os clubes, respectivamente, as primeiras delegações do Sport Lisboa e Benfica e do Sporting Clube de Portugal. Nos anos 30 surge o Clube Náutico do Guadiana,

delegação do Clube Náutico de Portugal, que se dedicava ao fomento das modalidades de remo e vela, aproveitando as magníficas condições oferecidas pelo rio Guadiana. No entanto, é a partir de finais da década de 70 que se dá um maior desenvolvimento desportivo no concelho devido à construção do primeiro equipamento desportivo do Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António (CDVRS), o Pavilhão Desportivo João Ilídio Setúbal em 1977, e por uma nova conjuntura política que atribuía responsabilidades e competências às autarquias na promoção do desporto.

Atualmente, e face aos vários equipamentos desportivos que integram CDVRS, são vários os clubes e entidades locais que usufruem das condições desportivas existentes e promovem diversas modalidades desportivas. Para além dos clubes, também outras entidades privadas promovem atividades e projetos desportivos. Por outro lado, a autarquia também tem fomentado alguns projetos desportivos de carácter social através de parcerias com outras instituições, como por exemplos: o Centro de Marcha e Corrida, a Escola Sócio Desportiva da Fundação Real Madrid e o projeto Anda Mais. Na Tabela 6 são apresentados os clubes desportivos existentes no concelho e as modalidades que por eles são promovidas.

Tabela 6. Clubes e modalidades desportivas no concelho de VRSA

| Clubes do concelho (em 2013) | Modalidades Desportivas |
|---|--|
| Associação Naval do Guadiana | Vela, Motonáutica, Canoagem e Pesca desportiva |
| Associação Escolinha de Guarda-Redes LR | Futebol |
| Academia de Artes Marciais do Guadiana | Judo |
| Casa do Benfica de VRSA | Futsal |
| Clube de Taekwondo VRSA | Taekwondo |
| Clube de Ténis de VRSA | Ténis e Padel |
| Clube Náutico do Guadiana | Andebol, Ginástica, Natação |
| CRD da Corte António Martins | Pitança |
| Clube de Caça e Pesca "Os Unidos" | Caça, Pesca |
| Clube "Amigos do Cavalo" | Atividades equestres |
| Clube Jiu-Jitsu VRSA | Jiu-Jitsu |
| Grupo Desportivo Beira-Mar | Futebol Veterano |
| Grupo Desportivo Picnic | Atletismo, Ténis de Mesa |
| Grupo Desportivo "Os Galitos" | Cicloturismo |
| Grupo Columbófilo de Cacela | Columbofilia |
| Grupo Columbófilo do Guadiana | Columbofilia |

| | |
|--------------------------------|------------------------------------|
| Glória Futebol Clube | Atletismo, Xadrez |
| Juventude Basquetebol Clube | Basquetebol |
| Lusitano Futebol Clube | Futebol |
| Moto Clube do Guadiana | Atividades lúdicas, BTT |
| Núcleo Juvenil VRSA | Tiro com Arco |
| Núcleo do Sporting CP VRSA | BTT |
| Padel Clube VRSA | Padel, Atletismo, Futebol Veterano |
| Sociedade Recreativa Cacelense | Futsal recreação |
| Sociedade Columbófila Hortense | Columbofilia |

A maioria dos clubes desportivos do concelho utiliza as instalações do CDVRSA, registando-se um grande número de utências ao nível da utilização das instalações para treinos e competições.

Para além das atividades do associativismo desportivo local, tais como treinos, competições e eventos, a atividade desportiva no concelho é também muito caracterizada pelo fenómeno do turismo desportivo na área dos eventos e dos estágios desportivos. Com o surgimento do Estádio Municipal e a Pista de Atletismo em 1992, os responsáveis pelo Desporto a nível municipal pretenderam, desde logo, aproveitar a oportunidade para favorecer a hotelaria do concelho, criando as sinergias necessárias entre a oferta turística e a oferta desportiva, tal como já acontecia no concelho de Albufeira, no aldeamento turístico das Açoteias. Este facto foi referido pelo Prof. António Francisco, que desempenhou funções de aconselhamento e direção do Desporto no município desde o início dos anos 80 e até 2006, e que foi o principal impulsionador da criação das instalações do CDVRSA.

Outro aspeto a destacar em termos de desenvolvimento desportivo, e devido ao facto de Vila Real de Santo António ser uma cidade transfronteiriça, foi o estabelecimento de parcerias com entidades públicas e clubes de Ayamonte (Espanha) para a realização de eventos e atividades conjuntas, fomentando assim a proximidade e a troca de experiências sociais e desportivas entre duas cidades de países vizinhos. Entre estas atividades, destacamos a organização da prova de estrada em Atletismo designada “X Milhas do Guadiana” que surgiu após a inauguração da ponte internacional do Guadiana em 1992, a travessia do Rio Guadiana em Natação, a prova de canoagem “Subida do Rio

Guadiana em Canoagem” e a regata de vela “Subida e Descida do Rio Guadiana”. Na Figura 10 está exposta uma imagem captada durante a edição de 2013 da prova de atletismo X Milhas do Guadiana.



Figura 10. Prova de atletismo X Milhas do Guadiana, edição de 2013.

3.1.6. Turismo Desportivo

O concelho de Vila Real Santo António, devido à sua localização, acessibilidades, clima, infraestruturas de apoio ao turismo e infraestruturas desportivas, reúne um conjunto de atributos que potenciam o desenvolvimento do turismo desportivo, essencialmente na vertente da prática desportiva (turismo desportivo ativo), ou seja, no acolhimento de eventos e estágios desportivos. Ao nível dos eventos, podemos também identificar a visita de turistas desportivos passivos, como sejam espectadores e dirigentes que acompanham as equipas e os familiares de atletas que participam nas competições.

Eventos desportivos

Conforme referido anteriormente, devido à existência de excelentes infraestruturas desportivas e turísticas no concelho, tem-se registado a procura pelo concelho por parte de federações, associações, clubes e entidades privadas, para a realização de eventos desportivos regionais, nacionais e internacionais. Desde 1981, com a organização do Campeonato Mundial de Esperanças em Andebol (Grupo B), que o concelho acolhe eventos desportivos internacionais, tendo como infraestruturas desportivas de apoio as instalações do CDVRSa ou mesmo as condições naturais e urbanas existentes. Dos vários eventos desportivos que se realizaram no concelho nas últimas décadas, destacamos alguns dos eventos internacionais que se realizaram durante várias edições e que envolveram um significativo número de participantes (Tabela 7), assim temos: (a) X Milhas do Guadiana, prova de estrada em atletismo; (b) Taça dos Clubes Campeões Europeus de atletismo; (c) Meeting Internacional de Atletismo do Guadiana; (d) Triatlo Internacional do Algarve “Baía de Monte Gordo”; (e) Troféu Internacional de Futebol do Guadiana; (f) Mundialito de Futebol Infantil; e (g) Mundialito de Futebol Feminino – Algarve Cup.

Tabela 7. Eventos desportivos realizados no concelho de VRSA

| Eventos desportivos | Modalidade | Nível | Ano |
|--|-------------------|---------------|--|
| Campeonato do Mundo de Esperanças (grupo B) | Andebol | Internacional | 1981 |
| Triatlo Internacional do Algarve “ Baía de Monte Gordo” | Triatlo | Internacional | 1991 a 2004 |
| X Milhas do Guadiana, prova de estrada | Atletismo | Internacional | desde 1992 |
| Atleta Completo – 6ª edição | Atletismo | Nacional | 1992 |
| Mundialito de Futebol Feminino – Algarve Cup | Futebol | Internacional | desde 1994 |
| Meeting Internacional de Atletismo do Guadiana | Atletismo | Internacional | 1994 a 2003 |
| Taça dos Clubes Campeões Europeus de Atletismo | Atletismo | Internacional | 1995, 1996, 2000,2008, 2010,2011, 2012, 2013, 2014 |
| I Encontro Algarve – Andaluzia | Ténis de Mesa | Internacional | 1995 |
| Open Fundação da Cidade | Ténis | Internacional | 1995 a 2008 |
| Torneio Internacional do Algarve - Juniores | Futebol | Internacional | desde 1996 |
| Campeonato Nacional de Estrada | Atletismo | Nacional | 1998 |
| Olímpico Jovem | Atletismo | Nacional | 1998 |
| Final do Campeonato Nacional 2ª Div. - Femininos | Basquetebol | Nacional | 1998 |
| Taça UEFA – Regiões | Futebol | Internacional | 1999 |
| Campeonato do Mundo de Esperanças (grupo 3) | Andebol | Internacional | 1999 |
| Troféu Internacional do Guadiana | Futebol | Internacional | 2001 a 2004; 2006 a 2010 |
| Campeonato Nacional de Triatlo | Triatlo | Nacional | 2001, 2003, 2012 |
| Troféu Internacional “Memorial Caldeira Alexandre” | Tiro com Arco | Internacional | 2002, 2003, 2004 |
| Encontro Portugal – Espanha (Barreiras) | Atletismo | Internacional | 2003 |
| Final do Campeonato Nacional 2ª Div. - Masculinos | Andebol | Nacional | 2003 |
| Campeonato do Mundo Atletismo Escolar | Atletismo | Internacional | 2005 |
| Campeonato Nacional de Tiro com Arco | Tiro com Arco | Nacional | 2004 |
| Campeonato Europeu de Veteranos “EVAC Non Stadia” | Atletismo | Internacional | 2005 |
| Meia Maratona do Algarve | Atletismo | Internacional | 2006 |
| Circuito Nacional de Voleibol de Praia | Voleibol Praia | Nacional | 2006, 2007 |
| Mundialito Futebol Infantil | Futebol 7 | Internacional | desde 2007 |
| XI Campeonato Europeu e Mediterrânico Juniores e Cadetes | Tiro com Arco | Internacional | 2007 |
| Mundialito de Futsal Outdoor | Futsal | Internacional | 2007 |
| Campeonato Europeu de Kickboxing, Juvenil | Kickboxing | Internacional | 2007 |
| Portugal Orienteering Meeting – POM | Orientação | Internacional | 2008 |
| Super Final Liga Europeia de Futebol de Praia | Fut. De Praia | Internacional | 2008, 2009 |
| Campeonato Mundial de Motonáutica – F2000 | Motonáutica | Internacional | 2008 |
| WTA Ladies Open | Ténis | Internacional | 2008, 2009, 2010 |
| Copa Foot 21 – Futebol Infantil | Futebol 7 | Nacional | 2008 a 2012 |
| Campeonato Nacional de Jet Ski | Jet Ski | Nacional | 2009 |
| Campeonato do Mundo de Orientação – Escolar - ISF | Orientação | Internacional | 2013 |
| Copa do Guadiana – Futebol Infantil | Futebol 7 | Nacional | 2013, 2014 |
| Torneio UEFA Futebol Sub-16 (Masculino e Feminino) | Futebol | Internacional | 2013, 2014 |

Estágios Desportivos

No âmbito dos estágios desportivos, o concelho é um destino de referência para a realização de estágios de Atletismo. Este facto deve-se a uma estratégia promocional iniciada na década de 90, com a inauguração da pista de Atletismo sintética em 1992, e o consequente desenvolvimento nos anos seguintes das condições específicas para o treino das várias disciplinas da modalidade. Ao nível das outras modalidades desportivas, verifica-se com alguma regularidade a procura pelo CDVRSa para a realização de estágios de Futebol, Triatlo e Natação. Esporadicamente, também tem sido verificada a procura pelas instalações do complexo desportivo para a realização de estágios desportivos das modalidades de Rugby, Futebol Gaélico, Hurling, Lacrosse, Andebol, Tiro c/ Arco, Taekwondo, Judo e Halterofilismo. De salientar ainda o facto de existir a procura pelo concelho para a realização de estágios desportivos que visam apenas a melhoria da condição física dos atletas, praticantes de modalidades como o Motociclismo, o Pentatlo Moderno e o Ciclismo. Conforme referido anteriormente, o CDVRSa acolhe estágios de várias modalidades desportivas, como por exemplo de Futebol. Na Figura 11 apresentamos uma imagem captada durante um estágio da equipa de futebol feminino do clube alemão *VfL Wolfsburg*.



Figura 11. Estágio de futebol da equipa feminina do clube *VfL Wolfsburg*

Outras atividades

Existe um outro tipo de atividades de turismo desportivo realizadas no concelho, relacionadas com a prática do *fitness* e do *nordic hiking* (Figuras 12 e 13). São atividades promovidas por agências turísticas que operam no mercado dos países nórdicos, onde estas atividades são muito populares e aproveitam as excelentes condições naturais oferecidas pelo concelho, tais como, as praias, a mata nacional e a serra algarvia.



Figura 12. Prática de caminhada no pinhal (*nordic hiking*) por um grupo proveniente da Suécia.

Conforme podemos verificar na Figura 13, existe um outro nicho de mercado, relacionado com a prática de atividade física (*fitness*) ao ar livre que também se desenvolve nas condições naturais do concelho de VRSA, neste caso na praia. Estas atividades têm como mercado alvo praticantes do género feminino, provenientes dos países nórdicos.



Figura 13. Classe de *fitness* na praia de Monte Gordo.

Por último, salientamos que os praticantes de Golfe também encontram no concelho de Vila Real de Santo António condições ótimas para a prática da modalidade, nomeadamente, os dois campos de golfe da Quinta da Ria e o campo de golfe do empreendimento Monte Rei, ambos os campos localizados na freguesia de Vila Nova de Cacela.

3.2. Caracterização do contexto específico do CDVRSA

Contextualização

O Complexo Desportivo de Vila Real Santo António (CDVRSA) é constituído por um conjunto de equipamentos desportivos com bastante significado para o município e para os seus munícipes. Este complexo desportivo, para além de servir o associativismo desportivo local, regional e nacional, proporciona excelentes condições para a realização de eventos desportivos e é também bastante procurado por atletas e equipas estrangeiras para a realização de estágios desportivos.

Este fenómeno dos estágios desportivos, com maior incidência na modalidade de atletismo, verifica-se sobretudo devido à localização do complexo desportivo, ao clima da região e às valências desportivas que nos últimos 20 anos foram criadas para o treino da modalidade e pelos serviços de hotelaria

existentes no concelho. Este conjunto de atributos levou a que instituições nacionais e internacionais tivessem reconhecido a importância do complexo desportivo para a preparação dos atletas.

A nível nacional, através da celebração de um protocolo entre a Câmara Municipal de VRSA e o Comité Olímpico de Portugal (COP) em 2004, foi outorgada a acreditação do CDVRSa como Centro de Preparação Olímpica, o segundo depois do Complexo Desportivo de Rio Maior. Protocolo que teve vigência até 2009, ano em que foi definido pelo governo a criação de vários Centros de Alto Rendimento (CAR). Em 2014, o CDVRSa integrou a rede nacional de centros de alto rendimento, tendo celebrado uma parceria com as federações portuguesas das modalidades de Atletismo, Natação, Triatlo, Judo e Futebol a para criação de uma Comissão de Gestão Local.

A nível internacional, foi apresentada em 2001 uma candidatura por parte do município de VRSA junto da *International Association of Athletics Federations* (IAAF), organismo que tutela o atletismo a nível internacional, para certificação do CDVRSa enquanto um Centro de Treino de Atletismo reconhecido pela IAAF. De referir que no âmbito do desenvolvimento do atletismo, a IAAF apoia a criação e certificação de três tipos de centros, nomeadamente: Centros Regionais de Desenvolvimento, Centros de Treino de Alto Rendimento (HPTC) e Centros de Treino Acreditados (ATC). Neste sentido, o CDVRSa é um ATC pela IAAF desde 2002, certificação que significa a existência de determinadas condições específicas e o cumprimento de um conjunto de parâmetros definidos pela referida organização internacional. Esta certificação é sem dúvida um fator crítico de sucesso na estratégia de reconhecimento internacional, constituindo-se como uma garantia de qualidade e proporciona a distinção do CDVRSa, possibilitando assim uma maior atratividade por parte de atletas e equipas estrangeiras para a realização dos seus estágios de preparação.

Enquadramento orgânico do CDVRSa

A Lei nº 16/2004 de 11 de Maio, que estabelece as medidas preventivas e punitivas a adotar em caso de manifestações de violência associadas ao

desporto, define no seu artigo 3º alínea a) o espaço desportivo denominado “Complexo desportivo” como:

O espaço constituído por várias infra-estruturas desportivas destinadas à prática desportiva de uma ou mais modalidades, incluindo eventuais construções para serviços complementares e vias de comunicação internas, em geral gerido e explorado por uma única entidade.

De acordo com a ata nº 9/2008 da Assembleia Municipal de VRSA, datada de 22 de dezembro de 2008, foi aprovada a proposta que autorizou a constituição do direito de superfície a favor da SGU-VRSA, sobre o CDVRSA, por um período de 30 anos e pelo valor de 10,4 milhões de euros. Como consequência desta deliberação municipal, em 2010, foi celebrado um contrato-programa entre o Município de VRSA e a VRSA Sociedade de Gestão Urbana E.M.S.A., que teve como objeto a definição da actividade de exploração e gestão do CDVRSA. Segundo o ponto nº 2 da cláusula 3ª do referido contrato, a actividade de exploração e gestão abrange:

- a) A conceção, avaliação e implementação de um plano de utilização das actuais infraestruturas e equipamentos; bem como a identificação de oportunidades para novas infraestruturas que venham reforçar a oferta do Complexo Desportivo, ao nível de actividades desportivas e não desportivas.
- b) Avaliação dos recursos humanos existentes e definição dos meios humanos necessários para o desenvolvimento das actividades.
- c) Definição, implementação e avaliação de um conjunto de actividades, que permitam ao Complexo Desportivo, uma racionalização da sua exploração, e que se encontram expressos em “Objetivos” quantitativos e qualitativos, e que constam do “Plano de Actividades”.
- d) Pelas actividades desenvolvidas contribuir para o reforço do “BrandAwareness” da marca “Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António”.
- e) Garantir a execução do orçamento definido no “Plano de Actividades” e aprovado pela Assembleia Geral da SGU-VRSA.

Este facto veio alterar o modelo de gestão do CDVRSA, uma vez que anteriormente cabia à Divisão de Desporto da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António a responsabilidade de gestão do complexo desportivo.

Posteriormente, em 2011, foi aprovado o novo Regulamento da Estrutura Organizacional da Câmara Municipal de VRSA que estabelece a criação de duas Divisões relacionadas com o Desporto, ou seja, a Divisão de Desporto e Saúde e a Divisão de Gestão do Complexo Desportivo. De acordo com o ponto nº1 do artigo 26º do referido regulamento, são definidas as competências da Divisão de Desporto e Saúde do seguinte modo:

Compete, em geral, à Divisão de Desporto e Saúde implementar as linhas de política desportiva e de promoção da saúde definidas pelo executivo, gerindo em articulação com a divisão de gestão do complexo desportivo os espaços desportivos e assegurando a sua adequada utilização, promovendo a realização de provas e eventos desportivos, assegurando as condições para a realização de estágios profissionais e articulando com os clubes, associações e demais entidades com responsabilidades de âmbito desportivo o desenvolvimento desportivo concelhio.

Segundo o artigo 9º nº 2 alínea d) do novo Regulamento da Estrutura Organizacional da Câmara Municipal de VRSA, funcionam na dependência da Divisão de Desporto e Saúde os seguintes Núcleos: (a) Núcleo de Gestão dos Espaços Desportivos; (b) Núcleo de Associativismo e Provas Desportivas; (c) Núcleo de Apoio Técnico; (d) Núcleo de Saúde; (e) Núcleo de Estudos e Intervenção Psicológica. E de acordo com o ponto nº1 do artigo 27º do mesmo regulamento, as competências da Divisão de Gestão do Complexo Desportivo são definidas do seguinte modo:

Compete à Divisão de Gestão do Complexo Desportivo em articulação com a Divisão de Desporto e Saúde o estudo para proposta aos órgãos do município, de medidas ou orientações que visem a correcta utilização das instalações desportivas existentes no Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António, a identificação de áreas de investimento, a articulação com as entidades hoteleiras com vista à definição de uma política de apoio ao desenvolvimento de estágios profissionais, a coordenação dos espaços de forma a compatibilizar a utilização dos espaços por profissionais e pela comunidade local.

Sob a dependência da Divisão de Gestão do Complexo Desportivo funcionam os seguintes núcleos, segundo o artigo 9º nº 2 alínea e) do novo Regulamento

da Estrutura Organizacional da Câmara Municipal de VRSA: (a) Núcleo de Manutenção dos Equipamentos; (b) Núcleo de Estágios e Provas Desportivas; e (c) Núcleo de Apoio Técnico. Na figura 14 é apresentado o organigrama da estrutura interna da Câmara Municipal de VRSA.

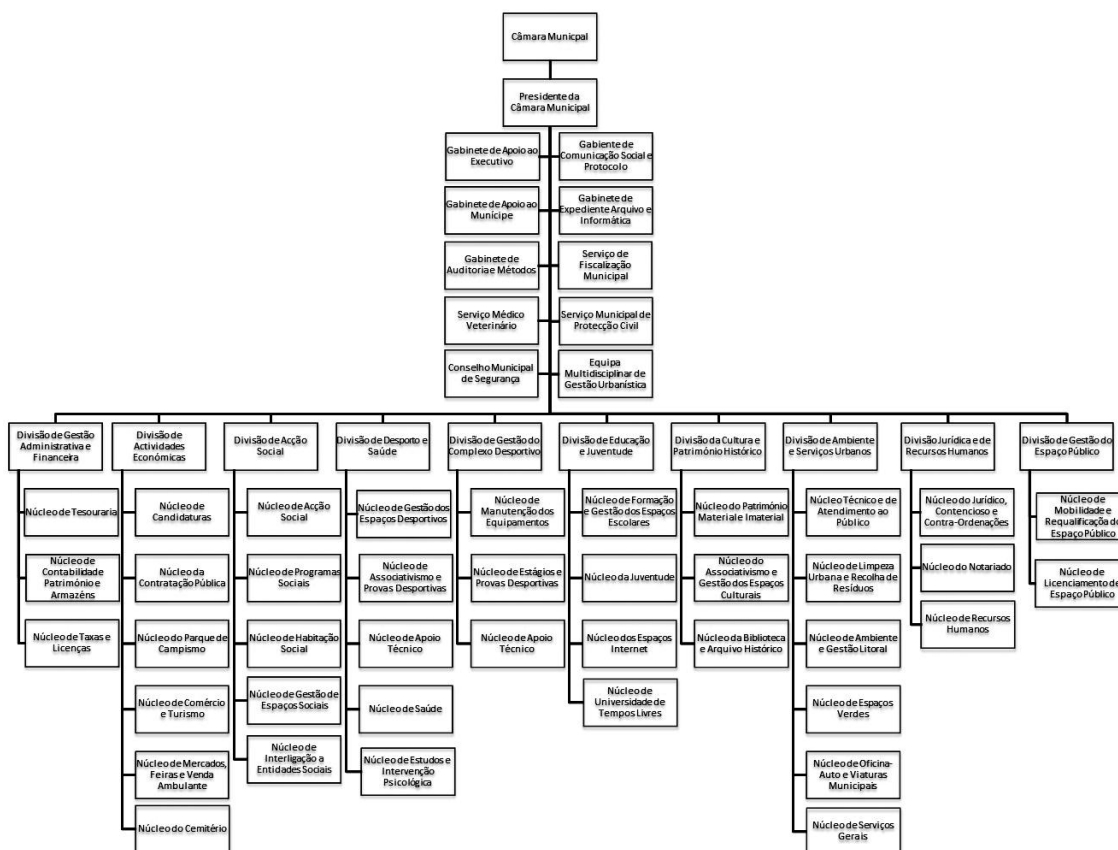


Figura 14. Organigrama da Câmara Municipal de VRSA

Modelo de gestão

Segundo Cunha (2007) podemos diferenciar a gestão das instalações identificando três modelos de gestão distintos, os quais resultam da necessidade de ultrapassar constrangimentos à ação que cada um dos modelos pode encetar. Por outro lado, estes modelos poderão ser definidos de acordo com os objetivos da política de gestão das instalações, em termos públicos ou privados. Neste sentido, Cunha (2007) diferencia a gestão das instalações segundo a seguinte categorização: (a) *Gestão direta* - Normalmente o proprietário da instalação desportiva administra e gere os acontecimentos e os negócios que estes proporcionam dentro da própria instalação e em tudo o que com ela se relaciona; (b) *Gestão indireta* - O

proprietário entrega mediante acordo ou contrato a gestão das atividades ou negócios a terceiros, transferindo para ele todas as responsabilidades inerentes; e por último, (c) *Gestão mista* - O proprietário partilha com uma terceira entidade ou mais, não apenas os recursos da sua propriedade, mas a própria gestão, em associação ou por meio de outras formas de participação partilhada.

No caso do CDVRSa, e de acordo com a especificidade dos equipamentos, dos serviços desportivos e através da participação da Sociedade de Gestão Urbana (SGU), considera-se simultaneamente a existência de dois modelos de gestão distintos: a gestão indireta e a gestão mista. Podemos identificar que estes modelos de gestão estão adaptados a instalações desportivas específicas, nomeadamente: (a) o centro de Ténis e Padel apresenta um modelo de gestão indireta, pois existem acordos e protocolos com os clubes das respetivas modalidades para gestão dos equipamentos; (b) as piscinas municipais têm um modelo de gestão mista em que participam três entidades distintas (a autarquia, a empresa municipal SGU e um clube desportivo); finalmente (c) a gestão das restantes instalações do CDVRSa é da responsabilidade da autarquia e da empresa municipal, através de uma gestão mista.

Instalações desportivas do CDVRSa

Atendendo à sequência cronológica de construção das várias instalações desportivas que integram o CDVRSa e ao seu modo funcionamento, podemos identificar 5 unidades distintas: (1) Pavilhão Desportivo Municipal e polidesportivos descobertos; (2) Centro de Ténis e Padel; (3) Estádio Municipal e zona anexa exterior; (4) Nave Desportiva; e (5) Piscinas Municipais. Na figura 15 encontra-se exposta uma planta do CDVRSa do ano de 2013.

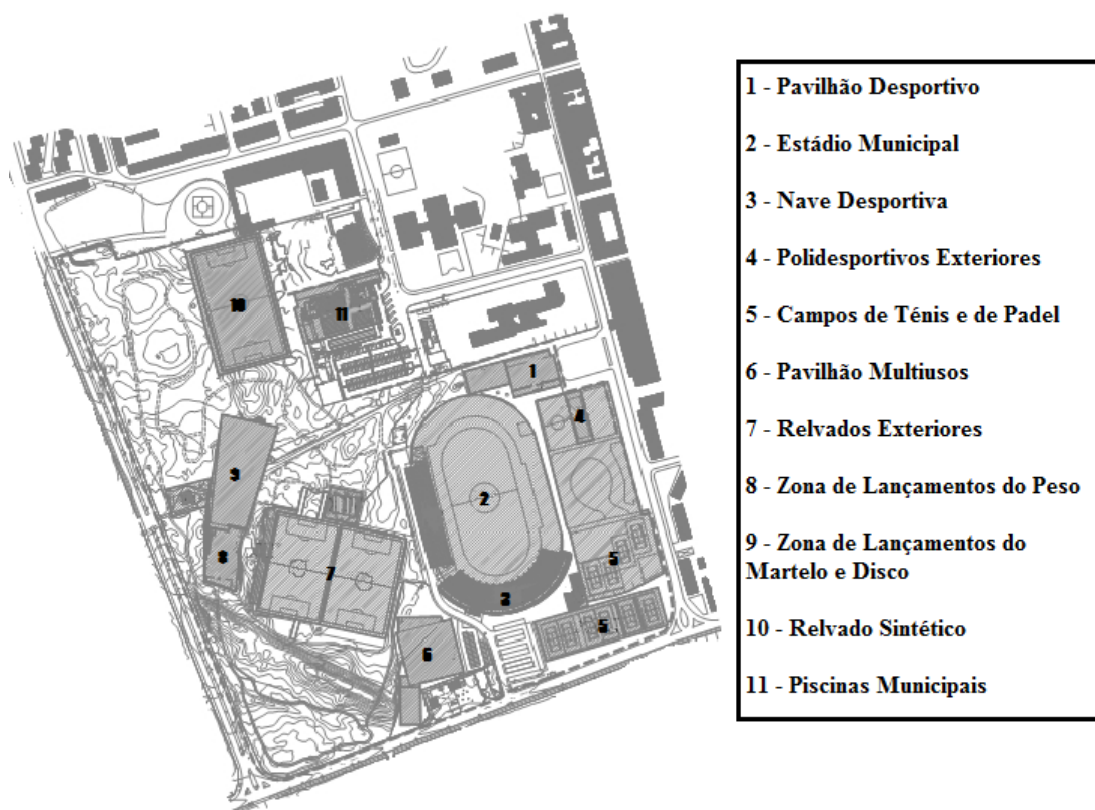


Figura 15. Planta do CDVRSa

Na tabela 8, referente às instalações desportivas que integram o CDVRSa, podemos analisar a respetiva **ordem cronológica** de construção das referidas instalações, a qual nos permite caracterizar a evolução da oferta e a forma como a expansão das instalações se desenvolveu tanto para satisfazer as necessidades da comunidade local, como para responder à procura do CDVRSa para a realização de estágios desportivos.

Tabela 8. Instalações desportivas do CDVRSa

| Instalações Desportivas do CDVRSa | Ano de construção |
|--|--------------------------|
| Pavilhão Desportivo João Ilídio Setúbal | 1977 |
| Polidesportivos exteriores e campos de ténis (piso betuminoso) | 1988 |
| Estádio Municipal - Relvado | 1989 |
| Pista Atletismo do Estádio Municipal | 1992 |
| Relvado nº 2 – zona anexa exterior | 1994 |
| Relvado nº 3 – zona anexa exterior | 1999 |
| Caminhos em terra no pinhal | 2000 |
| Relvado nº 4 – zona anexa exterior | 2002 |
| Nave Desportiva – pista coberta Atletismo | 2004 |
| Relvado sintético e rampas velocidade | 2006 |
| Piscinas Municipais 25 m | 2006 |
| Campos de Ténis em terra batida | 2006 |
| Cobertura da bancada do estádio municipal | 2006 |
| Renovação do piso sintético da pista de atletismo | 2010 |
| Piscinas Municipais 50 m | 2011 |

Relativamente às condições de treino para a modalidade de Atletismo, podemos verificar que a partir de 1992, com a construção da Pista de Atletismo, o CDVRSa começou a dispor de instalações para a prática da modalidade. Posteriormente, e devido ao aumento da procura pelo CDVRSa, houve a expansão das instalações para o treino da modalidade para uma zona exterior anexa ao estádio, nomeadamente, a criação de espaços de treino específicos para as disciplinas do sector de lançamentos (disco, dardo e martelo), possibilitando deste modo o treino destas disciplinas em segurança. Em 2004 foi construída a Nave Desportiva, um equipamento coberto específico para o treino de Atletismo e que veio alargar a oferta de condições e permitir o treino da modalidade durante os períodos de inverno. Na figura 16 encontra-se exposta uma fotografia panorâmica das instalações desportivas enquadradas no CDVRSa.



Figura 16. Fotografia das instalações desportivas do CDVRS

O Decreto-Lei nº 141/2009 de 16 de Junho estabelece o regime jurídico das instalações desportivas de uso público, definindo no seu artigo 2º que se entende por instalação desportiva o seguinte:

O espaço edificado ou conjunto de espaços resultantes de construção fixa e permanente, organizados para a prática de actividades desportivas, que incluem as áreas de prática e as áreas anexas para os serviços de apoio e instalações complementares.

Relativamente à tipologia das instalações desportivas, o artigo 5º do decreto-lei anteriormente mencionado define as diferentes tipologias de instalações desportivas. De acordo com o nº 1 do artigo 5º, as instalações desportivas podem ser agrupadas em três: (a) *Instalações desportivas de base*; (b) *Instalações desportivas especializadas ou monodisciplinares*; e (c) *Instalações desportivas especiais para o espetáculo*. Por sua vez, de acordo com o nº 2 do artigo 5º, as instalações desportivas de base podem subdividir-se em dois tipos: (a) *Instalações recreativas*; e (b) *Instalações formativas*. Em concordância com a categorização apresentada pelo regime jurídico das instalações desportivas de uso público, na Tabela 9 são elencadas as instalações desportivas do CDVRS, contendo ainda informação relativamente à área de implantação de cada instalação desportiva.

Tabela 9. Tipologia das instalações desportivas do CDVRS

| Instalação desportiva | Tipologia | Superfície |
|---|----------------------------|-----------------------|
| Pavilhão Desportivo Municipal | Base - Formativa | 800 m ² |
| Sala exercício físico - pavilhão | Base - Recreativa | 100 m ² |
| Polidesportivos 1, 2 e 3 | Base - Formativa | 2200 m ² |
| Centro de Ténis e Padel | Base - Formativa | 7000 m ² |
| Estádio Municipal | Especializada - espetáculo | 6968 m ² |
| Ginásio 1 – estádio | Base – Formativa | 396 m ² |
| Ginásio 2 – estádio | Especializada | 396 m ² |
| Pista Atletismo | Base - Formativa | 7400 m ² |
| Relvados 2 e 3 | Base - Formativa | 13.000 m ² |
| Relvado 4 | Especializada | 6000 m ² |
| Nave Desportiva | Especializada | 1874 m ² |
| Sala de exercício físico - nave | Base - Recreativa | 228 m ² |
| Relvado sintético | Base - Formativa | 8820 m ² |
| Piscinas cobertas (25 m e 16 m) | Base - Formativa | 652,5 m ² |
| Piscina coberta (50 m) | Especializada | 400 m ² |

Centros de treino certificados pela IAAF

Uma das funções das federações de atletismo de cada país é a preparação dos atletas para todos os níveis de competição, existindo diferentes formas e métodos de preparar os atletas. A preparação individual ou em grupo dos atletas pode implicar a deslocalização temporária de atletas e treinadores para outros locais de treino, tanto no seio do próprio país como para um outro país. No âmbito da política de desenvolvimento do Atletismo, a IAAF definiu um modelo de certificação de três tipos de centros de treino, os quais obedecem a determinados requisitos e critérios, que são os seguintes: (a) Centros de Desenvolvimento Regional (RDC); (b) Centros de Treino de Alto Rendimento (HPTC); e (c) Centros de Treino Acreditados (ATC).

O objetivo dos Centros de Desenvolvimento Regional da IAAF, cuja listagem se encontra na Tabela 10, é apoiar as federações filiadas nas suas regiões, uma vez que o seu trabalho é promover o desenvolvimento do atletismo no seu respetivo país. Estes centros são responsáveis pela implementação do Programa de Desenvolvimento da IAAF e pela coordenação das atividades de desenvolvimento na sua região.

Tabela 10. Centros de Desenvolvimento Regional da IAAF

| Centros de Desenvolvimento Regional da IAAF (RDC) | País |
|--|-------------|
| RDC Pequim | RP China |
| RDC Dakar | Senegal |
| RDC Jacarta | Indonésia |
| RDC Nairobi | Quênia |
| RDC Santa Fé | Argentina |
| RDC Cairo | Egipto |
| RDC Gold Coast | Austrália |
| RDC Moscovo | Rússia |
| RDC San Juan | Porto Rico |

Os Centros de Treino de Alto Rendimento da IAAF (Tabela 11) proporcionam um centro de excelência para o treino e desenvolvimento de atletas e treinadores de classe internacional, sendo geridos e supervisionados sob o controlo da IAAF. Muitos atletas têm beneficiado com o tempo passado nestes centros e como resultado disso têm melhorado as suas *performances* a nível mundial. Inclusivamente, alguns dos atletas que treinaram nestes centros foram vencedores de medalhas em competições internacionais. Este sucesso levou a que muitas federações filiadas na IAAF confiassem no progresso dos seus atletas de elite nestes centros de treino. De referir que, para integrarem estes centros de treino, os atletas têm que possuir determinadas marcas na sua disciplina específica do atletismo, existindo para o efeito uma tabela própria com as marcas mínimas de entrada.

Tabela 11. Centros de Treino de Alto Rendimento da IAAF

| Centros de Treino de Alto Rendimento da IAAF (HPTC) | País |
|--|-------------|
| HPTC Eldoret | Quênia |
| HPTC Dakar | Senegal |
| HPTC Maurícias | Maurícias |
| HPTC Pequim | RP China |
| HPTC Gold Coast | Austrália |
| HPTC Kingston | Jamaica |

De acordo com guião da IAAF, o sistema da IAAF para a acreditação de Centros de Treino Acreditados foi desenvolvido para dar resposta ao aumento da procura de informação acerca dos centros de treino apropriados para os atletas se prepararem para as competições ou mudarem do seu ambiente normal de treino. O objetivo do sistema é apoiar as federações nacionais filiadas na IAAF, atletas e treinadores, na recolha e divulgação de informação que permita a melhor decisão na escolha de um centro de treino apropriado às suas necessidades específicas. Esta acreditação é atribuída apenas aos centros de treino que reúnam e aceitem os critérios específicos e propostos pela IAAF, os quais incluem instalações de alta qualidade, serviços de apoio e treinadores apropriados. A classificação dos centros de treino é baseada em critérios técnicos, tais como, instalações desportivas, alojamento, disciplinas específicas do atletismo, treinadores, etc..

Estes centros de treino terão um conjunto de fatores mais conducentes para a melhor preparação dos atletas para uma concreta competição, para as várias competições da época ou enquanto mudança do seu ambiente de treino habitual. Um ambiente mais conducente pode integrar fatores tais como: (a) O clima em períodos chave do ciclo de preparação anual; (b) Instalações adequadas para as disciplinas específicas dos atletas; (c) A localização das instalações relativamente às próximas competições; (d) A adequação do ambiente relativamente ao ambiente de treino familiar dos próprios atletas; (e) A presença de outros atletas e treinadores de um nível de elite; (f) Material de treino especializado; (g) A presença no centro de treino de um treinador

qualificado e especialista; e finalmente, (h) A disponibilidade de apoio médico e científico na área do desporto.

No guião da IAAF são indicados quais os benefícios com a acreditação dos centros de treino da IAAF, existindo benefícios para os centros de treino e para as federações nacionais, atletas e treinadores. Os benefícios para os centros de treino acreditados pela IAAF são os seguintes: (a) Fazer parte da lista do diretório da IAAF de Centro de Treino Acreditados; (b) Ter o direito de utilizar a designação “ IAAF Accredited”; (c) Ter o direito de usar o logo da IAAF; e (d) Ser um centro onde podem ser usadas as bolsas de Solidariedade Olímpica. As vantagens da acreditação pela IAAF para as federações nacionais, atletas e treinadores são as seguintes: (a) A avaliação por parte da IAAF ao centro garante o cumprimento do mesmo relativamente a todos os critérios estabelecidos pela IAAF; (b) A referida avaliação também garante que existe um processo de controlo monitorizado à qualidade do centro; e por último, (c) Garantia que outras federações, atletas e treinadores testaram o centro como sendo de alta qualidade.

O CDVRSa é um centro de treino acreditado pela IAAF, integrando a lista dos vários centros acreditados a nível internacional, conforme indicado na Tabela 12.

Tabela 12. Centros de Treino Acreditados pela IAAF

| Centros de Treino Acreditados pela IAAF (ATC) | País |
|--|-------------|
| ATC Boulouris | França |
| ATC Debrecen | Hungria |
| ATC Donetsk | Ucrânia |
| ATC Kiev | Ucrânia |
| ATC Kuala Lumpur | Malásia |
| ATC Kourtane | Finlândia |
| ATC Muscat | Omã |
| ATC Nassau | Bahamas |
| ATC Qatar | Qatar |
| ATC Salé | Marrocos |
| ATC Saluzzo | Itália |
| ATC Vaxjo | Suécia |
| ATC Vila Real Santo António | Portugal |
| ATC Colónia – Centro Mundial de Salto em Altura | Alemanha |
| ATC Formia – Centro Mundial de Salto com Vara | Itália |

Um dos requisitos fundamentais para ser um centro de treino acreditado pela IAAF é a existência de instalações desportivas que possibilitem o treino das várias disciplinas da modalidade. O CDVRSa dispõe de equipamentos e de condições naturais envolventes que oferecem aos atletas várias opções para a realização das suas sessões de treino. Deste modo podemos destacar: (1) A pista de atletismo ao ar livre e os respetivos sectores; (2) A pista de treino de atletismo coberta; (3) A sala de exercício físico; (4) A zona exterior, áreas específicas para as disciplinas de lançamentos; e (5) A floresta de pinhal com 12,5 km de percursos em terra batida. Na tabela 13 são apresentadas as características técnicas das instalações desportivas e dos espaços naturais envolventes.

Tabela 13. Caracterização técnica do ATC do CDVRSa

| Instalações | Características técnicas |
|------------------------------------|---|
| Pista ao ar livre – Estádio | Tipo de piso: Politan, renovação em 2010 8 Corredores 400 m 80 Barreiras e obstáculos 2 Sectores Salto c/ Vara (Direção: 1 E-W; 1 S-N) 4 Sectores Salto em Comprimento (Direção: 2 N-S; 2 S-N) 1 Sector Salto em Altura 2 Sector Lançamento do Dardo (Direção: 1 N-S; 1 S-N) 1 Sector Lançamento Peso 1 Sector Lançamento Martelo e Disco |
| Pista coberta | 4 Corredores (80m), sector Salto em Altura, sector Salto em Comprimento, sector Salto c/ Vara, sector Lançamento do Peso e Disco Sala de Musculação (6 plataformas p/ pesos livres), máquinas Technogym 40 Barreiras |
| Zona exterior | 1 Relvado para Lançamento Disco 1 Relvado para Lançamento do Dardo 1 Relvado para Lançamento do Martelo e Disco 4 Círculos para Lançamento do Peso (terra batida) 2 Rampas (90 m) Pista de Corta Mato (2,3 km) Percurso em terra batida no Pinhal adjacente (12,5 km) |
| Certificação da Pista IAAF: | - Instalações de Atletismo de Classe 2 - Categoria de construção: IV - Produto sintético da pista: Rekortan M99, APT Corp., USA - N° certificação da IAAF para o produto sintético da pista: S-99-0012 - Empresa construtora: OPSA, POR - Empresa supervisora: Eberhard Behr GmbH, GER - Avaliado: 25 Setembro 2010 |

Inicialmente o CDVRSa foi acreditado pela IAAF enquanto centro de treino especializado nas disciplinas de Meio Fundo, Fundo e Corta Mato. Posteriormente, em 2011, atendendo às condições existentes e específicas para as disciplinas de lançamentos (Martelo, Disco, Peso e Dardo), foi submetido a apreciação da IAAF o reconhecimento e a especialização do CDVRSa no treino destas disciplinas, o que veio a ser aprovado.

Serviços de apoio

Em 2004 foi inaugurada a Nave Desportiva do CDVRSa, instalação desportiva especializada para treino das várias disciplinas do atletismo em espaço coberto. Este equipamento veio integrar também uma sala de exercício físico, uma sala de fisioterapia, um laboratório de avaliação do treino e uma sala de conferências. Estes equipamentos vieram criar as condições necessárias e de

apoio aos atletas em termos de serviço de fisioterapia e massagens. Vários grupos de atletas em estágio integram um fisioterapeuta ou então recorrem aos serviços de fisioterapeutas da região, os quais utilizam as instalações e os meios do CDVRSa. No ano de 2013 foi remodelada a área de serviços da Nave Desportiva, de modo a que fossem criadas as valências específicas, tendo em vista estabelecer um Centro de Medicina Internacional. Esta unidade de saúde irá também prestar apoio aos atletas que frequentam o CDVRSa na área da medicina desportiva e da fisioterapia.

Treinadores

O CDVRSa tem estabelecido um acordo com dois técnicos de atletismo, os quais não estão permanentemente nas instalações, contudo sempre que necessário disponibilizam-se para apoiar os atletas e os treinadores, tanto ao nível do treino como no apoio logístico e de participação em competições. Outro aspeto importante é a estreita relação entre o CDVRSa e a Associação de Atletismo do Algarve, que proporciona um melhor enquadramento e apoio a algumas das necessidades dos atletas em estágio.

Indicadores de gestão do CDVRSa

Ao nível da gestão de instalações desportivas existe um conjunto de indicadores básicos que nos permitem avaliar o desempenho e a importância social, desportiva e económica das instalações. No caso específico do CDVRSa foi-nos possível recolher informação sobre os recursos humanos e financeiros, o número de utências e de utentes em regime de estágio desportivo, as atividades que decorrem nas suas instalações desportivas, as parcerias e os eventos.

Atendendo ao modelo de gestão mista das instalações do CDVRSa, são enquadrados pela Divisão de Gestão do CDVRSa colaboradores com vínculo contratual com a Câmara Municipal de VRSA e colaboradores com vínculo contratual com a Sociedade de Gestão Urbana EM S.A. Os colaboradores do CDVRSa exercem funções nas seguintes áreas: (a) Direção; (b) Serviços administrativos; (c) Serviços de atendimento ao público; (d) Serviços de manutenção de espaços verdes; (e) Serviços de limpeza; e (f) Serviços de

manutenção geral. Na Tabela 14 pode ser consultada a lista de funcionários do CDVRSA, bem como as respetivas categorias, distribuídos por áreas funcionais.

Tabela 14. Lista de funcionários do CDVRSA

Funcionários do CDVRSA

| Área funcional | Categoria: | Nº funcionários |
|---|--------------------------------|------------------------|
| Direção | Chefe de Divisão | 1 |
| | Coordenador | 1 |
| | Técnico Superior | 4 |
| Serviços administrativos | Assistente Técnico | 2 |
| | Encarregado Operacional | 1 |
| | Escriturária de 2ª classe | 1 |
| Serviços de atendimento ao público | Assistente Operacional | 5 |
| | Assistente Técnico | 8 |
| Serviços de manutenção de espaços verdes | Assistente Operacional | 10 |
| Serviços de limpeza | Assistente Operacional | 2 |
| | Auxiliar de Limpeza | 6 |
| Serviços de manutenção geral | Assistente Operacional | 3 |
| | Operacional - espaços públicos | 1 |
| | Técnico 2ª classe | 1 |

De acordo com o Relatório de Gestão e Contas 2012 da SGU-VRSA, o CDVRSA é considerado uma Unidade de Desenvolvimento Estratégico, tendo apresentado em 2012 um défice de exploração de 141.287,72 €. Segundo o mesmo relatório, em 2012, a SGU assumiu a responsabilidade pelos serviços de limpeza e segurança do CDVRSA mas não a gestão global do equipamento, a qual esteve a cargo da autarquia através da Divisão de Gestão do CDVRSA. No entanto, as receitas foram totalmente detidas pela SGU embora as despesas fossem repartidas entre a SGU e a Câmara Municipal de VRSA. A Tabela 15 expõe os rendimentos e gastos apresentados pela SGU relativamente ao ano de 2012.

Tabela 15. Rendimentos e Gastos do CDVRSa no ano 2012

| Rendimentos e Gastos CDVRSa – 2012 | Valor |
|---|----------------------|
| Rendimentos | 675.998,14 € |
| Receitas CDVRSa | 135.998,14 € |
| Câmara Municipal VRSA | 540.000,00 € |
| Gastos | 817.285,86 € |
| Gastos com pessoal | 351.432,92 € |
| Fornecimentos e serviços externos | 375.951,50 € |
| Gastos, Depreciações e Amortizações | 89.901,44 € |
| Resultado | -141.287,72 € |

Ao nível dos rendimentos, os dados relativos aos anos de 2011, 2012 e 2013 facultados pela Divisão de Gestão do CDVRSa, são apresentados na Tabela 16. Analisando estes dados, verifica-se que a atividade relacionada com os estágios desportivos é a que gera um patamar superior de receitas, respeitando a 75% do total das receitas em 2011, 82% do total das receitas em 2012 e 80% do total das receitas em 2013.

Tabela 16. Rendimentos do CDVRSa

| Receitas do CDVRSa | 2011 | 2012 | 2013 |
|----------------------------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| Clubes e entidades locais | 8.915,61 € | 6.674,21 € | 10.288,47 € |
| Estágios desportivos | 86.053,90 € | 134.981,03 € | 139.358,64 € |
| Piscinas Municipais | 19.132,62 € | 22.540,16 € | 24.924,95 € |
| Total | 114.102,13 € | 164.195,40 € | 174.572,06 € |

As instalações do CDVRSa servem a comunidade local, clubes e outras entidades locais, assim como equipas e atletas nacionais e estrangeiros que procuram o complexo para a realização de estágios desportivos. A utilização do CDVRSa por parte de atletas em regime de estágio desportivo representou 30%, 34% e 29%, respetivamente nos anos de 2011, 2012 e 2013. Do primeiro para o segundo ano em análise é verificado um aumento de 4%, encontrando justificação na procura acrescida do CDVRSa para a preparação dos atletas, tendo em vista alcançar as marcas que possibilitassem a seleção e participação nos Campeonatos da Europa de Atletismo em Helsínquia e nos

Jogos Olímpicos Londres 2012. Na Tabela 17 são apresentadas as utências do CDVRSa referentes aos anos de 2011, 2012 e 2013.

Tabela 17. Número de utências do CDVRSa

| Utências do CDVRSa | 2011 | 2012 | 2013 |
|----------------------------------|---------------|---------------|---------------|
| Clubes e entidades locais | 76949 | 79914 | 79146 |
| Estágios desportivos | 32978 | 41168 | 34482 |
| Total | 109927 | 121082 | 113628 |

Ao nível dos estágios desportivos podemos identificar as diferentes modalidades desportivas que procuram o CDVRSa, verificando-se que o atletismo é a modalidade que representa o maior número de utentes em regime de estágio, designadamente, 93%, 91% e 88% dos utentes em 2011, 2012 e 2013, respetivamente. Relativamente a estágios de equipas de futebol, verifica-se em 2012 e 2013 uma maior procura, sendo a seguir ao atletismo a modalidade com o maior número de utentes. O outro aspeto a realçar relativamente ao número de utentes é o aumento em 2013 da procura das piscinas municipais para a realização de estágios deatação, passando de 52 utentes em 2012 para 160 utentes em 2013, ou seja, um crescimento de 208%. Os dados relativos aos últimos três anos também nos permitem identificar uma procura pontual (ou esporádica) pelo CDVRSa para a realização de estágios desportivos de algumas modalidades, tais como o pentatlo moderno, taekwondo, futebol gaélico e rugby. Outro dado relevante tendo sido a procura regular de uma equipa de motociclismo que realiza no CDVRSa um estágio que visa a melhoria da condição física dos seus pilotos. Na Tabela 18 são expostos os dados relativos ao número de utentes e utências por modalidade, nos anos 2011, 2012 e 2013, no âmbito dos estágios desportivos ocorridos no CDVRSa.

Tabela 18. Estágios desportivos no CDVRSa: nº de utentes e utências por modalidade

| Estágios desportivos | 2011 | | 2012 | | 2013 | |
|-----------------------------|----------------|-----------------|----------------|-----------------|----------------|-----------------|
| | utentes | utências | utentes | utências | utentes | Utências |
| Atletismo | 2877 | 31606 | 3801 | 37462 | 3084 | 30469 |
| Futebol | 102 | 651 | 185 | 1620 | 187 | 1487 |
| Rugby | 45 | 300 | 72 | 756 | 0 | 0 |
| Triatlo | 31 | 300 | 21 | 168 | 39 | 298 |
| Natação | 2 | 8 | 52 | 1048 | 160 | 1808 |
| Pentatlo Moderno | 7 | 63 | 8 | 30 | 0 | 0 |
| Motociclismo | 5 | 50 | 7 | 84 | 11 | 110 |
| Taekwondo | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 30 |
| Futebol Gaélico | 0 | 0 | 0 | 0 | 35 | 280 |
| Total | 3069 | 32978 | 4146 | 41168 | 3521 | 34482 |

No âmbito dos estágios desportivos há vários atletas e treinadores internacionalmente reconhecidos que frequentam o CDVRSa, sendo utentes de referência e prestígio. Entre estes atletas e equipas figuram alguns atletas campeões olímpicos, mundiais e europeus, fundamentalmente da modalidade de atletismo, assim como alguns atletas que integram as seleções nacionais do nosso país. Ao nível da modalidade de futebol o destaque vai para as equipas profissionais alemãs, nomeadamente, o *Hannover 96* da I Liga alemã e a equipa de futebol feminino do *VfL Wolfsburg*, vencedora da Liga dos Campeões da UEFA em 2013.

A informação acerca do CDVRSa e das atividades que decorrem nas suas instalações desportivas é outro dos indicadores a analisar. A este nível podemos referir o facto de existir um sítio próprio na internet do CDVRSa e a possibilidade de aceder a informações acerca do CDVRSa no sítio da Câmara Municipal de VRSA. Os serviços do CDVRSa publicam mensalmente uma *newsletter* com as principais notícias e acontecimentos relacionados com o complexo desportivo. Na imprensa regional e nacional também se verifica a divulgação de notícias acerca do CDVRSa, quer seja devido à realização de eventos desportivos ou à presença de alguns atletas e equipas de notoriedade internacional.

A Câmara Municipal de VRSA tem mantido um conjunto de parcerias com entidades desportivas regionais, nacionais e internacionais que visam potenciar a utilização do CDVRSA para a realização de eventos, estágios desportivos e outros projetos sócio desportivos. Entre estas parcerias podemos destacar as seguintes entidades: (a) Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF); (b) Federação Portuguesa de Atletismo; (c) Federação Portuguesa de Futebol; (d) Federação Holandesa de Futebol; (e) Federação de Triatlo de Portugal; (f) Federação de Andebol de Portugal; (g) Fundação Real Madrid; (h) Associação de Atletismo do Algarve; (i) Associação de Futebol do Algarve; (j) Patronato de Deportes do Ayuntamiento de Ayamonte; (l) Escola Internacional de Futebol Ricardo Godoy; e, (m) Associação FOOT 21.

Considerando as condições desportivas e turísticas existentes, o município de VRSA tem apoiado a realização de alguns eventos desportivos no concelho, potenciando assim o CDVRSA e simultaneamente, gerando benefícios para a economia local. Estes eventos têm um impacto económico significativo, gerado quer pelo número de atletas e visitantes que atraem, como pela promoção nacional e internacional que possibilitam. Outro dos objetivos com a realização dos eventos é contrariar a sazonalidade turística existente, relativamente à época dos meses de verão. Na Tabela 19 são indicados os principais eventos realizados no CDVRSA durante o ano de 2013, bem como o respetivo número estimado de participantes que foi apurado com base nas informações fornecidas pelos diferentes promotores dos eventos.

Tabela 19. Eventos desportivos realizados no CDVRSa em 2013

| Eventos desportivos 2013 | Mês | Nº participantes |
|--|------------|-------------------------|
| X Milhas do Guadiana | Novembro | 800 |
| Marcha e Corrida | Janeiro | 400 |
| Torneio Futebol Sub-16 (Mas/Fem) | Fevereiro | 300 |
| Algarve Cup - Futebol Feminino | Março | 150 |
| Mundialito Futebol 7 – Torneio Internacional | Março | 3000 |
| Taça dos Clubes Campeões Europeus - Atletismo | Maior | 500 |
| Copa do Guadiana Futebol 7 | Junho | 2500 |

^a Estimativa do nº de participantes (atletas, treinadores, dirigentes e organização)

Com a construção da pista sintética de atletismo em 1992, o CDVRSa passou a poder oferecer condições para o treino e competições de pista ao ar livre. O fenómeno dos estágios de atletismo já existia na região do Algarve, nomeadamente no concelho de Albufeira onde existia a procura pela pista de corta-mato e pela pista sintética das Açoteias. Atendendo ao facto de o CDVRSa se localizar na periferia da cidade, de estar integrado no ambiente natural da mata nacional e relativamente perto da vila turística de Monte Gordo, os responsáveis pelo desporto a nível municipal identificaram desde logo a oportunidade de promover os estágios desportivos no concelho e assim favorecer a hotelaria do concelho.

Numa fase inicial, alguns treinadores que estavam a realizar estágios nas instalações da Aldeia das Açoteias foram convidados a visitar o CDVRSa, os quais manifestaram o seu agrado pelas condições existentes no concelho de VRSA para a prática do atletismo, tanto ao nível das disciplinas de pista como ao nível do meio fundo. Neste sentido, em 1993 o município estabeleceu a parceria com os hotéis do concelho para promoção das condições desportivas e turísticas junto de clubes e federações de atletismo estrangeiras, processo que encetou a internacionalização do CDVRSa. Para o efeito foi elaborada uma brochura promocional em português e em francês, sendo as unidades hoteleiras responsáveis pela divulgação e reserva das instalações desportivas do CDVRSa.

Outra forma de promoção internacional do CDVRSa foi a organização do evento “Meeting Internacional do Guadiana” durante 10 edições, entre 1994 e 2003. Este evento reunia um conjunto de atletas internacionais, alguns dos quais vinham realizar os seus estágios de preparação e aproveitavam a competição para avaliar o seu estado de forma. Outro momento importante na internacionalização do CDVRSa foi participação de um representante do município na Convenção Anual da IAAF que se realizou na cidade de Granada (Espanha), em 1998, e que antecipava a organização dos Campeonatos Mundiais de Atletismo que se viriam, no ano seguinte, a realizar em Sevilha. Atendendo à proximidade geográfica e ao interesse em promover o CDVRSa, o então responsável municipal pelo Desporto, o Professor António Francisco, participou na convenção juntamente com os responsáveis da Federação Portuguesa de Atletismo. Nesta ocasião foram celebrados acordos com algumas selecções nacionais de Atletismo (Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Dinamarca, Suécia, EUA, Reino Unido e Finlândia) para realizarem os seus estágios de aclimatização e adaptação para os Campeonatos Mundiais de Sevilha de 1999 no concelho de VRSA, tendo sido inclusivamente organizada no CDVRSa uma competição prévia aos mundiais entre os atletas destas selecções. A Figura 17 apresenta o cartaz dessa competição, denominada “Mundialito de Atletismo”.



Figura 17. Cartaz do Mundialito de Atletismo 1999

Este evento foi talvez o acontecimento mais decisivo na internacionalização do CDVRSa, tendo levado os responsáveis do CDVRSa a apresentar em 2001, durante a convenção anual da IAAF realizada em Moscovo, uma candidatura para certificação do complexo desportivo enquanto Centro de Treino da IAAF, facto que se veio a concretizar em 2002. Desde então que representantes do município de VRSA participam nestas convenções, aproveitando para promover o CDVRSa e para manter relações estreitas com as federações de atletismo de vários países.

Como resultado deste trabalho de representação e promoção, durante a conferência anual da IAAF que se realizou em Reykjavik (Islândia) em 2005, foi estabelecido o acordo com a Federação Cubana de Atletismo para que o CDVRSa fosse o centro de treino da seleção cubana na Europa. Deste modo, os atletas tinham a possibilidade de se preparar e de participar em algumas competições a decorrer no continente europeu, tendo em vista a participação nos Campeonatos Mundiais de Pista Coberta 2006 que teriam lugar em Moscovo.

Tendo sido inicialmente a modalidade do atletismo a promover internacionalmente o CDVRSa, com o desenvolvimento de novas instalações desportivas, tais como os campos de treino de futebol e as piscinas municipais, verifica-se atualmente uma maior procura por parte de equipas e atletas estrangeiros para a realização de estágios das modalidades de futebol, natação e triatlo. Por outro lado, vários promotores de eventos desportivos, como sejam federações, clubes e empresas privadas, têm procurado o CDVRSa para a organização de eventos desportivos nacionais e internacionais, o que ajuda a promover o complexo desportivo a nível nacional e internacional. Por último, importa ainda referir que no âmbito do Euro 2004, o CDVRSa foi um dos centros de treino certificados pela UEFA.

Capítulo IV

Apresentação e discussão dos resultados

Pretendeu-se com esta investigação analisar o fenómeno dos estágios desportivos, especificamente da modalidade de atletismo, atividade para a qual o CDVRSa se foi especializando nas últimas décadas e que se revela bastante importante no contexto económico, social e desportivo da comunidade local. Assim, na presente investigação, em conformidade com os objetivos propostos, procurou-se dar resposta às seguintes questões:

- (a) Qual a procura e oferta por estágios de atletismo na região do Algarve?
- (b) Quem são os principais utentes e que condições procuram?
- (c) Quem são os atores no mercado dos estágios desportivos?
- (d) Qual a capacidade e condições oferecidas pelo CDVRSa para acolher estágios de atletismo?
- (e) Qual o impacto dos estágios de atletismo no turismo do concelho de VRSA?

4.1. CDVRSa: Turismo desportivo na vertente dos estágios de atletismo

4.1.1. Análise evolutiva do fenómeno dos estágios de atletismo no Algarve

A região do Algarve começou por ter uma forte ligação ao atletismo, nomeadamente no sector de meio fundo e fundo, desde 1977 com a organização do Cross Internacional das Amendoeiras (Figura 18), em Vilamoura. Este evento, uma ideia e iniciativa dos dirigentes e técnicos da Associação de Atletismo de Faro, teve o apoio total da então designada Comissão Regional de Turismo do Algarve. A organização do evento, uma parceria entre três instituições, duas ligadas ao desporto (Associação de Atletismo de Faro e Federação Portuguesa de Atletismo) e a terceira ligada ao turismo (Comissão Regional de Turismo do Algarve), tinha como objetivo a

promoção do Algarve enquanto destino turístico ideal para a prática desportiva ao ar livre durante todo o ano.



Figura 18. Cartaz promocional do 1º Cross Internacional das Amendoeiras.

O evento tornou-se num dos mais prestigiados eventos do atletismo nacional, tendo sido integrado na década de 1990 no circuito internacional de Corta-Mato da IAAF. Desde então, com a participação dos melhores atletas internacionais e com as transmissões televisivas realizadas, foi possível a promoção internacional da região do Algarve e do seu magnífico clima junto de atletas, treinadores e amantes da modalidade. O Cross das Amendoeiras ganhou grande notoriedade nacional e internacional, tendo sido distinguido pela IAAF em 1998, 1999 e 2000 como a melhor competição de corta mato a nível mundial. Todos estes atributos despertaram a atenção de atletas e treinadores nacionais e estrangeiros para as ótimas condições de treino existentes na região. Na Figura 19 podemos identificar a popularidade do evento, através do público presente, assim como a presença dos meios de cobertura televisiva e com Fernando Mamede (Sporting Clube de Portugal) na frente da corrida de 1978.



Figura 19. Cross Internacional das Amendoeiras

Vários fatores proporcionaram o desenvolvimento de estágios de atletismo na região, como sejam, o clima ameno, a tranquilidade durante os meses de Outono, Inverno e Primavera, os espaços naturais, as instalações desportivas, a hotelaria e serviços de apoio e as acessibilidades por via aérea através do aeroporto internacional de Faro.

Atendendo ao crescimento do evento nas três primeiras edições (1977 a 1979), os promotores do evento procuraram um novo local que proporcionasse melhores condições logísticas ao nível da capacidade de alojamento e uma maior proximidade entre a unidade hoteleira e o local de competição. Neste sentido, foi criada em 1980 a pista de Corta Mato das Açoteias, no concelho de Albufeira, tendo como unidade hoteleira de apoio o empreendimento Aldeia das Açoteias. Esta deslocalização veio promover um outro espaço para treino e competição ao nível do sector de meio fundo e fundo, o qual reunia excelentes condições – hoteleiras e de prática desportiva - tendo-se verificado uma significativa procura por parte de atletas nacionais e internacionais para a realização de estágios.

A identificação da procura pelo local, em especial por parte de atletas de meio fundo e fundo devido às condições de treino existentes, levou a que as entidades privadas e gestoras das unidades hoteleiras investissem na

construção de uma pista de atletismo sintética, de modo a oferecer condições de treino para os atletas das disciplinas técnicas dos outros sectores da modalidade, tais como saltos, lançamentos, velocidade e barreiras. Surge assim, em 1982, a pista de atletismo sintética das Açoteias, uma pista de 400m, com 4 corredores e apetrechada com os equipamentos específicos para a prática das disciplinas técnicas da modalidade, ampliando deste modo a oferta de condições de treino para o atletismo. Este facto levou a que a tutela do desporto, então representada pela Direção Geral dos Desportos, celebrasse um protocolo com o empreendimento turístico Aldeia das Açoteias, visando a reserva de alojamento e a prestação de serviços de refeições no âmbito dos estágios de atletas nacionais, durante os meses de Outono e Inverno.

Em termos internacionais, este espaço desportivo situado na proximidade de um empreendimento hoteleiro, veio proporcionar a realização de estágios de atletas de vários países da Europa que, devido aos invernos rigorosos nos seus países, procuram destinos com clima ameno onde possam treinar e melhorar o seu rendimento desportivo. Por esta razão, em termos internacionais este tipo específico de estágios é designado por *warm weather training camp*, ou seja, estágio desportivo em clima quente. O sul da Europa é muito procurado para este tipo de estágios, nomeadamente, Portugal, Espanha, Itália e Chipre.

Importa referir que em 1984, devido ao crescimento da procura pela Aldeia das Açoteias por vários grupos de atletas estrangeiros, um outro empreendimento turístico situado nas imediações, investe na construção de um complexo desportivo e constrói também uma pista de atletismo sintética. Este complexo, atualmente designado por *Alfamar Beach and Sports Resort*, é o **principal concorrente do CDVRS** no Algarve, enquanto destino para a realização de estágios de Atletismo.

Em 1992, com a construção da pista de Atletismo do Estádio Municipal de VRSA, a primeira pista sintética municipal a ser construída na região, o Algarve melhorou a oferta de condições de treino para os atletas das disciplinas

praticadas em pista, nomeadamente, meio fundo, velocidade, barreiras, saltos e lançamentos.

Em termos estratégicos, a autarquia local assumiu desde logo o interesse em estabelecer as parcerias necessárias com as entidades turísticas do concelho com o objetivo de posicionar o CDVRSa neste segmento de mercado do turismo desportivo. Poderemos referir que esse foi um fator decisivo e que possibilitou o desenvolvimento da atratividade pela região para a realização de estágios de Atletismo por parte de equipas e atletas estrangeiros.

Entre 1992 e 2010 foram várias as transformações ocorridas no CDVRSa e promovidas pelos responsáveis do município de VRSA, tendo em vista a melhoria das condições de treino para a modalidade do Atletismo, entre as quais se distinguem as seguintes:

- (a) 1992 – Construção Pista de Atletismo;
- (b) 1994 – Construção relvado nº 2, zona de lançamento do disco;
- (c) 1999 – Construção relvado nº 3, zona de lançamento do dardo;
- (d) 2002 – Construção do relvado nº 4, zona de lançamento do martelo e disco;
- (e) 2004 – Construção da Pista coberta para o treino de Atletismo;
- (f) 2007 – Construção de zona lançamento do peso;
- (g) 2010 – Repavimentação do piso sintético da pista do estádio.

A evolução e criação de novas instalações possibilitaram a expansão dos espaços de treino e, deste modo, uma oferta mais diversificada e de superior qualidade para a prática da modalidade, promovendo a segurança e conforto aos atletas.

4.1.2. CDVRSa: caracterização da procura atual dos estágios de atletismo

No âmbito deste estudo e classificando os estágios desportivos como uma forma de turismo desportivo ativo, identificamos, de seguida, as diferentes abordagens consideradas por Hinch e Higham (2004), tendo em conta os

diferentes critérios de segmentação do mercado, nomeadamente, geográficos, socioeconómicos, sociodemográficos e psicográficos.

O **mercado do turismo desportivo ativo** é constituído por indivíduos que procuram praticar atividade física (envolvimento físico) em competições desportivas ou em atividades desportivas não competitivas durante as suas viagens (Hinch e Higham, 2004). No caso específico dos estágios de Atletismo, os atletas procuram o Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António (CDVRSA) para melhorar a sua condição física e o seu desempenho técnico, no âmbito da sua disciplina da modalidade. Os estágios visam fundamentalmente a preparação dos atletas para as épocas de competição, essencialmente para preparar a época de competições ao ar livre. Os estágios são habitualmente promovidos pelos clubes e pelas federações nacionais de atletismo, existindo contudo a organização de estágios por parte dos atletas e treinadores de forma individual.

Segmentação geográfica do mercado

Relativamente ao mercado dos estágios de atletismo a segmentação geográfica é bastante evidente, tendo em consideração duas variáveis decisivas do ponto de vista da procura, ou seja, a acessibilidade e o clima. A acessibilidade é uma das variáveis determinantes na escolha pelo Algarve para a realização de estágios de atletismo, considerando as ligações aéreas através do aeroporto internacional da região e a possibilidade de realização de voos de curta duração desde os países britânicos e do norte da Europa. A geografia tem bastante influência no clima, outra variável fundamental na segmentação do mercado dos estágios de atletismo. O facto de a grande maioria e as principais disciplinas da modalidade se praticarem ao ar livre, implica que os atletas residentes em países com invernos rigorosos procurem destinos com um clima ameno em que simultaneamente existam as condições técnico-desportivas específicas para a realização das suas sessões de treinos, uma vez que nos seus países não têm as condições climatéricas adequadas para o treino ao ar livre.

Segmentação socioeconómica do mercado

Atendendo à análise da procura por estágios de Atletismo, verificam-se diferentes níveis socioeconómicos por parte de atletas e organizações desportivas (clubes e federações). Este aspeto é bastante evidente, considerando existirem atletas cujos estágios no estrangeiro são financeiramente suportados através de apoios governamentais (ex: bolsas olímpicas) e/ou de patrocinadores e existirem outros atletas sem qualquer tipo de apoio financeiro para os seus estágios de preparação. Também ao nível das organizações, clubes e federações, se verifica existir uma diferente capacidade económica para promover estágios no estrangeiro. Neste sentido, podemos realçar que as federações de atletismo dispõem de apoios financeiros governamentais, específicos para a preparação dos atletas integrados no percurso de alta competição. Outro fator a realçar é a diferente capacidade económica dos países, a qual tem influência nos recursos financeiros a disponibilizar para o desporto e para as organizações desportivas, o que condiciona a realização de estágios desportivos no estrangeiro.

Segmentação sociodemográfica do mercado

No caso dos participantes em estágios de Atletismo verificam-se algumas diferenças demográficas, existindo clubes que realizam estágios unicamente com jovens atletas, tendo os estágios essencialmente um carácter de formação desportiva e social. Um outro segmento em estudo, e que poderá ter tendência de evoluir, é o segmento do atletismo veterano, pois é intenção da *European Veterans Athletics Association (EVAA)* organizar estágios de formação para atletas e treinadores desta categoria etária. No âmbito do CDVRS, verifica-se também a procura por parte de clubes e federações que promovem estágios para atletas portadores de deficiência (atletas paralímpicos). Um exemplo desses estágios corresponde à imagem exposta na Figura 20.



Figura 20. Atleta paralímpico durante o treino de lançamento do disco.

Segmentação psicográfica do mercado

Identificamos neste estudo de caso, vertente dos estágios de atletismo, um turismo desportivo ativo em que os participantes são praticantes de uma modalidade desportiva concreta, o que lhes atribui uma subcultura desportiva específica e, simultaneamente, existindo a preferência por um determinado tipo destinos, os quais deverão reunir condições técnicas e desportivas necessárias para praticar a sua modalidade.

Impactos na economia local

No âmbito deste estudo de caso, podemos verificar a importância económica dos estágios de atletismo, os quais geram 82% do total de receitas anuais realizadas pelo complexo desportivo, percentagem verificada nos anos de 2011, 2012 e 2013. Além das receitas diretas para o CDVRSa, resultantes apenas do aluguer de utilização das instalações desportivas, as agências de viagem e as unidades hoteleiras também retiram benefícios económicos com os estágios desportivos na medida em que prestam serviços de transporte, alojamento e outros serviços, tanto a clubes como a federações de atletismo. Importa referir que o apoio à atividade dos estágios de atletismo implica a geração de emprego, quer seja ao nível dos serviços desportivos municipais,

como também ao nível das agências de viagens, hotelaria e restauração. De acordo com as entrevistas realizadas aos diretores das agências Viagens Laranja e Exposé Viagens, agências que operam neste segmento de turismo desportivo no Algarve, os estágios de atletismo geram um volume de vendas de cerca de três milhões de euros. No total, e devido à sua atividade no turismo desportivo, estas agências garantem emprego a 28 pessoas.

Indicadores qualitativos e quantitativos da procura do CDVRSa

De modo a caracterizar a procura atual do CDVRSa para a realização de estágios de atletismo, procedeu-se à análise dos relatórios anuais e na recolha de dados com base nas fichas de reserva, de modo a identificar os seguintes indicadores qualitativos e quantitativos: (a) Número de utentes; (b) Número de utências; (c) Receitas geradas; (d) Países de origem dos utentes; (e) Duração da estadia; e (f) Sazonalidade.

Número de utentes, número de utências e receitas geradas

Os dados relativos a três anos consecutivos - 2011, 2012 e 2013 – foram analisados, com a particularidade de em 2012 terem ocorrido dois megaeventos desportivos: os Jogos Olímpicos (Londres) e os Campeonatos Europeus de Atletismo (Helsínquia). Consequentemente, examinaram-se os dados da atividade dos estágios de atletismo relativos aos períodos pré-olímpico, olímpico e pós-olímpico. Na Tabela 20 são apresentados os resultados relativos ao número de utentes e de utências, bem como às receitas geradas com a atividade dos estágios de atletismo.

Tabela 20. Estágios de atletismo no CDVRSa: utentes, utências e receitas

| Estágios de atletismo no CDVRSa | 2011 | 2012 | 2013 |
|--|-------------|--------------|--------------|
| Nº utentes | 2877 | 3801 | 3084 |
| Nº utências | 31606 | 37462 | 30469 |
| Receitas | 84.294,40 € | 129.871,37 € | 121.126,39 € |

As receitas geradas referem-se à utilização das instalações desportivas do CDVRSa, resultante do valor da diária aplicada a atletas e treinadores. Em 2011 o preço da diária por atleta foi de 4,92 € e uma taxa única de 3,08 € por

treinador. Em 2012 e 2013 o preço da diária para os estágios de atletismo no CDVRSa foi de 5,17 € por atleta e 2,46 € por treinador.

Da análise dos dados da tabela 20, regista-se em 2012 um aumento do número de utentes (32%) e consequentemente do número de utências (19%) relativamente a 2011. Este crescimento pode encontrar justificação no facto de, em 2012, se terem realizado os Jogos Olímpicos de Londres o que pode ter levado, tanto os clubes como as federações, a investirem mais na preparação dos atletas, de modo a poderem atingir os mínimos de participação nos Jogos Olímpicos, ou então, para preparem a sua participação. Em termos de receitas, registou-se um aumento de 54%, resultante do aumento do número de utentes e utências, do aumento do preço em 5% e do facto de os treinadores, a partir do ano de 2012 passarem a pagar uma diária no valor de 2,46 €, em vez da taxa única praticada em 2011 no valor de 3,08 €. No ano de 2013, após os Jogos Olímpicos de Londres, registou-se uma redução do número de utentes (menos 19%) e do número de utências (menos 19%). Esta redução implicou uma redução de 7% no volume de receitas provenientes dos estágios de atletismo.

Países de origem dos utentes

Relativamente à identificação dos países de origem dos utentes do CDVRSa em regime de estágio de atletismo, verifica-se a proveniência de atletas e treinadores de vários países, maioritariamente do continente europeu. Assim, em 2011 registaram-se utentes de 26 países e tanto em 2012 como em 2013, registaram-se utentes de 31 países distintos. Esporadicamente e em número muito reduzido, procuram o complexo desportivo alguns atletas oriundos de países do norte de África e do Médio-Oriente, com por exemplo da Argélia, Tunísia, Emirados árabes Unidos ou do Qatar. Para uma melhor na análise dos países de origem dos utentes que realizam estágios de atletismo no CDVRSa, apresentam-se na Tabela 21 as percentagens de utentes por país de origem, referente a alguns dos principais países de origem. Pode ainda ser consultada a listagem completa dos países origem dos utentes que frequentaram o CDVRSa em regime de estágio de atletismo no Anexo 7.

Tabela 21. Estágios de atletismo no CDVRSa: países de origem dos utentes

| País de origem | Estágios de atletismo CDVRSa – Uteses (%) | | |
|------------------------------|--|-------------|-------------|
| | 2011 | 2012 | 2013 |
| Reino Unido e Irlanda | 26,8 | 26,6 | 20,2 |
| Alemanha | 13,3 | 7,6 | 6,4 |
| Finlândia | 13,1 | 13,0 | 11,2 |
| Holanda | 11,3 | 5,2 | 6,8 |
| Suécia | 9,7 | 8,0 | 5,9 |
| França | 6,8 | 14,5 | 15,3 |
| Portugal | 4,3 | 3,1 | 6,6 |
| Noruega | 3,9 | 3,1 | 2,3 |
| Bélgica | 1,9 | 3,7 | 7,2 |
| Polónia | 1,9 | 1,8 | 4,3 |
| Suíça | 1,7 | 3,4 | 2,0 |
| Estónia | 1,2 | 0,6 | 2,2 |
| Rússia | 0,3 | 2,6 | 3,9 |

Relativamente aos países de origem dos utentes, podemos verificar que o mercado britânico, incluindo a Irlanda, é o que maioritariamente procura o CDVRSa (26,8 % em 2011; 26,6 % em 2012; e 20,2 % em 2013). Esta realidade pode ser explicada por vários fatores: (a) maior potencial financeiro; (b) o efeito dos Jogos Olímpicos de Londres; (c) maior tradição dos britânicos em viajar para o Algarve; (d) maior regularidade de voos diretos; (e) mais investimento no desporto e na preparação dos atletas. Do centro da Europa, verifica-se que uma significativa percentagem de atletas é oriunda da Alemanha, França e Holanda (entre 25% a 30%). De referir ainda, o facto de em 2011, 26,7 % dos utentes terem sido provenientes dos países nórdicos - Finlândia, Suécia e Noruega - países com muita tradição no atletismo e que têm invernos bastante rigorosos.

Duração da estadia e estimativa de dormidas na região

No que se refere à duração da estadia, em 2012 foi registada uma estadia média de 12 dormidas, sendo que a moda é de 10, ou seja, a maioria dos grupos realiza estágios que implicam a estadia de 10 dormidas. Na Tabela 22 são apresentados os principais hotéis onde os atletas e treinadores ficam alojados.

Tabela 22. Estágios de atletismo no CDVRSa: hotelaria, utentes e dormidas

| Hotéis | Estágios de atletismo CDVRSa | | |
|------------------------------------|--|--------------------|------------------------------|
| | Nº utentes e nº dormidas (2012) | | |
| | Atletas | Treinadores | Dormidas (estimativa) |
| Hotel Alcazar | 293 | 66 | 3140 |
| Hotel Apolo | 69 | 28 | 1695 |
| Hotel Alba | 100 | 21 | 1474 |
| Hotel Baía Monte Gordo | 14 | 4 | 150 |
| Hotel Calema | 205 | 43 | 2887 |
| Hotel Casablanca | 22 | 0 | 258 |
| Hotel Catavento | 2 | 2 | 66 |
| Aparthotel Dunamar | 400 | 87 | 5093 |
| Hotel Foz Atlântida | 39 | 5 | 394 |
| Aparthotel Monte Gordo SPA | 52 | 9 | 1080 |
| Hotel dos Navegadores | 8 | 1 | 99 |
| Hotel Vasco da Gama | 56 | 15 | 780 |
| Apartamentos Veleiro | 3 | 0 | 54 |
| Yellow Hotel | 423 | 147 | 9061 |
| Apartamentos VRSA | 10 | 3 | 198 |
| Alojamento não identificado | 1247 | 427 | 20088 |
| Totais | 2943 | 858 | 46517 |

A estimativa do número de dormidas foi calculada multiplicando o número de utentes pelo número de dias de duração dos estágios desportivos, através dos dados fornecidos nas fichas de reserva dos utentes. De referir que não foi possível identificar a última unidade hoteleira de alojamento referida na Tabela 22, em que é contabilizado um total de 1674 utentes; ainda assim, tendo em consideração o valor da estadia média (12 dias), estimou-se para este número de utentes, um total de 20088 dormidas.

Em síntese, no ano de 2012 os estágios de atletismo envolveram a participação de 3801 utentes (2943 atletas e 858 treinadores/*staff*), sendo estimado um total de 46517 dormidas nas unidades hoteleiras do concelho.

Considerando um valor médio de 30,00 € (meia-pensão) do custo por dormida, de acordo com a diversidade de preços de alojamento (hotéis 3*/4* e apartamentos) estima-se um volume de negócios com o alojamento (hotelaria) no valor de 1.395.510,00 €.

Sazonalidade dos estágios de atletismo

Da análise aos dados relativos à atividade de estágios no CDVRSa, apresentados nos relatórios anuais do CDVRSa e com base no sistema de acessos às instalações (Sportstudio), podemos identificar e caracterizar a sazonalidade do fenómeno em termos de utentes e utências ao longo do ano. Em conformidade com o exposto na Tabela 23, identifica-se um aumento dos estágios nos meses de Novembro e Dezembro, o que significa um acréscimo da procura devido ao clima de inverno e coincidente com o período de férias de Natal e Fim de Ano. Posteriormente, em Janeiro e Fevereiro, verifica-se uma diminuição, sendo habitualmente a época de preparação dos atletas de meio-fundo e fundo, os quais realizam alguns dos treinos nos circuitos de corrida do pinhal envolvente ao complexo desportivo. Podemos classificar os meses de Março, Abril e Maio como a época alta dos estágios de atletismo, constituindo o período indicado para a preparação da época de competições ao ar livre que se inicia no final do mês de Maio.

Tabela 23. Sazonalidade dos estágios de atletismo em 2011, 2012 e 2013

| Utentes e utências (Ano/mês) | Sazonalidade dos estágios de atletismo CDVRSa (2011, 2012 e 2013) | | | | | | | | | | | | |
|--|--|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------|
| | Jan | Fev. | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez | |
| 2011 | <i>Utentes</i> | 314 | 264 | 540 | 1176 | 841 | 56 | 7 | 0 | 53 | 63 | 193 | 529 |
| | <i>Utências</i> | 2342 | 1446 | 4424 | 9028 | 6605 | 202 | 13 | 0 | 387 | 651 | 1280 | 5228 |
| 2012 | <i>Utentes</i> | 396 | 390 | 552 | 1916 | 655 | 19 | 151 | 196 | 14 | 116 | 125 | 461 |
| | <i>Utências</i> | 2887 | 2405 | 4429 | 15824 | 3833 | 88 | 1054 | 1147 | 40 | 903 | 879 | 3973 |
| 2013 | <i>Utentes</i> | 310 | 327 | 478 | 1644 | 654 | 23 | 20 | 3 | 5 | 43 | 61 | 419 |
| | <i>Utências</i> | 3057 | 2016 | 2707 | 14960 | 3843 | 52 | 71 | 28 | 54 | 227 | 432 | 3022 |

Ao analisarmos os dados, verifica-se que nos meses de Junho a Setembro existe uma redução significativa da procura. Este facto encontra explicação no facto de, neste período, decorrer um elevado número de importantes competições e, simultaneamente, com o início do verão em toda a Europa, os atletas encontram ótimas condições de treino nos seus países.

Distribuição: agências promotoras

Uma das formas de distribuição e promoção dos serviços do CDVRSa é através do estabelecimento de parcerias com agências que operam no mercado do turismo desportivo. Estas agências consideram o CDVRSa e a região envolvente como um destino onde existem instalações desportivas e turísticas de qualidade e atrativas para atletas e equipas de várias modalidades desportivas. Na Tabela 24 podem ser consultadas as agências que promovem o CDVRSa e ao qual fazem referência nos seus *websites* e brochuras promocionais.

Tabela 24. Agências promotoras do CDVRSa

| Agência | País | Website |
|-----------------------|-------------|--|
| Viagens Laranja | Portugal | www.laranjatours-sport.com |
| Exposé Viagens | Portugal | www.exposeviagens.com |
| MoveSports | Portugal | www.movesports.com |
| Domitur | Portugal | www.domitur.pt |
| Portugal Sport | Portugal | www.sportugalfanspace.com |
| Allgarve Sports | Portugal | www.allgarvesports.com |
| Algarve Sport Camps | Portugal | http://algarvesportcamps.com/ |
| Track and Field Tours | Reino Unido | www.trackandfield.co.uk |
| Sports Abroad | Reino Unido | www.sportstrainingcamps.co.uk |
| Here We Go | Suécia | www.herewego.se |
| Global Sport Tours | Suécia | www.gstours.se |
| OLKA | Suécia | www.olka.se |
| Springtime Travel | Suécia | www.springtime.se |
| Tourea Sports | França | www.tourea-sports.com |
| Stadium 360 | França | www.stadium-360.com |
| WhichTrainingCamp | Reino Unido | www.whichtrainingcamp.com |

Na Figura 21, referente à brochura específica para estágios de atletismo da agência *Tourea Sports*, está bem identificado o destino “Monte Gordo” que naturalmente está diretamente associado ao CDVRSa.



Figura 21. Brochura da agência *Tourea Sports*.

Estas agências facilitam a promoção do CDVRSa nos países onde estão sediadas, tentando atrair para o nosso país clubes e federações para a realização de estágios desportivos. Nos últimos anos tem-se verificado o aparecimento de novas agências, algumas com segmentos de mercado definidos por modalidades desportivas específicas. A agência Viagens Laranja, criada no ano 2000 e sediada no concelho de Vila Real de Santo António, é a principal agência angariadora de clientes do mercado dos estágios de atletismo para o CDVRSa, tendo sido pioneira na região do Algarve no desenvolvimento deste produto de turismo desportivo. Estima-se que cerca de 60% das reservas do CDVRSa sejam efetuadas através desta agência, cuja brochura se apresenta na Figura 22, onde se destaca o CDVRSa.

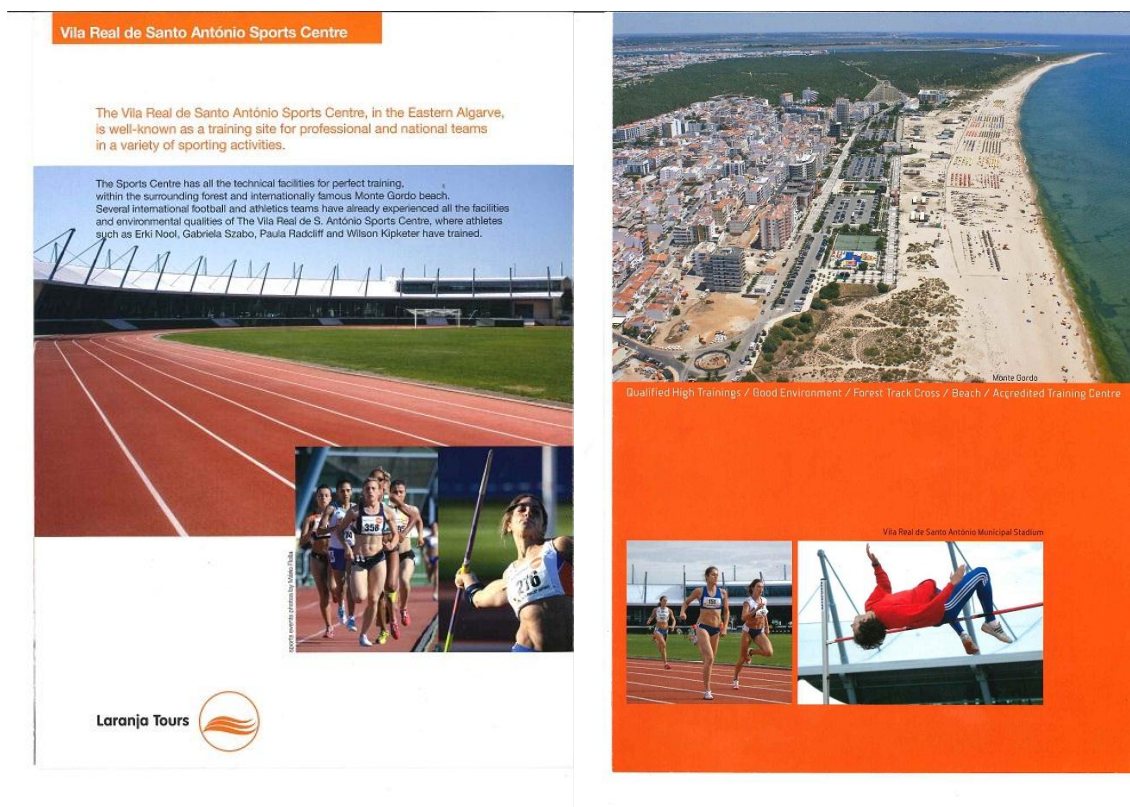


Figura 22. Brochura da agência Viagens Laranja.

Comunicação

O CDVRSa tem desenvolvido um processo de comunicação com os clientes – atuais e potenciais - que se baseia no envio de *mailings*, relações públicas e contactos pessoais com atletas, treinadores e dirigentes de clubes e federações de atletismo. Neste âmbito, são várias as estratégias de comunicação que têm sido adotadas pelo CDVRSa: (a) recentemente, foi criado um novo *website* do CDVRSa; (b) material gráfico diversificado, como brochuras e *flyers* (Figura 23); (c) habitual presença de responsáveis do CDVRSa na convenção anual da Associação Europeia de Atletismo (AEA); e ainda (d) a divulgação do CDVRSa no *website* da IAAF, devido à integração no painel de centros de treino certificados internacionalmente.

Por outro lado, o facto de o CDVRSa dispor de técnicos de desporto que se dedicam especificamente aos estágios desportivos e ao contacto com os utentes, garante a comunicação permanente na fase de preparação e enquadramento do estágio, assim como durante a realização do estágio. Desta

forma, são asseguradas as necessidades dos utentes e o apoio logístico à sua estadia.



Figura 23. Desdobrável do CDVRSa divulgado no ano 2014.

Qualidade e fidelização

No âmbito da gestão da qualidade, o facto de o CDVRSa ter sido escolhido por parte dos responsáveis da federação de Atletismo da Grã-Bretanha para os estágios de preparação prévios às mais importantes competições internacionais de atletismo (Campeonato Mundial 2009, Berlim; Campeonato da Europa 2010, Barcelona e Jogos Olímpicos de 2012, Londres), indica existirem excelentes condições de treino, as quais corresponderam às necessidades dos atletas e treinadores. Na imagem exposta na Figura 24 podemos identificar o estádio e pista de atletismo do CDVRSa como o equipamento principal, de suporte à preparação dos atletas.



Figura 24. Estágio de preparação da seleção britânica antes dos Jogos Olímpicos de Londres 2012.

4.1.3. Análise da concorrência do CDVRSa na região do Algarve

De modo poder analisar a realidade deste segmento do turismo desportivo na região do Algarve, foram realizadas entrevistas a quatro responsáveis pela gestão de alguns dos complexos desportivos existentes na região (Complexo Desportivo de Lagos – CDL; Complexo Desportivo de Quarteira – CDQ; Alfamar Beach & Sport Resort de Albufeira – Alfamar; e Estádio Municipal da Bela Vista de Lagoa - EMBV) e que dispõem de infraestruturas desportivas e turísticas para acolher estágios de atletismo. Os dados recolhidos permitiram analisar a atividade relacionada com os estágios de atletismo e o posicionamento estratégico e operacional das entidades gestoras destes complexos desportivos, relativamente a este segmento de mercado do turismo desportivo. Foi ainda efetuada observação directa das instalações dos complexos acima mencionados através da realização de visitas aos locais.

Promoção dos equipamentos para atrair estágios desportivos

Com a exceção dos responsáveis pela gestão do CDQ, existe por parte dos outros gestores uma opção estratégica de promoção e divulgação dos seus equipamentos desportivos para atrair em maior quantidade os estágios de atletismo. Os principais meios e estratégias utilizadas são as seguintes: brochuras; *mailings*; sítios na *internet* (próprios e dos hotéis); agências turísticas; parcerias com hotelaria e organizações desportivas.

Os gestores destes equipamentos têm desenvolvido parcerias com agências turísticas promotoras de estágios desportivos, tendo sido referidas as seguintes agências: Domitur; Olímpia Tours; Viagens Laranja; Exposé Viagens; Open Travel Service. Algumas destas agências promovem também o CDVRSa, como por exemplo é o caso das agências Viagens Laranja, Domitur e Exposé Viagens. Em termos comparativos, verificamos que o CDVRSa é promovido por um maior número de agências, potenciando assim a divulgação/distribuição dos seus serviços e instalações desportivas junto do público-alvo.

No que concerne a parcerias com unidades hoteleiras, apenas os gestores do CDQ não têm qualquer parceria com unidades hoteleiras. As parcerias visam essencialmente a promoção de descontos no alojamento e a utilização gratuita das instalações desportivas.

Em relação à sazonalidade dos estágios de atletismo realizados nas organizações concorrentes, verifica-se que o ponto mais alto da procura dos estágios de atletismo ocorre essencialmente nos meses de Março, Abril e Maio. Em apenas um dos complexos se verifica também a organização de estágios de atletismo nos meses de Novembro, Dezembro e Janeiro. Tal como verificado no CDVRSa, a sazonalidade dos estágios de atletismo é idêntica nos vários centros desportivos do Algarve.

Nos complexos desportivos concorrentes foram ainda obtidos os dados necessários à construção de vários indicadores da procura: número de utentes; número de utências; duração dos estágios; e, países de origem. Estes resultados encontram-se expostos na Tabela 25.

Tabela 25. Indicadores da concorrência ao CDVRSa na região do Algarve

| Indicadores | CDL (2013) | CDQ (2012) | Alfamar (estimativa - 2013) | EMBV |
|--------------------|-----------------------|-----------------------|--|-------------|
| Nº utentes | 77 | 307 | 1600 | 0 |
| Nº utências | 616 | 3069 | 24000 | 0 |
| Receitas | 1.540,00 € | 4.038,10 € | 840.000,00 € * | 0 |

* Valor estimado para uma diária média de 35,00 € por utente (alojamento e instalações desportivas)

De referir que relativamente ao Alfamar foi considerado o valor médio de 35,00 € (diária), atendendo a este equipamento tem uma unidade hoteleira e o custo de utilização das instalações desportivas está incluído no preço do alojamento.

Os utentes que realizaram estágios de atletismo nos complexos desportivos concorrentes eram provenientes dos seguintes países: Suécia; Alemanha; França; Rússia; Noruega; Finlândia; China; Holanda; Portugal; Inglaterra e Bélgica.

De acordo com os dados recolhidos junto dos principais concorrentes do CDVRSa na região algarvia, verifica-se que apesar de o Alfamar ser um centro desportivo que apresenta um número significativo de utentes, estimado em 1600, ainda assim é bastante inferior ao CDVRSa, em que se registou um total de 3084 utentes no ano de 2013. Contudo, em termos económicos, uma vez que o Alfamar é um centro desportivo com alojamento integrado, tem a capacidade de gerar receitas directamente relacionadas com as dormidas, sendo o modelo de negócio diferente do CDVRSa cujas receitas resultam apenas do aluguer de instalações desportivas.

Em relação ao sistema de reservas dos estágios, isto é, directamente ou através de agências, nos casos do CDL e do Alfamar, foi-nos referido que 50% das reservas dos estágios são efetuadas via agências e 50% directamente através dos clubes e federações de atletismo. No caso do CDQ, as reservas são efetuadas normalmente pelos clubes, de forma direta, embora algumas agências também reservem as instalações. Por último, conforme se pode verificar na Tabela 25, o EMBV não tem regista qualquer procura para a

realização de estágios de atletismo, pelo que não se contabilizaram quaisquer utentes.

No que respeita aos preços praticados pelos diferentes complexos desportivos concorrentes analisados, e que são cobrados aos respetivos utentes que realizam estágios de atletismo, verifica-se que são distintos e que variam de acordo com os serviços incluídos (Tabela 26). Existem duas modalidades distintas de preço: por sessão de treino e por diária. Por exemplo, no caso do Alfamar a utilização das instalações está incluída no preço do alojamento, no entanto para os utentes hospedados em outras unidades hoteleiras o preço de utilização das instalações desportivas é de 10,00 € a diária por atleta. Relativamente às instalações do EMBV de Lagoa, a política instituída visa beneficiar a hotelaria local, sendo gratuita a utilização da instalação desportiva por parte de atletas alojados no concelho de Lagoa.

Tabela 26. Preços e serviços prestados pela concorrência

| Concorrência ao CDVRSa no Algarve | Preço p/ estágios de atletismo | Serviços incluídos |
|--|--|---|
| Complexo Desportivo de Lagos | 2,50 € / Diária | Pista, ginásio, material, áreas de treino |
| Complexo Desportivo de Quarteira | 2,00 € / Sessão de treino | Pista e ginásio |
| Alfamar Sport Resort - Albufeira | 35,00 € / Diária | Alojamento, alimentação, pista, ginásio, zonas de lançamentos |
| Estádio Municipal da Bela Vista - Lagoa | Gratuito p/ atletas alojados no concelho | Pista e material |

Relativamente aos serviços e condições de treino apresentadas por estes centros desportivos, o Alfamar é único centro que apresenta uma oferta semelhante, sendo no entanto inferior à do CDVRSa, uma vez que o CDVRSa dispõe de mais espaços de treino (pista de treino coberta, campos específicos para as disciplinas de lançamentos, implementos e material desportivo específico). Contudo, o Alfamar tem a vantagem competitiva de integrar uma unidade de alojamento, estando o custo da utilização das instalações desportivas incluído no custo da estadia. Desta forma, o preço total cobrado pelo Alfamar – que inclui alojamento e instalações desportivas – acaba por ser compensatório para os clientes, uma vez que é ligeiramente inferior ao preço cobrado pelo CDVRSa adicionado ao preço do alojamento, já que no CDVRSa

a reserva de alojamento é independente, sendo que alguns atletas também necessitam de aluguer de uma viatura ou bicicletas.

Foi também analisada a existência de serviços de apoio ao nível da fisioterapia e da medicina desportiva disponibilizados pelos principais concorrentes do CDVRSa na região do Algarve, verificando-se a existência de espaços e alguns equipamentos para massagens, no entanto, requisitando-se externamente a prestação de serviços a fisioterapeutas e massagistas. O CDVRSa tem integrado uma clínica de medicina desportiva desde 2014, resultante da parceria entre a SGU-VRSA e o Hospital Particular do Algarve (HPA), à qual os atletas podem recorrer quando necessitam deste tipo de serviços. Anteriormente, o CDVRSa já dispunha de espaços próprios e devidamente equipados no âmbito da fisioterapia, no entanto, também requisitava serviços externos de fisioterapeutas e massagistas.

Em relação aos pontos fortes e fracos, isto é, vantagens e desvantagens, dos complexos desportivos que caracterizam o seu posicionamento para o acolhimento de estágios de atletismo na ótica dos respetivos gestores, a Tabela 27 expõe os dados recolhidos sobre as considerações efetuadas por cada responsável entrevistado.

Tabela 27. Pontos fortes e fracos da concorrência

| Concorrência ao CDVRSa no Algarve | Pontos Fortes | Pontos Fracos |
|---|---|--|
| Complexo Desportivo de Lagos | <ul style="list-style-type: none"> - Estádio e equipamentos anexos - Hotelaria (proximidade) - Clima - Preço | <ul style="list-style-type: none"> - Experiência com equipas de atletismo - Distância ao aeroporto - Promoção e divulgação - Zonas de treino de lançamentos |
| Complexo Desportivo de Quarteira | <ul style="list-style-type: none"> - Localização - Clima - Oferta de alojamento | <ul style="list-style-type: none"> - Atendimento - Controlo de acessos - Estruturação do produto |
| Alfamar Sport Resort – Albufeira | <ul style="list-style-type: none"> - Alojamento integrado - Localização - Clima - Ginásios - Espaço de treino coberto - Zonas de treino de lançamentos - Serviços do hotel (SPA) | <ul style="list-style-type: none"> - A manutenção das instalações - Serviços de fisioterapia - Partilha dos espaços com outras modalidades - Sobrelotação (pontualmente) |
| Estádio Municipal Bela Vista – Lagoa | <ul style="list-style-type: none"> - Gratuitidade na utilização das instalações - Apetrechamento de material | <ul style="list-style-type: none"> - Pouca oferta hoteleira de 3* e 4* - Falta de recursos humanos |

Da análise dos pontos fortes e fracos segundo a perspetiva dos responsáveis dos centros desportivos existentes no Algarve – e em comparação com o CDVRSa - verificamos que o CDVRSa apresenta uma especificidade técnica, ao nível das condições de treino para o atletismo e dos serviços de apoio, o que lhe garante vantagem competitiva. Relativamente ao CDL, CDQ e EMBV e no que concerne às infraestruturas turísticas e localização, o CDVRSa beneficia de melhores atributos, pelo enquadramento num espaço natural (mata nacional) e pela proximidade da vila turística de Monte Gordo, respetivamente. O Alfamar, enquanto infraestrutura de base turística, dispõe de um conjunto de serviços, como sejam o alojamento, a restauração e o *spa*, que melhoram no aspeto específico das infraestruturas turísticas, o seu posicionamento face ao CDVRSa.

4.1.4. Análise da concorrência do CDVRSa a nível internacional

A nível internacional são vários os destinos escolhidos por clubes e federações de atletismo para a realização de estágios. Através de conversas informais com atletas e treinadores e pela consulta à oferta promovida por agências que operam no segmento dos estágios desportivos, foram identificados vários centros desportivos que também acolhem estágios da modalidade. Na Tabela 28 são apresentados alguns exemplos destes centros desportivos, bem como a respetiva localização.

Tabela 28: Concorrência internacional do CDVRSa

| Centros desportivos | Localização | País |
|--|------------------------|---------------|
| KOA Sports Organization, Chipre | Nicósia | Chipre |
| Geroskipou Sports Training Center | Paphos | Chipre |
| Allegra GSP Sport Center | Nicósia | Chipre |
| Centro de Preparação Olímpica do CONI | Formia | Itália |
| Ge Tur Village | Lignano | Itália |
| Centro de Treino de L'Alfás del Pi | Alicante | Espanha |
| Centro Insular de Atletismo de Tenerife | Santa Cruz de Tenerife | Espanha |
| Estádio "Ciudad de Torremolinos" | Torremolinos | Espanha |
| Stellenbosh Univ. Sport Performance Institute | Stellenbosch | África do Sul |
| Potchefstroom University Training Center | Potchefstroom | África do Sul |
| HPC – High Performance Sports Center | Pretoria | África do Sul |
| National Training Center | Clermont, Florida | EUA |
| CREPS PACA Boulouris | Boulouris, Cote D'Azur | França |
| Home Dome | Clermont-Ferrand | França |
| CREPS Font Romeu | Font Romeu | França |

Alguns destes centros desportivos apresentam certas vantagens competitivas relativamente ao CDVRSa, devido ao clima, localização, preço e aos serviços científicos de apoio. Em particular, podemos referir os centros integrados em universidades, em que os atletas de elite dispõem de serviços científicos de avaliação a vários níveis, como é o caso Potchefstroom University Training Center (África do Sul). A procura pelos centros desportivos na África do Sul, por parte dos atletas europeus, deve-se ao facto de não haver uma grande diferença horária, o que não causa muitas perturbações a nível fisiológico dos atletas devido ao *jet lag*, além de ser um país com um clima tropical. No caso do CREPS Font Romeu (França), alguns atletas, essencialmente do sector de meio-fundo e fundo, beneficiam da localização do centro (Pirinéus) e daí poderem treinar em altitude e melhorar a sua performance.

4.2. Análise da procura do CDVRSa

Tendo em vista analisar o lado da procura do mercado dos estágios de atletismo, foram aplicados questionários aos utentes - atuais e potenciais - do CDVRSa que promovem e organizam estágios de atletismo. Neste sentido, os questionários foram dirigidos aos representantes de clubes que habitualmente

frequentam o CDVRSa e a todas as federações de atletismo nacionais existentes na Europa, com a particularidade de também ter sido aplicado o questionário a uma federação regional, utente do CDVRSa, a Federação de Atletismo de Moscovo.

Responderam ao questionário 26 clubes, os quais representam 28% dos clubes que realizaram estágios de atletismo no CDVRSa em 2012, 14 federações de atletismo nacionais que representam 25% das federações nacionais de atletismo existentes na Europa e uma federação regional. No total recolheram-se 41 questionários, os quais permitiram obter os dados necessários para cumprir, nesta matéria, os objetivos delineados na presente investigação. Nesta sequência, com a aplicação dos questionários pretendeu-se caracterizar algumas das principais variáveis relacionadas com este segmento do turismo desportivo, designadamente:

- (a) Destinos preferenciais (países);
- (b) Critérios na escolha dos locais e grau de importância;
- (c) Sazonalidade dos estágios;
- (d) Duração dos estágios;
- (e) Estimativa do número de participantes;
- (f) Preço que estão dispostos a pagar (alojamento e instalações desportivas);
- (g) Orçamento anual para estágios no estrangeiro.

4.2.1. Realização de estágios no estrangeiro e destinos preferenciais

Todos os clubes e federações de atletismo que responderam ao questionário referem que a realização de estágios no estrangeiro faz parte do plano de preparação dos seus atletas.

Relativamente aos países de destino para a realização de estágios (Tabela 29), verificou-se que os principais destinos escolhidos são: Portugal, África do Sul, Espanha, Estados Unidos, Itália e França.

Tabela 29: Destinos preferenciais dos utentes - actuais e potenciais - do CDVRS

| Países de destino habitualmente escolhidos | Clubes | Federações | Nº respostas | % |
|---|---------------|-------------------|---------------------|----------|
| Portugal | 96% | 80% | 37 | 90% |
| África do Sul | 27% | 80% | 19 | 46% |
| Espanha | 27% | 67% | 17 | 41% |
| Estados Unidos América | 19% | 27% | 9 | 22% |
| Itália | 0% | 47% | 7 | 17% |
| França | 8% | 20% | 5 | 12% |
| Suíça | 8% | 13% | 4 | 10% |
| Kénia | 4% | 20% | 4 | 10% |
| Polónia | 4% | 13% | 3 | 7% |
| Chipre | 0% | 13% | 2 | 5% |
| Croácia | 4% | 7% | 2 | 5% |
| Alemanha | 0% | 7% | 1 | 2% |
| Grécia | 0% | 7% | 1 | 2% |
| Eslováquia | 0% | 7% | 1 | 2% |
| Etiópia | 0% | 7% | 1 | 2% |

Do total dos 41 questionários recebidos obtiveram-se 113 respostas – uma vez que estava prevista a escolha de mais do que um destino preferencial - e a indicação de 15 destinos diferentes para a realização de estágios de atletismo. Da análise dos dados relativos aos destinos preferenciais eleitos pelo total de organizações auscultadas (i.é, clubes e federações), podemos salientar que: (a) 90% indicou Portugal; (b) 46% referiu a África do Sul; (c) 41% mencionou Espanha; (d) 22% escolheu os EUA; (e) 17% elegeu a Itália; e (f) 12% optou por França. De salientar que no caso particular das federações, a eleição dos destinos preferências resultou na seguinte sequência: (a) 80% das federações escolheu Portugal e África do Sul; (b) 67% optou por Espanha; (c) 47% mencionou Itália; (d) 27% referiu os EUA; e por último, (e) Kénia e França foram referidos por 20% das federações. Relativamente aos destinos escolhidos pelos clubes, o nosso país é destacadamente (96%) o que acolhe um maior número de preferências, seguido da África do Sul e Espanha (ambos com 27%) e em terceiro lugar, os EUA (19%).

4.2.2. Critérios de escolha dos destinos para a realização de estágios de atletismo

Relativamente aos principais critérios na escolha dos locais para a realização dos estágios de atletismo, foram considerados como critérios “extremamente importantes”, a qualidade das instalações desportivas e o clima, respetivamente por 83% e 61% das organizações desportivas inquiridas. Por sua vez, a hotelaria (58%), as acessibilidades de transporte (54%) e o preço (51%), foram os critérios maioritariamente considerados “bastante importantes” por parte das organizações que responderam ao questionário.

Como critérios considerados “relativamente importantes”, identificamos que 46% das organizações atribuíram uma importância relativa à existência de serviços de medicina desportiva e de serviços de fisioterapia. Outro critério de relativa importância e considerado por 44% das organizações inquiridas é o facto de poderem estar presentes nos locais de estágio, outros atletas e treinadores.

Em relação aos outros critérios, 53% das organizações que responderam ao questionário consideram ser insignificante na escolha do local de estágio, como por exemplo, o facto de existirem serviços científicos ao nível da biomecânica e da fisiologia. A participação em competições é também um critério considerado insignificante na escolha do local de estágio, por parte de uma maioria de 53% das organizações auscultadas.

A Tabela 30 apresenta as respostas obtidas relativamente ao grau de importância atribuído aos diferentes critérios mencionados relativamente à escolha dos destinos para a realização dos estágios de atletismo.

Tabela 30: Critério de escolha dos locais para estágios de atletismo

| Atributos dos locais para realização dos estágios de atletismo | Grau de importância (nº respostas - %) | | | |
|--|--|--------------------------|---------------------|-------------------------|
| | Insignificante | Relativamente Importante | Bastante Importante | Extremamente Importante |
| Clima | 0% | 2% | 37% | 61% |
| Qualidade das instalações desportivas | 0% | 0% | 17% | 83% |
| Hotelaria | 0% | 30% | 58% | 13% |
| Acessibilidades de transportes | 0% | 39% | 54% | 7% |
| Serviços de medicina desportiva | 20% | 46% | 27% | 7% |
| Serviços de fisioterapia | 17% | 46% | 29% | 7% |
| Serviços científicos (ex: biomecânica, etc.) | 53% | 28% | 18% | 3% |
| Presença de outros atletas e treinadores | 22% | 44% | 27% | 7% |
| Preço (viagem - hotel - instalações desportivas) | 0 | 10% | 51% | 39% |
| Participar em competições | 55% | 28% | 15% | 3% |

4.2.3. Sazonalidade dos estágios de atletismo

De acordo Hinch e Higham (2004), a sazonalidade é o ponto intermédio da estrutura de desenvolvimento do turismo desportivo, baseada nas dimensões espacial, temporal e desportiva que caracterizam o fenómeno. Com base na análise aos relatórios do CDVRSa relativos aos anos de 2011, 2012 e 2013, podemos verificar através da observação da Figura 25 qual a sazonalidade dos estágios de atletismo pelo número de utências registadas ao longo dos vários meses do ano.

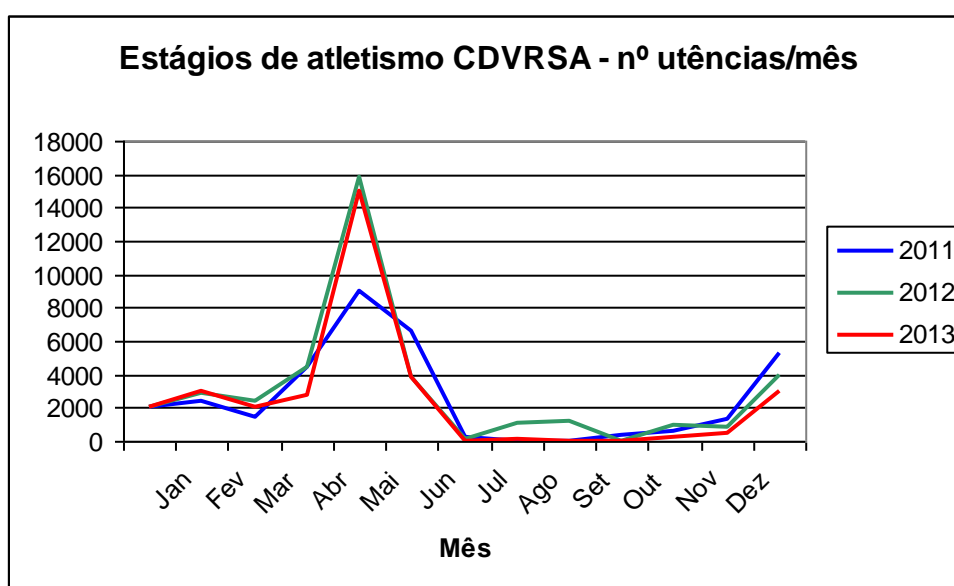


Figura 25. Sazonalidade dos estágios de atletismo no CDVRSa

Como se pode verificar, o número de utências aumentaram a partir do mês de Março e no mês de Abril registou-se o pico do número de utências relativa aos utentes em regime de estágio de atletismo. No ano de 2012 verificaram-se os valores mais elevados, o que se pode encontrar razão no facto de ter sido um ano em que se realizaram importantes competições internacionais (Jogos Olímpicos e Campeonatos da Europa) e como tal ter havido maior disponibilidade de verbas para apoiar a preparação dos atletas. Um dos exemplos disso foi o estágio prévio aos Jogos Olímpicos de Londres, por parte das seleções britânicas (atletas olímpicos e paralímpicos) durante os meses de Julho e Agosto, mês em que habitualmente a procura é diminuta no CDVRS. Da análise do gráfico, verifica-se também um aumento das utências nos meses de Novembro, Dezembro e Janeiro, período em que a procura do CDVRS aumentou devido aos invernos rigorosos que se fazem sentir no centro e norte da Europa. Nesta época do ano os atletas procuram regiões com climas amenos que possibilitem o treino ao ar livre.

As tabelas 31 e 32 apresentam os dados relativos à calendarização por sectores da época de estágios, indicado pelos clubes e federações de atletismo, respetivamente.

Tabela 31. Calendarização dos estágios por parte dos clubes

**Calendarização prevista pelos clubes para a realização
de estágios de atletismo no estrangeiro por sectores**
(% de respostas)

| Disciplinas / Mês | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|--------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Velocidade | 15% | 0% | 23% | 50% | 27% | 8% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 8% |
| Barreiras | 15% | 0% | 19% | 42% | 23% | 8% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 4% |
| Saltos | 19% | 0% | 23% | 46% | 31% | 12% | 0% | 0% | 0% | 0% | 4% | 4% |
| Lançamentos | 15% | 8% | 27% | 38% | 23% | 4% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 4% |
| Provas combinadas | 4% | 0% | 15% | 35% | 12% | 4% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 4% |
| Meio Fundo | 23% | 0% | 19% | 62% | 12% | 4% | 4% | 0% | 0% | 0% | 0% | 15% |
| Marcha | 12% | 4% | 12% | 15% | 4% | 4% | 0% | 0% | 0% | 0% | 0% | 12% |

Tabela 32. Calendarização dos estágios por parte das federações

**Calendarização prevista pelas federações para a
realização de estágios de atletismo no estrangeiro por
sectores**
(% de respostas)

| Disciplinas / Mês | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|-------------------|-----|-----|-----|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Velocidade | 80% | 20% | 27% | 93% | 33% | 0% | 7% | 0% | 0% | 7% | 27% | 47% |
| Barreiras | 73% | 20% | 20% | 93% | 33% | 0% | 7% | 0% | 0% | 7% | 20% | 40% |
| Saltos | 73% | 20% | 20% | 100% | 33% | 0% | 7% | 0% | 0% | 7% | 20% | 40% |
| Lançamentos | 73% | 53% | 40% | 93% | 27% | 0% | 7% | 0% | 0% | 0% | 20% | 40% |
| Provas combinadas | 60% | 27% | 33% | 93% | 27% | 0% | 7% | 0% | 0% | 7% | 33% | 33% |
| Meio Fundo | 60% | 40% | 40% | 87% | 20% | 0% | 27% | 7% | 0% | 0% | 40% | 60% |
| Marcha | 40% | 27% | 40% | 47% | 13% | 7% | 13% | 0% | 0% | 0% | 20% | 33% |

Os dados relativos à calendarização dos estágios de atletismo no estrangeiro - expostos na Tabela 31 (clubes) e na Tabela 32 (federações) - confirmam a evidência anteriormente referida em termos de sazonalidade. A maioria das federações de atletismo identificou os meses de Janeiro e Abril como os meses em que habitualmente os atletas das várias disciplinas realizam estágios no estrangeiro, embora 53% admita realizar estágios no mês de Fevereiro, envolvendo os atletas do sector de lançamentos. Relativamente ao sector de meio-fundo, 60% das federações refere o mês de Dezembro como o mês de realização de estágios no estrangeiro. Relativamente aos clubes, durante o mês de Abril é quando se prevê, maioritariamente, a realização de estágios com incidência nos sectores de velocidade (50%) e meio-fundo (63%). De salientar ainda que 23% dos clubes prevê a realização de estágios em Janeiro ao nível do sector de meio-fundo, o que se justifica pela necessidade de preparação a época de competições deste sector e que habitualmente tem início em Fevereiro.

De realçar que a sazonalidade identificada foi também mencionada pelos concorrentes ao CDVRSa, relativamente à procura das suas instalações para a realização de estágios de atletismo, registando-se no mês de Abril o pico de participantes neste fenómeno de turismo desportivo. Na Figura 26 encontra-se uma imagem do parque de estacionamento do CDVRSa em período de época alta.



Figura 26. Parque de estacionamento de bicicletas do CDVRSO no pico alto da sazonalidade

4.2.4. Duração dos estágios de atletismo no estrangeiro

Relativamente à duração habitual dos estágios a realizar no estrangeiro, 41% do total das organizações auscultadas indicou o intervalo que compreende uma duração do estágio entre dez a quinze dias (Figura 27).

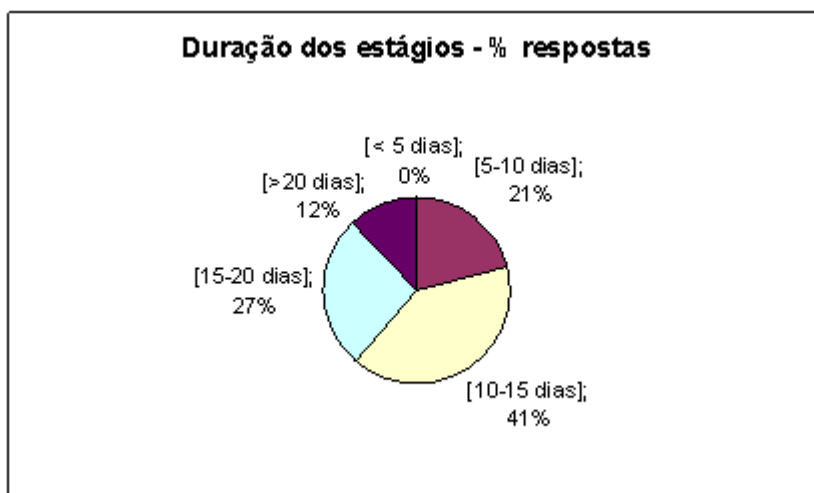


Figura 27. Duração dos estágios de atletismo no estrangeiro.

No entanto, convém referir que, por parte das federações inquiridas, o intervalo de duração dos estágios entre quinze a vinte dias foi o que obteve um maior número de respostas (39%). Relativamente aos clubes, verifica-se que 37% dos inquiridos indicou uma duração habitual dos estágios no estrangeiro mais

curta, designadamente entre cinco a dez dias. Estas tendências poderão indicar uma maior capacidade financeira das federações para organizar estágios no estrangeiro, os quais visam essencialmente a preparação de atletas internacionais integrados no alto rendimento.

Da análise aos dados do CDVRSa relativos a 2012, observou-se que os estágios de atletismo tiveram uma duração média de 12 dias, o que se enquadra no intervalo de dez a quinze dias indicado pela maioria das organizações – federações e clubes - que respondeu aos questionários.

4.2.5. Estimativa de participantes em estágios no estrangeiro na época 2012/2013

Relativamente a esta variável, estabeleceram-se duas categorias: atletas e treinadores. Procurou-se, junto dos clubes e federações, que fosse indicado o número estimado de atletas e treinadores que iriam realizar estágios no estrangeiro na época 2012/13. Da análise dos dados, 40% dos clubes estimou integrar entre um a quinze atletas nos estágios a realizar no estrangeiro durante a época 2012/2013 e 92% admitiu envolver entre um a quinze treinadores. Na Figura 28 é apresentada a percentagem de clubes em relação ao número de atletas que estimaram integrar nos estágios de atletismo no estrangeiro.

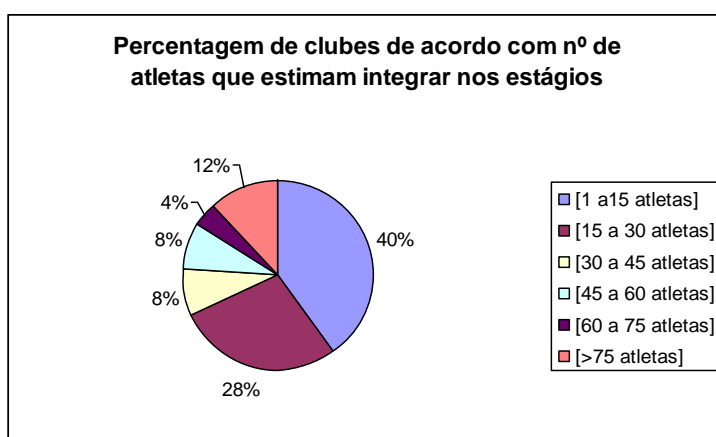


Figura 28. Nº de atletas que os clubes estimam integrar nos estágios de no estrangeiro na época 2012/13.

Considerando as respostas por parte das federações, verifica-se que 47% estimou envolver mais de 75 atletas em estágios no estrangeiro. Na Figura 29 apresenta a percentagem das federações de acordo com o número de atletas que estimam integrar nos estágios. Relativamente aos treinadores, 40% das federações estimou envolver entre um a quinze e 40% estimou promover entre quinze a trinta estágios de atletismo no estrangeiro para treinadores. De referir que 7% das federações estimou integrar mais de 75 treinadores nos estágios no estrangeiro.

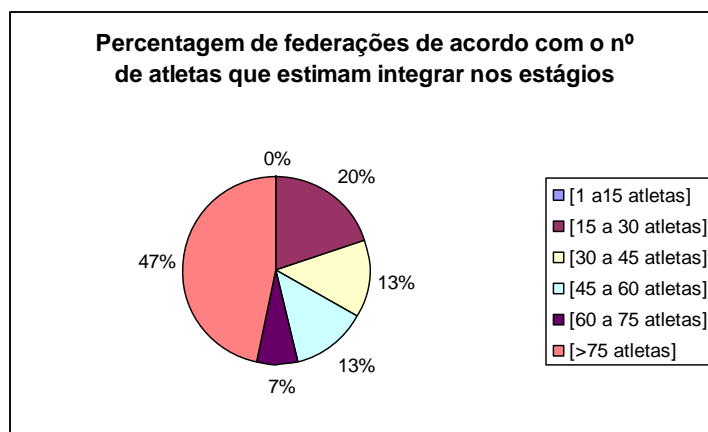


Figura 29. Nº de atletas que as federações estimam integrar nos estágios de no estrangeiro na época 2012/13.

4.2.6. Previsão do preço da diária para estágios de atletismo no estrangeiro

Os clubes e federações de atletismo que organizam estágios no estrangeiro fazem habitualmente uma previsão orçamental das despesas com os estágios com base no custo da diária por atleta, a qual inclui o alojamento em regime de pensão completa e o custo de utilização das instalações desportivas. Para além do custo da diária é também estimado o custo relativo às deslocações. Em relação à variável em apreço (Figura 30), verifica-se que o valor da diária por atleta prevista pela maioria dos clubes é inferior ao valor previsto pela maioria das federações. Em concreto, o valor estimado da diária por atleta por

42% dos clubes é um valor que varia entre trinta a quarenta euros, ainda que 19% dos clubes estime um valor no intervalo entre os quarenta e cinco e cinquenta euros.

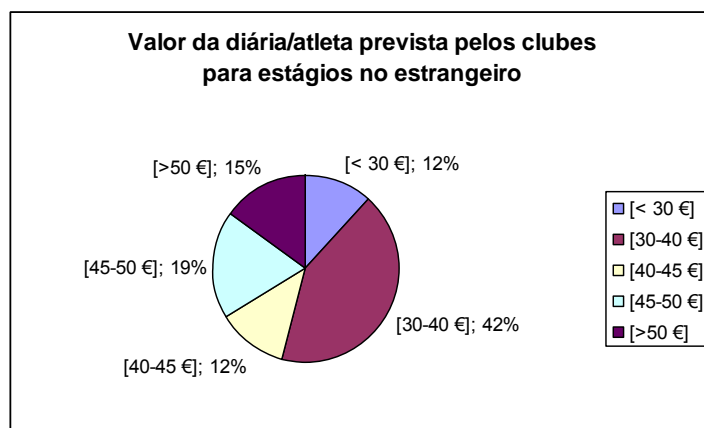


Figura 30. Clubes: valor estimado da diária/atleta relativa a estágios no estrangeiro.

Relativamente à estimativa efetuada por parte das federações para a realização de estágios no estrangeiro (Figura 31), 38% estimou um valor da diária por atleta compreendido entre os quarenta e os quarenta e cinco euros. Importa referir também que 25% das federações indicou uma previsão do valor da diária por atleta na ordem dos quarenta cinco a cinquenta euros e 19% declararam uma estimativa da diária por atleta superior a cinquenta euros.

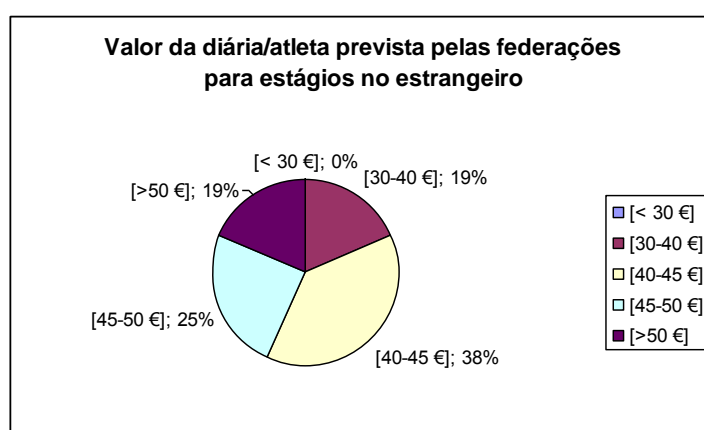


Figura 31. Federações: valor estimado da diária/atleta relativa a estágios no estrangeiro.

4.2.7. Orçamento anual para estágios de atletismo no estrangeiro

Relativamente ao orçamento anual previsto pelos clubes e federações para a realização de estágios no estrangeiro, podemos identificar que os montantes previstos são substancialmente diferentes, diferencial que revela o maior potencial financeiro das federações de atletismo comparativamente à dos clubes. Por exemplo, a federação de atletismo do Reino Unido (UK Athletics) estimou para 2013 um orçamento no montante de 250.000,00 libras (aproximadamente, 330.000,00 €) para a realização de quatro estágios no estrangeiro para atletas olímpicos e paralímpicos. Ao nível dos clubes verifica-se que alguns estabelecem um valor na ordem dos 500,00 € por atleta e outros suportam apenas as despesas de treinadores, médicos e fisioterapeutas. Em alguns casos, são os próprios atletas que financiam os seus estágios, uma vez que poderão dispor de algum tipo de bolsa (bolsa de mérito, bolsa olímpica, etc.) ou do apoio financeiro de patrocinadores. Os clubes promovem também estágios para atletas jovens que integram os escalões de formação, sendo estes estágios habitualmente financiados pelos pais que por vezes até acompanham os seus filhos durante o estágio e aproveitam para passar um período de férias. Esta particularidade dos estágios das camadas mais jovens dos atletas verifica-se, na região algarvia, com alguma regularidade nas férias da Páscoa.

Na Figura 32 podem ser verificados os orçamentos previstos pelas federações de atletismo para a promoção de estágios no estrangeiro durante o ano de 2013. Na Tabela 33 encontram-se expostos os valores orçamentados para 2013 para a realização de estágios no estrangeiro por parte das organizações auscultadas neste estudo.

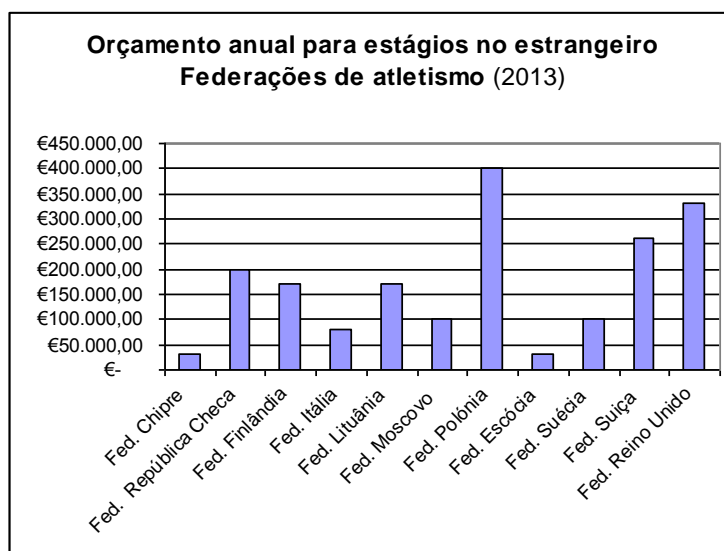


Figura 32. Orçamento anual (2013) das federações para a realização de estágios no estrangeiro.

Tabela 33. Orçamento anual para estágios no estrangeiro em 2013

Orçamento anual p/ estágios no estrangeiro (2013)

| Organização | País | Montante |
|---|---------------|--------------|
| Polish Athletics Association | Polónia | 400.000,00 € |
| UK Athletics (4 estágios PREPOL) | Reino Unido | 330.000,00 € |
| Swiss Athletics | Suíça | 260.000,00 € |
| Czech Athletics Federation | Rep. Checa | 200.000,00 € |
| Lithuania Athletics Federation | Lituânia | 170.000,00 € |
| Finnish Athletics | Finlândia | 170.000,00 € |
| Moscow Athletics Federation | Rússia | 100.000,00 € |
| Swedish Athletics Federation | Suécia | 100.000,00 € |
| Italian Athletics Federation - FIDAL | Itália | 80.000,00 € |
| Cyprus Amateur Athletics Federation | Chipre | 30.000,00 € |
| Scottish Athletics | Escócia | 30.000,00 € |
| AS Axiis | França | 10.000,00 € |
| AK Koper | Eslovénia | 5.000,00 € |
| SFI | Finlândia | 5.000,00 € |
| Dublin City University | Irlanda | 4.000,00 € |
| Cardiff AAC | País de Gales | 500,00 € |
| Leeds AC | Inglaterra | 480,00 € |

No caso da Federação Portuguesa de Atletismo, considerando que alguns atletas nacionais realizam estágios no CDVRSa e também no estrangeiro, analisámos também o respetivo Plano de Atividades e Orçamento 2013 e

constatou-se uma previsão de um montante de 105.000,00 € para estágios e concentrações no âmbito do Alto Rendimento e das Seleções Nacionais.

4.2.8. Atributos do CDVRSa na ótica da procura

Relativamente aos principais fatores existentes no concelho de Vila Real de Santo António para a realização de estágios de atletismo, na Tabela 34 e na Figura 33 são apresentados os atributos considerados pelos utentes como pontos fortes, bem como as desvantagens (ou pontos fracos), em conformidade com o valor percentual de respostas obtidas para os diferentes atributos.

Tabela 34. Classificação dos atributos do CDVRSa por parte dos utentes

| Atributos | Ponto forte (%) | Ponto fraco (%) | Indiferente (%) |
|---|------------------------|------------------------|------------------------|
| Instalações desportivas | 97% | 0 | 3% |
| Clima | 94% | 3% | 3% |
| Hospitalidade | 94% | 3% | 3% |
| Material desportivo | 89% | 3% | 8% |
| Hotelaria | 89% | 3% | 9% |
| Horário das instalações | 77% | 11% | 11% |
| Localização (distância Hotel – CDVRSa) | 75% | 14% | 11% |
| Acessibilidades | 74% | 15% | 12% |
| Preço (instalações desportivas) | 69% | 11% | 19% |
| Refeições nos hotéis | 66% | 9% | 26% |
| Distância aeroporto-CDVRSa | 47% | 11% | 42% |
| Serviços de transporte locais | 38% | 24% | 38% |
| Serviços de fisioterapia | 26% | 9% | 65% |
| Serviços de medicina desportiva | 21% | 9% | 71% |
| Competições de atletismo na região | 15% | 15% | 71% |

Da análise dos dados constantes na Tabela 34, verificamos que as instalações desportivas, o clima, a hospitalidade, o material desportivo e a hotelaria são atributos amplamente reconhecidos pelos utentes como pontos fortes do CDVRSa e do respetivo concelho para acolher estágios de atletismo. Não menos importante para os utentes, são os atributos relacionados com o horário de funcionamento das instalações, localização do CDVRSa, acessibilidades, o preço e as refeições nos hotéis.

Relativamente aos atributos considerados pelos utentes como pontos fracos, verificamos que os serviços de transporte locais são classificados como um ponto fraco para 24% dos inquiridos. Os serviços de fisioterapia, de medicina desportiva e a existência de competições de atletismo na região, são considerados atributos indiferentes por 65%, 71% e 71% dos inquiridos, respetivamente.

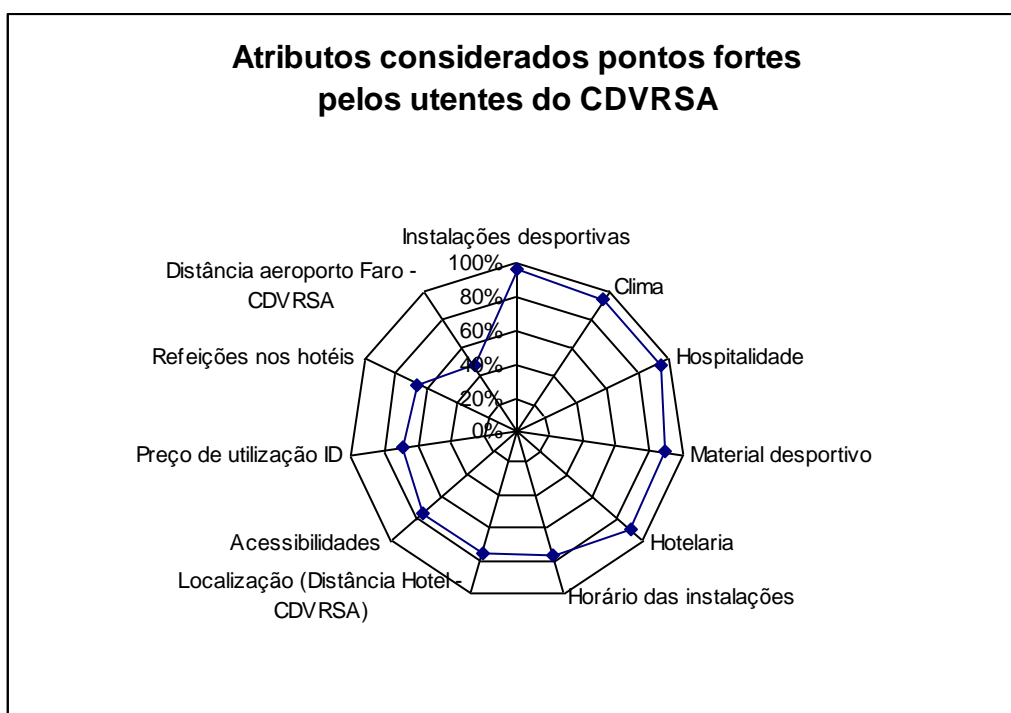


Figura 33. Classificação dos atributos do CDVRSa por parte dos utentes

4.2.9. Serviços médicos: carácter decisivo do atributo

Um dos aspetos que se pretendeu analisar ao nível da escolha pelo local de estágio por parte dos utentes e potenciais utentes do CDVRSa foi averiguar qual o carácter decisivo da existência de serviços médicos nessa escolha. Com efeito, e como se referiu em ponto anterior, o CDVRSa providencia serviços médicos aos utentes – designadamente, serviços de emergência, medicina geral, medicina desportiva, fisioterapia e massagens - através de uma parceria estabelecida com o Hospital Particular do Algarve, cuja brochura pode ser vista numa imagem ilustrada na Figura 34. Analisadas as respostas, cujos dados se encontram reunidos na Tabela 35, verifica-se que, na generalidade, os inquiridos consideram que os serviços médicos não são fatores decisivos na

escolha do local de estágio. Não obstante, uma exceção foi encontrada para os serviços de massagens, considerada por 50% dos utentes como atributo decisivo na escolha do local de estágio de atletismo no estrangeiro.



Figura 34. Brochura do Centro Médico Internacional instalado no CDVRS

Tabela 35. Carácter decisivo dos serviços médicos na escolha do local de estágio

| Existência de serviços médicos | Fator decisivo na escolha do local de estágio? | |
|--------------------------------|--|-----|
| | Sim | Não |
| Emergência | 44% | 56% |
| Medicina geral | 28% | 72% |
| Medicina desportiva | 39% | 61% |
| Fisioterapia | 44% | 56% |
| Massagens | 50% | 50% |

Outro aspeto analisado foi a percentagem de respostas positivas por parte de clubes e federações respetivamente, uma vez que se tratam de organizações desportivas com diferentes tipos de apoio e de recursos, o que pode condicionar a necessidade de existência de serviços médicos nos locais de estágio. Na Tabela 36 são expostos os dados relativos ao carácter decisivo da existência dos diferentes tipos de serviços médicos distribuídos por clubes e federações.

Tabela 36. Carácter decisivo dos serviços médicos na escolha do local de estágio pelos clubes e federações

| Existência de serviços médicos (tipo de serviços) | Fator decisivo na escolha do local de estágio | |
|---|--|-------------------|
| | Respostas “sim” – (%) | |
| | Clubes | Federações |
| Emergência | 44% | 45% |
| Medicina geral | 39% | 27% |
| Medicina desportiva | 47% | 55% |
| Fisioterapia | 40% | 55% |
| Massagens | 52% | 45% |

Como podemos verificar, 52% dos clubes consideram que a existência de serviços de massagens é um fator decisivo na escolha do local de estágio. Relativamente às federações de atletismo, a existência de serviços de medicina desportiva e de fisioterapia é um fator decisivo na escolha do local de estágio para 55% das federações, respetivamente.

4.2.10. Serviços científicos: carácter decisivo do atributo

Outro dos atributos que se pretendeu analisar foi o carácter decisivo da existência de serviços científicos na escolha pelo CDVRSa para a realização de estágios de atletismo. Neste sentido, foram colocados à consideração dos clubes e federações os serviços científicos nas seguintes áreas: fisiologia, biomecânica e psicologia. Na Tabela 37 são apresentados os resultados relativos à importância atribuída a estes indicadores enquanto fatores decisivos na escolha do local de estágio de atletismo.

Tabela 37. Carácter decisivo dos serviços científicos na escolha do local de estágio

| Existência de serviços científicos (áreas) | Fator decisivo na escolha do local de estágio? | |
|--|---|------------|
| | Sim | Não |
| Fisiologia | 9% | 91% |
| Biomecânica | 12% | 88% |
| Psicologia | 9% | 91% |

Como podemos constatar, a existência de serviços científicos de fisiologia, de biomecânica e de psicologia não são considerados decisivos na escolha pelo CDVRSa para a realização de estágios de atletismo por parte de uma expressiva maioria do total dos inquiridos, respetivamente, 91%, 88% e 91%. A distribuição destes resultados por federações e por clubes pode ser consultada na Tabela 38.

Tabela 38. Carácter decisivo da existência de serviços científicos na escolha do local de estágio pelos clubes e federações

| Existência de serviços científicos (áreas) | Fator decisivo na escolha do local de estágio | |
|--|--|-------------------|
| | Respostas “sim” – (%) | |
| | Clubes | Federações |
| Fisiologia | 8% | 10% |
| Biomecânica | 13% | 10% |
| Psicologia | 9% | 10% |

De acordo com a análise dos dados expostos na tabela anterior, verificamos que apenas uma pequena percentagem dos clubes e das federações pertencentes à nossa amostra, cerca de 10%, é que considera que a existência de serviços científicos nas diferentes áreas - fisiologia, biomecânica e psicologia - pode influenciar a sua decisão na escolha do CDVRSa.

4.2.11. Influência da certificação IAAF na escolha do CDVRSa

O outro dos atributos que se pretendeu analisar foi se o facto de o CDVRSa ser um centro de treino certificado pela IAAF (ATC) pode influenciar a escolha de clubes e federações, enquanto complexo desportivo para a realização de estágios de atletismo. Neste sentido apresentamos na Tabela 39 os respetivos resultados.

Tabela 39. Influência da certificação pela IAAF na escolha do CDVRSa para a realização de estágios de atletismo.

O facto de o CDVRSa ser um centro de treino certificado pela IAAF pode influenciar a sua escolha para a realização de estágios?

| Respostas “sim” – (%) | |
|-----------------------|------------|
| Clubes | Federações |
| 64% | 75% |

Sobre este aspeto, 64% dos clubes e 75% das federações responderam positivamente à pergunta “O facto de o CDVRSa ser um centro de treino certificado pela IAAF pode influenciar a sua escolha para a realização de estágios?”. Este resultado permite-nos considerar a extrema importância da certificação obtida no âmbito da IAAF, sendo um atributo diferenciador e que pressupõe a existência de condições de excelência, face aos requisitos impostos pela IAAF.

Capítulo V

Conclusões e implicações para a gestão

Este estudo permitiu-nos aprofundar a caracterização de um fenómeno de turismo desportivo na região do Algarve, particularmente, no âmbito da pesquisa acerca da oferta e da procura que contextualizam o mercado relativo ao segmento dos estágios de atletismo, através do desenvolvimento de um estudo de caso aplicado ao Complexo Desportivo de Vila Real de Santo António. A importância fundamental do estudo apresentado reside no seu contributo ao nível do conhecimento empírico da especificidade dos estágios desportivos em contexto turístico, dada a parca existência de estudos nesta matéria, particularmente em referência a uma das regiões de Portugal cujo desenvolvimento económico é fortemente dependente do desenvolvimento turístico que carece de estratégias de combate ao fenómeno negativo da sazonalidade. Nesta sequência, julgamos que o turismo desportivo pode constituir-se como uma poderosa ferramenta na estratégia de combate aos efeitos negativos da sazonalidade e designadamente, na região do Algarve, o segmento de turismo desportivo ativo dos estágios desportivos pode afirmar-se como contributo essencial nessa estratégia, tal como tem sido revelado pelo crescimento do turismo de golfe no Algarve.

De acordo com Bale (1989), citado por Hinch e Higham (2004), os conceitos de espaço e lugar são fundamentais para a geografia do desporto e para a geografia do turismo. De facto, este fenómeno ocorre numa espaço geográfico que reúne um conjunto de atributos que determinam a localização de um destino de prática desportiva e que gera a atratividade por parte de atletas e treinadores de atletismo. Entre estes atributos, identificaram-se as instalações desportivas, o clima, a hotelaria, a hospitalidade, as acessibilidades e o preço, como os atributos que satisfazem mais plenamente os diferentes utentes do CDVRS. Esta dimensão espacial, caracterizada por uma combinação de recursos naturais (pinhal, praia e mar) e recursos artificiais (instalações desportivas, hotéis e acessibilidades), é determinante no desenvolvimento deste produto de turismo desportivo.

Ao nível das instalações desportivas, houve desde 1992 um posicionamento estratégico do CDVRSa face a este segmento de turismo desportivo através da criação de condições específicas para o treino do atletismo, o que lhe garante uma vantagem competitiva inigualável, constituindo-o como um destino de excelência cujo reconhecimento é tido a nível internacional. Em termos estratégicos, verificou-se que a equipa de gestão teve uma visão de potenciar o turismo desportivo, face à existência de infraestruturas turísticas e ao desenvolvimento de infraestruturas desportivas. Este posicionamento visava sobretudo colmatar a sazonalidade turística do produto de turismo de “Sol e Praia”, que ocorre essencialmente nos meses de verão, com um produto de turismo desportivo.

Neste âmbito, importa referir a dimensão temporal associada aos produtos de turismo desportivo. Em termos gerais, a sazonalidade turística pode ser atribuída a fatores de ordem natural (clima) ou institucional (cultura das organizações). No caso deste fenómeno, verifica-se uma sazonalidade específica devido ao clima da região e ao calendário da época desportiva do atletismo (preparação e competições), registando-se um aumento da procura durante os meses de inverno (Novembro, Dezembro e Janeiro) e também nos meses que antecedem o início da época de competição (Março e Abril). Nesta sequência, o CDVRSa – e em geral, o sector do turismo desportivo ativo na vertente dos estágios desportivos – apresenta-se como um estimável contributo para assegurar um certo patamar de economia turística no Algarve durante a época baixa da respetiva sazonalidade, prestando um grande serviço ao país numa zona onde o desemprego, que é atualmente uma das maiores preocupações no plano da política nacional, tem fustigado a população residente.

Nesta sequência, foi verificado neste estudo que os estágios desportivos no contexto do mercado de turismo desportivo têm um importante impacto na economia local, em especial, na hotelaria do concelho de Vila Real de Santo António. Esta conclusão pode retirar-se, por exemplo, do número de dormidas estimadas no ano de 2012, em que os estágios de atletismo envolveram a

participação de 3801 utentes (2943 atletas e 858 treinadores/*staff*), sendo estimado um total de 46517 dormidas nas unidades hoteleiras do concelho. Por outro lado, a atividade relacionada com os estágios desportivos representou em 2011, 2012 e 2013 a principal fonte de receitas do CDVRSa (82%). Outro dado importante refere-se à atividade realizada pelas principais agências que operam neste sector na região (Viagens Laranja e Exposé Viagens). De acordo com as entrevistas realizadas, estas agências estimaram ter gerado um volume de faturação na ordem dos 3 milhões de euros com a atividade dos estágios de atletismo, em 2013. Para além destes dados económicos, importa referir a influência desta atividade na fomentação da criação e manutenção do nível de emprego na região, tanto ao nível dos serviços do CDVRSa, como na hotelaria, nas agências de viagens e nas empresas prestadoras de serviços de apoio ao turismo.

Relativamente ao tipo de utentes, verificamos que os atletas e treinadores poderão estar integrados em clubes ou federações de atletismo, ou mesmo ser utentes individuais. A maioria dos utentes do CDVRSa em regime de estágio de Atletismo nos anos analisados - 2011, 2012 e 2013 – é proveniente dos seguintes países: Reino Unido, Alemanha, Holanda, Finlândia, Suécia e França.

No que concerne aos fatores que os clientes consideram ser decisivos na escolha pelo CDVRSa, podemos verificar que ao nível da prestação de serviços médicos, a existência de serviços de massagem poderá ser determinante para os clubes, os quais raramente integram um massagista ou fisioterapeuta na sua comitiva. Já quanto à existência no CDVRSa de serviços científicos de fisiologia, biomecânica e de psicologia, não foram considerados como fatores decisivos na escolha do CDVRSa para a realização de estágios de atletismo por parte de uma expressiva maioria de 90% dos inquiridos.

O facto de o CDVRSa ser um centro de treino certificado pela IAAF foi tido como um dos atributos que influencia a escolha dos clubes e federações de atletismo para a realização de estágios desportivos, por parte de uma maioria de 64% dos clubes e de 75% das federações.

No que diz respeito à concorrência neste segmento de mercado, verifica-se a existência de vários destinos internacionais para a realização de estágios de atletismo. De acordo com a recolha de dados efetuada através de questionário, 90% das organizações indicou a preferência pelo nosso país, 46% pela África do Sul e 41% por Espanha. Itália e França são também outros países de destino, existindo alguns centros de treino internacionalmente reconhecidos nestes países. Ao nível da região do Algarve, o Alfamar Sport Resort, situado em Albufeira, é o principal concorrente do CDVRS, diferenciando-se por ser um complexo desportivo que está integrado numa unidade hoteleira e que apresenta vários equipamentos para a prática desportiva e uma tipologia diversificada de alojamento.

Numa perspetiva de marketing turístico, podemos avaliar neste estudo as variáveis relacionadas com este fenómeno de turismo desportivo ativo na vertente de estágios de atletismo. Ao nível do produto, e conforme referido anteriormente, existe um conjunto de atributos que geram a atração deste segmento específico de clientes (praticantes de atletismo). Relativamente à variável distribuição, a localização periférica do CDVRS no sul da Europa, numa região turística com um clima mediterrânico e servida por um aeroporto internacional, torna este destino mais acessível e procurado. Por outro lado, existem canais de distribuição diretos e indiretos que promovem e divulgam o CDVRS e as unidades hoteleiras do concelho junto dos potenciais clientes, nomeadamente, os próprios serviços desportivos municipais e um conjunto de agências de viagens e intermediários que operam no turismo desportivo. Em termos de comunicação, o CDVRS dispõe de um *website* próprio na internet que permite a apresentação das instalações desportivas e dos serviços que são prestados pelo CDVRS. São também produzidas brochuras e *flyers* e enviados mailings para os potenciais clientes. Ao nível da representação externa e relações públicas, o município de Vila Real de Santo António tem marcado presença na convenção anual da AEA, em que são desenvolvidos contactos com os responsáveis das federações de atletismo dos vários países europeus. Relativamente à variável preço, os questionários aplicados permitem-nos concluir que 42% dos clubes assume uma estimativa de

consumo num valor que poderá variar entre os trinta e os quarenta euros na diária por cada atleta (diária que engloba os custos da estadia em pensão completa e os custos com a utilização das instalações desportivas). Relativamente a 38% das federações, o valor estimado como gasto na referida diária está compreendido entre os quarenta e os quarenta e cinco euros. Esta maior propensão ao gasto por parte das federações também foi confirmada neste estudo através dos orçamentos para a realização de estágios no estrangeiro durante o ano de 2013 indicados pelas federações, onde se salientou a Federação de Atletismo da Polónia ao apresentar o maior orçamento anual (400.000,00 €). No entanto, devemos referir que as federações de atletismo da Alemanha e da França, apesar de não terem respondido ao questionário, não tendo sido assim possível obter o orçamento destas importantes federações, são das que mais investem em estágios desportivos e são clientes atuais do CDVRSa.

Desta análise exposta, ressalta o facto de existir um maior potencial económico por parte das federações, em comparação ao verificado por parte dos clubes, implicando que o mercado prioritário do CDVRSa, bem como da sua principal concorrência, deverão ser as federações desportivas internacionais, o que aliás parece ser a visão dos responsáveis desta área no município de Vila Real de Santo António.

De acordo com Fuertes (2006), o conhecimento do sector do turismo desportivo, a análise precisa da incidência económica, a avaliação dos custos e dos benefícios dos acontecimentos desportivos e da repercussão que a promoção do turismo desportivo pode ter na comunidade local, serão fatores determinantes para decidir qual a política de turismo desportivo mais apropriada para cada comunidade. Nesta perspetiva, em face das principais conclusões alcançadas no presente estudo, realçaremos de seguida, um conjunto de medidas que visam potenciar o desenvolvimento dos serviços desportivos municipais direcionado para o turismo desportivo ativo na vertente dos estágios desportivos, constituindo-se o CDVRSa como infraestrutura âncora deste processo. Essencialmente, o conjunto das sugestões visa melhorar a qualidade dos serviços, aproveitando todos os instrumentos de

gestão disponíveis, considerando-se fundamentais os fatores ligados à estratégia de comunicação com o mercado no âmbito da função do marketing, pelo que julgamos que devem ser alvo de cuidado especial num futuro próximo por parte da equipa de gestão do CDVRSa. Deste modo, as medidas propostas são as seguintes:

- (1) Elaboração de um plano de marketing específico para o sector do turismo desportivo que promova o destino e a marca CDVRSa;
- (2) Potenciar as parcerias com as federações desportivas nacionais para a promoção internacional do CDVRSa junto das suas federações congéneres, fomentando a atração de estágios e eventos desportivos;
- (3) Constituir uma comissão local que integre os agentes desportivos e turísticos locais, de modo a identificar as oportunidades de desenvolvimento de projetos, os interesses e as necessidades de ambos os sectores;
- (4) Aproveitar a notoriedade internacional do CDVRSa no âmbito do atletismo, para dinamizar ações de gestão do conhecimento através da organização conferências e seminários para treinadores e dirigentes;
- (5) Promover a formação contínua dos recursos humanos que integram a estrutura do CDVRSa, ao nível do atendimento, da qualificação linguística e na organização dos serviços a oferecer ao cliente;
- (6) Potenciar a presença no CDVRSa de atletas e treinadores de elite para promover, incentivar e inspirar a população jovem local para a prática desportiva, numa perspetiva de desenvolvimento social e da subcultura desportiva da região;
- (7) Investir em materiais e equipamentos de treino inovadores que garantam a melhoria da qualidade da oferta, de acordo com as tendências atuais e necessidades dos clientes;
- (8) Criar uma plataforma de reservas *online*, tendo em vista facilitar aos potenciais clientes a informação necessária para adquirir os serviços desportivos do CDVRSa e que possibilite a gestão da relação com o cliente de um modo mais célere e eficiente;

- (9) Participar em feiras e congressos internacionais relacionados com o turismo e/ou desporto de modo a promover o concelho enquanto destino de prática desportiva;
- (10) Desenvolver uma estratégia conjunta com os serviços médicos da clínica do Hospital Particular do Algarve que permita definir a oferta dos serviços de medicina desportiva, de acordo com os interesses e necessidades dos desportistas que utilizam o CDVRSa.

Realçamos ainda que, em futuras investigações, se devem colmatar algumas limitações da presente investigação:

- (a) O instrumento de recolha de dados deverá ser afinado de modo a passar a considerar outro tipo de variáveis importantes da procura, tais como: conhecimento das preferências ao nível do tipo de alojamento; conhecimento das preferências ao nível do usufruto de atividades complementares (culturais ou outras) no destino; conhecimento das fontes de acesso à informação relativa à existência do CDVRSa; e saber se recomendavam (ou não) o CDVRSa a outro clube e/ou federação.
- (b) A amostra deverá ser alargada e estruturada de tal forma que represente o universo em estudo.

Salientamos, por último, que este estudo nos permitiu conhecer e entender a importância do CDVRSa no desenvolvimento económico e turístico do concelho. No entanto, os benefícios para a comunidade local advindos da atividade desenvolvida pelo CDVRSa são mais vastos, influenciando nas áreas sociais e desportivas, o que é resultante dos investimentos em espaços desportivos que visam, simultaneamente, potenciar a oferta de serviços de turismo desportivo e dar legítima resposta às necessidades da população do concelho.

Referências bibliográficas

Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Câmara Municipal de VRSA (2013). Boletim estatístico nº 26.

Disponível em http://www.cm-vrsa.pt/NR/rdonlyres/F4C8DAC7-A1D6-4FFE-9512-AE8AB46C090B/0/Boletim26VRSA_final.pdf

Câmara Municipal de VRSA (s.d.). Guia Turístico de Vila Real de Santo António.

Disponível em <http://www.cm-vrsa.pt/NR/rdonlyres/50BA7B2E-DEFB-4535-9115-F6D6DB42ABEA/0/GuiaTuristicoPortugues.pdf>

Chalip, L. (2004). Beyond impact: a general model for sport event leverage. In B. Ritchie & D. Adair (Eds), *Sport tourism: interrelationships, impacts and issues* (pp. 226-252). England: Channel View Publications.

Collins, M., & Jackson, G. (1999). The economics of sport tourism. In J. Standeven & P. De Knop (Eds), *Sport Tourism* (pp. 170-201). USA: Human Kinetics.

Comité Económico e Social Europeu (2005). Turismo e Desporto: reptos futuros para a Europa. Disponível em

<http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2005:157:0015:0021:PT:PDF>

Conselho da Europa (1992). Carta Europeia do Desporto. Disponível em <http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc120.pdf>

Cunha, L. (2003). *Introdução ao Turismo* (2ª ed.). Lisboa – São Paulo: Editorial Verbo.

Cunha, L. (2007). *Os Espaços do Desporto. Uma Gestão para o Desenvolvimento Humano*. Coimbra: Edições Almedina.

Fuertes, J. (2006). Turismo Deportivo y Desarrollo Local. In KAIT, *Deporte, Gestión y Municipio. Aspectos clave* (pp. 365-384). Edición Especial para el II Congreso Ibérico de Gestores del Deporte.

Glytis, S. (1981). People at play in the countryside. *Geography*, 66, 277-285.

Hall, M. (2005). Sport tourism planning. In J. Higham, *Sport Tourism Destinations: Issues, opportunities and analysis* (p.103). Elsevier Butterworth-Heinemann

Higham, J. (2005). *Sport Tourism Destinations: issues, opportunities and analysis*. Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann

Hinch, T., & Higham, J. (2001). Sport Tourism: a Framework for Research. *International Journal of Tourism Research*, nº 3, 45-58.

Hinch, T., & Higham, J. (2004). *Sport Tourism Development*. England: Channel View Publications

IAAF (2012). IAAF Accredited Training Centres: Guidelines. Disponível em <http://www.iaaf.org/about-iaaf/documents>

INE (2013). Anuário Estatístico da Região do Algarve 2012.

Disponível em

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=209571480&PUBLICACOESmodo=2

Marques, M. (2005). *Turismo e Marketing Turístico*. Mem Martins: Edições CETOP.

Mayring, P. (2000). Qualitative content analysis. *Forum Qualitative Social Research*, 1(2).

Disponível em <http://qualitative-research.net/fqs/fqs-e/2-00inhalt-e.htm>

McIntosh, R., Goeldner, C., & Ritchie, J. (1995). *Tourism principles: practices and philosophies*. (7th ed.). New York: Wiley.

NERA (2008). Associação Empresarial da Região do Algarve. Estudo de caracterização da Estrutura Económica do Algarve. Disponível em http://www.cria.pt/cria/admin/app/CRIA/uploads/ceea_final.pdf

Organização Mundial do Turismo (1994). Recommendations on Tourism Statistics. Disponível em http://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM_83e.pdf

Organização Mundial do Turismo (1995a). Technical Manual nº1 – Concepts, Definitions and Classifications for Tourism Statistics. Disponível em <http://pub.unwto.org/WebRoot/Store/Shops/Infoshop/Products/1033/1033-1.pdf>

Organização Mundial do Turismo (1995b). Technical Manual nº2 – Collection of Tourism Expenditure Statistics. Disponível em <https://pub.unwto.org/WebRoot/Store/Shops/Infoshop/Products/1034/1034-1.pdf>

Organização Mundial do Turismo (2008). International Recommendations for Tourism Statistics. Disponível em http://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM_83rev1e.pdf

Organização Mundial do Turismo (2013). Tourism Highlights. Disponível em <http://www.e-unwto.org/content/hq4538/fulltext.pdf>

Pereira e Carvalho (2004). Desporto e Turismo: modelos e tendências. Disponível em http://www.fch.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/CEPCEP/POVOS%20E%20CULTURAS_9.pdf

Pereira, E. (2006) - Serviços de Desporto: Desporto e Turismo. *Revista Portuguesa de Gestão de Desporto*, ano 3, nº1, p. 33-56.

Pires, G. (2007). *Agôn - Gestão do Desporto*. Porto: Porto Editora.

Reeves, M. (1999). Evidencing the Sports Tourism Interrelationships: A case study approach. Disponível em <https://dspace.lboro.ac.uk/dspace-jspui/bitstream/2134/7335/3/Thesis-1999-Reeves.pdf>

Ritchie, B. & Adair, D. (2004). *Sport Tourism: Interrelationships, Impacts and Issues*. England: Channel View Publications.

SGU-VRSA (2013). Relatório de Gestão e Contas da SGU-VRSA, E.M., S.A. de 2012. Disponível em http://www.vrsasgu.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=99&Itemid=311

Standeven, J., & De Knop, P. (1999). *Sport Tourism*. USA: Human Kinetics.

Tocquer, G. e Zins, M. (2004). *Marketing do Turismo*. Lisboa: Instituto Piaget

Turismo de Portugal (2007). Plano Estratégico Nacional do Turismo. Disponível em <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202007.pdf>

Weed, M., & Bull, C. (1997), *Integrating Sport and Tourism: A review of regional policies in England*. Progress in Tourism and Hospitality Research Vol. 3 by John Wiley & Sons, Ltd. (1997)

Weed, M., & Bull, C. (2004), *Sports tourism: participants, policy and providers*. Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann

Weed, M. (2008). *Sport & Tourism: A reader*. London: Routledge.

Yin, L. (2003). *Case Study Research: Design and Methods*. 3rd edition.
Philadelphia: Sage Publications.

Zikmund, W., & Babin, B. (2012). *Essentials of marketing research* (5th ed.).
Mason, OH: Cengage Learning.